

Convergência

Novembro e Dezembro • 2022 • ANO LVII



Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Padre João da Silva Mendonça Filho, sdb
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Padre Paulo Alessandro, oar
Padre Jaldemir Vitório, sj
Irmão Lauro Daros, fms
Irmã Nivalda Milak, fdz
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp

Projeto Gráfico e Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Padre João Mendonça Filho, sdb
Revisão Geral: Prof. Romulo Ramos Ximenes (especialista)
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da Capa: Padre Reinaldo Leitão, rcj

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II

70393-900 – Brasília - DF

Tel.: (61) 3226-5540

E-mail: publicacoes@crbnacional.org.br / pe.mendonca@hotmail.com

www.crbnacional.org.br

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas

do PDF sob o n. P. 209/73



Editorial

Ressignificar - Centralidade em Jesus Cristo, Missionariedade e Sinodalidade.....	5
--	---

Mensagens

Hino da 26ª Assembleia Geral Eletiva	10
Oração pela 26ª AGE.....	11
Mensagem na Abertura da 26ª AGE	12
Mensagem do Cardeal Dom João Braz de Aviz.....	15
Mensagem de Dom Walmor Oliveira de Azevedo.....	18
Mensagem da Presidente Eleita	20
Mensagem Final da 26ª AGE	21

Informe

Carta Aberta, aos Superiores Maiores, Provinciais e toda Vida Religiosa Consagrada do Brasil	23
---	----

Textos

Horizontes e Prioridades	26
Diretoria e Conselho Fiscal da CRB.....	28
Cenários que clamam por resignificação da VRC Hoje	30
<i>Fr. Luiz Carlos Susin, ofmcap</i>	
Mesa: Cenários contemporâneos e a resignificação da Vida Religiosa Consagrada	36
<i>Ir. Laura Vicuña, CF</i>	

4	Ressignificar a Vida Religiosa e Consagrada em uma Igreja sinodal Travessia sinodal, em Igreja e para o Reino	42
	<i>Gloria Liliana Franco Echeverri, odn</i>	
	Acenos despreziosos sobre a Vida Religiosa Consagrada	59
	<i>Frei Oton da Silva Araújo Júnior, ofm</i>	
	Cenários da realidade e apelos à ressignificação da Vida Religiosa Consagrada.....	69
	<i>Daniel Seidel</i>	
	<i>Artigos</i>	
	Centralidade em Jesus Cristo	73
	<i>Pe. João Mendonça, sdb e Ir. Sueli Bellato, CSA</i>	
	Missionariedade	80
	<i>Ir. Edgar Genuino Nicodem, fsc e Ir. Susana Rocca, mcr</i>	
	Sinodalidade, Missão e Vida Religiosa Consagrada	92
	<i>Rafael Lopez Villasenor, sx e Joaquim Andrade, svd</i>	
	<i>Apêndice</i>	
	26ª AGE e Programação	107



RESSIGNIFICAR CENTRALIDADE EM JESUS CRISTO, MISSIONARIEDADE E SINODALIDADE

PE. JOÃO DA SILVA MENDONÇA FILHO, SDB

Caríssimo(a) leitor(a) da Revista *Convergência*, a nossa 26ª Assembleia Geral Eletiva foi serena, participada e movida pela RUAH Divina, que transbordou em cada um de nós, tanto presencial quanto online. Um momento de graça, como são todas as ações que nascem, realizam e tornam-se referência à luz da Palavra de Deus.

Nesta edição da *Convergência*, você encontrará os principais textos que foram elaborados para reflexão sobre os eixos temáticos, as mensagens pronunciadas, nos vários momentos, o horizonte e as prioridades para o triênio que estamos iniciando. É nosso desejo que esta edição seja

uma referência histórica deste momento.

A Ir. Maria Inês abriu a Assembleia com palavras de ânimo, gratidão e manifestou sua união com os sofrimentos de Jesus, que ela mesma experimentou, quando acometida de problemas de saúde. Tudo oferecido pela fidelidade dinâmica da VRC ao Evangelho. Esta mensagem você encontrará na abertura da edição, com o título *Mensagem na abertura da 26ª Assembleia Geral da CRB*.

Com muita alegria e satisfação, acolhemos as mensagens do cardeal Braz de Aviz, presidente do Dicastério dos Institutos de Vida Consagrada e as sociedades

de Vida Apostólica e de Dom Walmor de Azevedo, presidente da CNBB. Ambos nos encorajaram a continuar firmes no caminho sinodal permanecendo no amor de Jesus.

A Ir. Glória Liliana Franco Echeverri, odn, presidente da CLAR, esteve conosco durante a Assembleia e nos brindou com o tema Resignificar a Vida Religiosa Consagrada em uma Igreja sinodal: Travessia sinodal, em Igreja para o Reino. Com o olhar experiente de quem segue atenta ao movimento da VRC no Continente, ela nos orientou a encontrar os caminhos da resignificação à luz da sinodalidade, deixando-se mover e transbordar pelo Espírito Santo.

Após sua aclamada eleição, como presidente da CRB Nacional, a Ir. Eliane Cordeiro, mercedária da Caridade, de forma simples, porém, contundente, enviou a todos nós uma mensagem de confiança, no espírito de comunhão e participação, desejosa de que a missão que vai iniciar seja pautada na Centralidade em Jesus Cristo, Missionariedade e Sinodalidade.

Após escuta, reflexão em grupos e intensa colaboração, deixando que o Espírito de Deus guiasse nossas buscas mais profundas, chegamos ao grande Horizonte que orientará a VRC no Brasil com as prioridades. Os três eixos temáticos formam a bússola para

que este triênio possa garantir continuidade e avanço.

A nova Diretoria e Conselho fiscal foram eleitas à luz do horizonte e das prioridades. Avaliamos e propomos perfis de lideranças que possam manter viva a chama da missão da VRC no Brasil. Acompanhem com nossas orações esta Equipe de serviço e colaboração para que nossos caminhos sejam os caminhos de Deus.

Com a Diretoria eleita e o rumo da VRC, no Brasil para 2022-2025, aprovamos a Mensagem final da 26ª AGE, fazendo ecoar, em nossas palavras, as angústias e esperanças do momento atual, mantendo vivo desejo de sermos perseverantes no valor da vida, dos Direitos Humanos, a ecologia integral, a dignidade de cada pessoa e a construção de relações humanizadas e humanizadoras à luz do Evangelho.

A análise de conjuntura sobre a VRC, neste momento do Brasil, foi apresentada pelo Frei Oton Silva, ofm e equipe interdisciplinar da CRB. Com o título Acenos despretensiosos sobre a Vida Religiosa Consagrada, a análise nos ajuda a refletir sobre as vocações, a convivência entre as gerações, a fraternidade e seus limites e o Espírito de Deus que nos dá esperança de seguir adiante.

Frei Carlos Susin, ofmCap, proporcionou a Assembleia um valioso texto sobre Os cenários que clamam por ressignificação da VRC hoje, alguns chamados foram feitos por ele: situar-nos com realismo, no momento atual, o descontrole das mídias sociais que podem nos distrair ou alimentar rancores, a necessidade de ressignificar o ser humano e nos recordou o chamado de São Paulo VI a sermos empreendedores, apóstolos(as) e generosos(as).

A experiência da 6ª Experiência missionária das novas gerações, no Município de Maracajá/PA, poderia até passar despercebida, se não fosse uma bela e profunda carta dos jovens religiosos(as) que ecoou na Assembleia, chamando a todos(as), sobretudo os provinciais, a mover a VRC a sair de si mesma, deixando o coração arder, com atenção aos clamores dos mais pobres, propondo que se concretize a presença de uma comunidade intercongregacional itinerante e que caminhe com o povo.

Na vivência de todo o processo da 26ª AGE, foi significativo o esforço da equipe interdisciplinar, na reflexão do eixo, temático com três valiosas contribuições. O artigo sobre o primeiro eixo a Centralidade em

Jesus Cristo, elaborado pelo padre João Mendonça, sdb e Irmã Sueli Bellato, csa, convocando-nos a nos deixar plasmar pelo Espírito Santo, a nascer de novo e a sermos morada de Deus. O segundo artigo sobre o eixo Missionariedade, de autoria do Irmão Edgar Nicodem, fsc e Irmã Susana Rocca, mcr, com a reflexão sobre o valor da missão, o querigma missionário, a revisão das estruturas eclesiais à luz da missão, a espiritualidade missionária, a opção pelos pobres e a VRC como missão carismática. O terceiro texto, elaborado pelo padre Rafael Lopez Villasenor, sx e Pe. Joachim Andrade, svd, sobre o eixo Sinodalidade, Missão e Vida Religiosa Consagrada, destacou o caminho da sinodalidade na história da Igreja, a sinodalidade no pontificado do Papa Francisco, a Assembleia Eclesial da América Latina e do caribe e o desafio sinodal para a VRC. Os três eixos apresentados com profundidade e que permanecem como referência para o nosso agir.

Anexamos, também, dois apêndices, sobre o processo pré-Assembleia e a programação, para que a memória e a rica experiência vivida não se apague. Assim, caro leitor(a), apresentamos o caminho percorrido. Como bem disse a nova presidente: DEUS SEJA LOUVADO!



DO CORAÇÃO DE JESUS, CHAMADOS À SINODALIDADE - TRIÊNIO 2022 - 2025

Ir. Luiz Carlos Lima, FMS.

O convite de Jesus para que “permaneçamos em seu amor” (cf. Jo 15,9), dentro de uma lógica de sinodalidade e profecia, é também convite para sairmos ao encontro de todos quantos se aproximarem de nós, a promovermos diálogos fecundos, a cultivarmos esperança e fraternidade onde estivermos.

Ao contemplarmos esta arte, especialmente criada para a 26^a Assembleia Geral Eletiva (AGE) da CRB, podemos reconhecer alguns elementos que intentam dialogar com quem os observa. O primeiro deles é o próprio Jesus, que é apresentado como o Caminho que nos leva ao Pai (cf. Jo 14,6); entre suas mãos, é possível distinguir um caminho, cuja meta é o Reino de Deus que, gradativamente, vai se concretizando na história. O terceiro elemento é um conjunto de pessoas, de diferentes estados de

vida e tipos físicos, que representam a diversidade de vocações e carismas existentes na Igreja. O fato de terem sido esboçadas sem cores e caminhando juntas é um convite para que nos reconheçamos nelas e, assim, completemos a arte com nosso próprio rosto, nossa história e chamado.

Há ainda um grande coração, que evoca a palavra bíblica que iluminará a preparação e a realização da 26ª AGE: “permanecei no meu amor”. O coração, que está transpassado por pessoas, cores e símbolos culturais, representa a comunidade eclesial e, em especial, a vida religiosa, chamadas a ser, por amor, espaço aberto para a acolhida, a proteção e a promoção da pessoa humana; é também um expressivo símbolo vocacional que nos lembra que o chamado à vida religiosa consagrada é um convite feito pelo próprio Jesus ao coração de cada um de nós, religiosos e religiosas.

O último elemento da arte é uma árvore que brota do coração de Jesus, símbolo que nos remete, por exemplo, à ecologia integral, ao cuidado da vida humana, à profundidade nas relações interpessoais. Ao mesmo tempo, é um convite à profecia e à esperança, a fincar raízes no coração Daquele que nos escolheu, formou e enviou como membros de uma Igreja missionária, servidora do Reino da vida.

Esta arte, em cada um de seus elementos, quer nos animar, enquanto Vida Religiosa, a mostrar ao mundo o rosto de uma Igreja sinodal, que deseja ser sinal de esperança em nosso tempo e lugar. As mulheres e homens consagrados, como sujeitos eclesiais, devem, assim, caminhar em sinodalidade, oferecendo ao mundo a força e a beleza daquilo que têm aprendido no seguimento de Jesus Cristo: uma fraternidade universal, vivida em missionariedade profética, gerada num coração apaixonado por Deus e pela pessoa humana.



HINO DA 26ª ASSEMBLEIA GERAL ELETIVA

LETRA E MÚSICA: PADRE OSMAR BEZUTTE, SDB

1. Há um apelo ecoando pela Igreja:
"Novo sentido" em caminho sinodal:
Dialogar e cultivar a esperança,
Profetizar a ecologia integral.
- R: O Coração Divino diz:**
"Permanecei em meu amor".
Centralidade em Jesus Cristo
Na alegria e na dor.
2. Fincar raízes nesse Coração que chama
É ser Igreja servidora e missionária,
Fazer brotar fraternidade na história:
É nossa vida consagrada solidária.
3. Trindade Santa, ensinai-nos a dar passos
sendo fiéis, com ousadia e profetismo;
dai-nos coragem nestes tempos tão difíceis,
pregando o Reino, combatendo o comodismo.
4. Ó Santo Espírito, das coisas sempre novas,
tocai o nosso coração pro vinho novo:
discipulado em missão, caminhar juntos,
sororidade universal com nosso povo!

ORAÇÃO PELA 26ª AGE

Ó Trindade Santa, fonte de Sabedoria e Fecundidade, vos apresentamos nossa Vida Consagrada, nesse tempo favorável de preparação e realização da 26ª Assembleia Geral Eletiva.

- Ensinai-nos a dar passos que respondam aos sinais dos tempos, com fidelidade, ousadia e profetismo.
- Ajudai-nos a manter o ânimo e a coragem diante da dura realidade, nestes tempos de pandemia, para anunciar o significado do Reino de Deus.
- Espírito de vida, Espírito do novo, dai-nos sensibilidade de coração na dinâmica de “Ressignificar nossa Vida Religiosa Consagrada, em uma Igreja Sinodal”. Que possamos viver, com novo vigor o chamado de Jesus: “Permanecei no meu Amor” (Jo 15,9).
- Que nossa Assembleia nos impulsione a uma transformação de nós mesmas, nós mesmo; que redescubramos com entusiasmo e alegre esperança o “a Centralidade de Jesus Cristo em nossas vidas, que hoje nos chama ao discipulado, à missionariedade, à sinodalidade, à abertura para as novas gerações e à fraternidade/sororidade universal.

Nossa Senhora Aparecida e todos os nossos fundadores e fundadoras nos acompanhem na preparação e vivência da nossa Assembleia, caminhando juntas, em escuta e discernimento da Vontade Divina. Amém

MENSAGEM NA ABERTURA DA 26ª ASSEMBLEIA GERAL DA CRB

IR. MARIA INÊS VIEIRA RIBEIRO, MAD
PRESIDENTE DA CRB

Minhas queridas Irmãs,
meus queridos Irmãos na Vida
Consagrada

Chegamos a 26ª Assembleia
Geral Eletiva da CRB, a gran-
de Congregação do Brasil.
Nessa missão, de colaborar na
animação da Vida Religiosa
Consagrada do Brasil, estou
desde 2013 e, neste momento,
meu sentimento é de gratidão
a Deus, Divina e Trina Ternura,
por tudo o que vivi nesse pre-
cioso tempo! Não eu, mas toda a
Vida Religiosa Consagrada que
abraça a Conferência como parte
da sua Família Religiosa.

Durante esse tempo e em toda
a minha Vida Consagrada, quase
53 anos, busquei viver intensa-
mente e com plena clareza que o



Senhor me chamou a essa vida,
que acima de tudo é fundamen-
tada nas palavras e exemplos
de Jesus. “A Vida Religiosa
Consagrada é um dom divino
que a Igreja recebeu do seu
Senhor e por sua graça, sempre
conserva”(cf.LG 43).

Nada mais desejei, em todas
as atividades, eventos, partici-
pações, desafios, dificuldades,

tristezas e alegrias, que buscamos juntos e juntas fidelidade à missão confiada a cada Instituto, missão essa de acolhida, ternura, respeito e luta pela dignidade de todos os seres humanos, particularmente os mais pequenos, sofridos, pobres e abandonados.

Tenho consciência dos meus limites, mas louvo ao Senhor pois, nesses 09, anos nós crescemos como Organismo do Povo de Deus, uma Conferência no caminho sinodal. Experiências vividas com as mais diversas realidades, com a CNBB, a CLAR, o CIMI, a Cáritas, a Rede Um grito pela vida, a Rede Clamor, Conselho Indigenista Missionário etc. Em quantas ações, em favor da vida e dos mais vulneráveis, estivemos juntos. A CRB passou a frente na iniciativa de proteção da criança e adolescentes, contra o abuso sexual e vem se empenhando com seriedade. Motivamos as ações intercongregacionais, dando total apoio e acompanhando as Comunidades Intercongregacionais, principalmente do Haiti e Pemba, e também as ações em rede, como a ANEC e muitas outras.

Seguimos Jesus Crucificado/ Ressuscitado! Fiz, também, a experiência da dor, da incerteza, da dúvida e da doença. Por duas vezes o Senhor me provou

e me salvou em situações limites, manifestando claramente que necessitava desses braços e deste coração para amar e servir a Vida Consagrada. Sou muito agradecida ao Deus da Vida e pela oração e unidade de tantos Irmãos e Irmãs.

Estamos aqui, uma significativa porção da Vida Religiosa Consagrada do Brasil, representando muitos Institutos numa busca sincera de revitalizar nossa vida nesse tempo, nessa realidade que vivemos, e ser fermento, sal e luz nessa civilização plural, extremamente polarizada, sonhando uma autêntica democracia.

Estamos aqui para prosseguir a missionariedade dos nossos pés e, partindo disso, reinventar a missão. Como desejamos que nossa Assembleia tenha como grande fruto o crescimento do ardor missionário entre os Consagrados e Consagradas do Brasil!

O processo de animação da vida religiosa exige, de nós, doação plena num compromisso profético e testemunhal, alegria e humildade. Quantas vezes nos pede não apagar “a chama que ainda fumeja”

(Is 42,3)? A missão alarga nossos horizontes e nos faz mais fortes para ir ao encontro das pessoas que são sedentas da Palavra de Deus.

Corramos juntos e juntas, pois correr atrás dos nossos sonhos é, basicamente, o que nos impulsiona a viver. Mesmo desanimadas \ os, às vezes, e diante de enormes desafios, precisamos fortalecer dentro de nós a certeza de que **SEGUIR JESUS E SEU PROJETO DE VIDA** é o maior ideal pelo qual queremos viver, ou melhor é o **ÚNICO!** “Permaneço no meu amor” (Jo 15,9)

Obrigada minha irmã, obrigada meu irmão por me darem a possibilidade de servir a Vida Consagrada do Brasil. Um abraço e rezem por mim, para que eu prossiga amando e servindo com alegria.

Um grande abraço em cada um e cada uma.

Brasília, 19 de julho de 2022



Fotos arquivo CRB: Equipe CRB Nacional

MENSAGEM DO CARDEAL DOM JOÃO BRAZ DE AVIZ, PRESIDENTE DO DICASTÉRIO DOS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADE DE VIDA APOSTÓLICA

Saudações a todos(as) vocês com alegria.

Temos rezado aqui em Roma, na nossa casa, por todos(as) vocês, por este momento que é de simplicidade, mas de grande importância nesse caminho que está sendo realizado na Igreja. Este é um compromisso que vem sendo realizando há bastante tempo, e que precisa se aperfeiçoar, que é o caminho da sinodalidade.

Este título que foi colocado como tema, parece-me muito importante, no sentido de que é preciso olhar com um novo modo de existir, de forma prática, em toda vida cristã, mais ainda, da nossa VRC. Então, este caminhar junto significa, agora, a passagem de uma espiritualidade prevalentemente individual para uma mais sinodal, de assembleia, como corpo, comunidade. Isso, para nós, é uma passagem que



todos estamos aprendendo como Igreja. Todos realmente. Nós, aqui, sentimos tudo isso bem de perto pela força do testemunho do Papa Francisco que nos tem dado muito estímulo. Eu manifesto a alegria de saber que vocês estão focados(as) nesse tema, buscando, justamente, facilitar esse caminho.

Desejo recordar alguns aspectos que temos meditado, aqui, e que

precisa realmente ser trabalhado para o caminho sinodal se realize.

A primeira coisa que vem à tona é uma nova síntese que precisamos realizar. Uma nova síntese na qual as nossas diversidades individuais sejam compostas numa nova realidade. E, aqui, entra como matéria prima todas nossas diversidades de caráter, de culturas, de carismas, de sensibilidades de histórias pessoais, por vezes, muito sofridas tanto da nossa parte como, também, dos nossos institutos de existência, de comunhão e alegria fraterna... de uma nova escolha que precisa ser feita entre as estruturas que se tornaram muito grandes e as pessoas que estão se tornando menos, poucas. Precisamos fazer uma escolha com coragem, isto é, deixar as estruturas num tamanho possível para servir os outros e cuidar deles. Se formos cuidar das estruturas para perder as pessoas, com todas as exigências que elas têm, acabaremos por não aguentar nem as estruturas e perderemos também as pessoas.

Outra questão que precisamos, hoje, antes de resolver os problemas, antes de fazer tantos aprofundamentos, é que temos que dar espaço para encontrar o irmão, a irmã naquilo que eles estão vivendo no momento presente, no momento em que estão experimentando a VRC. Então, a acolhida torna-se a primeira

fonte do nosso encontro. Não pode ser um plano, não pode ser o desejo de convencer o irmão ou de criar uma nova estrutura que, para nós, pareça bem para passar para ele, mas de nos aproximar com a atitude de acolhida profunda. Saber entrar na dor do irmão, na alegria da irmã, e, depois, juntos, encontrar soluções muito melhores do que aquela que temos na cabeça.

Uma outra questão que, aqui na Europa, temos procurado estar muito atentos, é a de superar o modo de nos relacionar entre as culturas. Acredito que já passou o tempo de se pensar em culturas hegemônicas, que existe uma cultura mais importante do que a outra. Isso não existe mais. A cultura é a experiência de um povo, construída com tanto sofrimento, por tanto tempo. Então, ela precisa ser respeitada e amada como ela é, e depois, quanto mais uma cultura se aproximar do Evangelho, naturalmente, mais se aproximará uma da outra, por isso não podemos partir do pressuposto de que há culturas mais importantes do que outras. Isso vale muito, por exemplo, para a Europa, hemisfério norte. Precisamos nos encontrar no mesmo nível e acreditar na riqueza de todas as culturas.

Uma quarta questão que temos que mudar é o uso dos termos superiores e inferiores. Quando você diz superior(a), você diz

inferior. No cristianismo, quando a gente cria superior e inferior, destruimos a fraternidade. Precisamos, agora, estabelecer esse elemento que tem uma importância muito grande, porque a fraternidade está na linha da autoridade, sim, há uma paternidade, uma maternidade, mas não há poder, domínio. Nós entramos nessa questão do domínio, pois tem muita gente como superior(a) que se considera dono(a) do Espírito Santo, por isso, acaba por sufocar o Espírito Santo. Ele está em todas as pessoas. O carisma está presente em todos, e não numa pessoa apenas, ou naqueles que coordenam. Isso precisa mudar profundamente porque foi um estrago na VRC e nós precisamos reformular esse modo de pensar. Depois, é necessário nos encontrarmos, todos nós, carismas, hierarquia, Povo de Deus, a buscar a Luz do Espírito presente no meio do seu povo. O Papa diz que, na questão da nossa

fé, do nosso crer, todos nós somos infalíveis crendo, mas juntos, é isso que precisamos recuperar novamente. Neste sentido, então, temos que construir, de novo, a unidade da Igreja e não, apenas, a do nosso grupo particular, seja ele muito bonito ou não, mas somar com todas as forças da Igreja.

Eu deixo esses pontos que me parecem ser muito importantes para nós, para que possamos caminhar profundamente na vivência da Igreja, da nossa vida de carismas da VRC. Sinto uma alegria imensa por vocês da CRB, que fazem, há tantos anos esse caminho. A nossa força está assim. Que toda esta estrutura da CRB Nacional possa, de fato, servir a esses espaços, novos, que queremos construir.

Muito obrigado por este espaço e pela oportunidade que vocês me deram de participar. Vamos em frente. Estou aí com vocês e continuamos a rezar.

MENSAGEM DE DOM WALMOR OLIVEIRA DE AZEVEDO, PRESIDENTE DA CNBB

Amados(as) irmãos(as), religiosos e religiosas do Brasil

Uma saudação especial e reverente à querida Irmã Maria Inês Ribeiro.

Saúdo a todos(as) que participam desta Assembleia geral eletiva da CRB. Aproveito para dizer à queridíssima Irmã Inês sobre a nossa reverência a ela, de nossa gratidão pela força histórica do seu testemunho e de sua missionariedade, desta mulher admirável, forte e exemplar para todos nós.

“Permaneça no meu amor”. Uma palavra forte do Senhor Jesus que ecoa nesta 26ª Assembleia Geral Eletiva da CRB, preciosíssima indicação para a nossa Igreja neste tempo que somos chamados a ser, cada vez mais, Povo de Deus que caminha unido, Igreja sinodal comunhão, participação e missão. Um jeito de ser Igreja que nos remete às primeiras comunidades



cristãs marcadas por fortes laços de fraternidade, corresponsabilidade. Todos caminhando juntos.

As nossas comunidades religiosas, com as suas alegrias e desafios, orientam-se seguindo aquela forma organizativa que caracterizava a Igreja nascente, todos os que abraçavam a fé viviam unidos e possuíam tudo em comum, como narram os Atos dos Apóstolos.

A VRC, cada uma com seu carisma, é, assim, chamada a testemunhar a sinodalidade, todos protagonistas igualmente responsáveis na missão de

testemunhar o Evangelho. Bem sabemos que evangelizar não é missão fácil, especialmente neste tempo em que tantas coisas estão na contra mão dos princípios cristãos. Coisas que, massivamente disseminadas, estimulam para uma vida egoísta, centrada na idolatria do dinheiro, na busca por uma alegria efêmera incapaz de garantir sentido para a existência humana, mas o chamado de Jesus, “permaneei no meu amor” é, ao mesmo tempo, o bálsamo e uma forte instrução para o coração humano.

Reconhecendo que somos amados, preciosos aos olhos de Deus, não desanimemos. Compreendo que cada pessoa, e todos nós, somos Templo do Espírito Santo. Ao mesmo tempo, permanecendo no amor, somos chamados a desenvolver habilidades para, amorosamente, superar os desafios no mundo, os desafios postos à nossa Igreja, a nossa vida e à vida de nossas comunidades. Assim, firmamos os passos na peregrinação que nos une neste tempo. Todos a caminho do Reino definitivo, com as mãos fraternalmente unidas,

testemunhando a sinodalidade, conforme nos pede o amado Papa Francisco. Peregrinos que consagraram as suas vidas para anunciar o Evangelho, contribuindo para que o mundo creia e se abra para o amor de Deus.

Gratidão à CRB, bonita expressão de nossa unidade, força essencial para avançarmos no caminho da sinodalidade. Os acontecimentos desta 26ª AGE inspiram a vivência da fé em nossas comunidades, contribuindo para que todos permaneçam no amor de Jesus.

Em minhas orações, suplico as bênçãos copiosas de nosso mestre Jesus para a vida de todos(as) e a materna intercessão de nossa Mãe Aparecida, rainha e padroeira do Brasil.

De modo especial, minha gratidão a Irmã Inês e a diretoria cessante. Votos de copiosas bênçãos, grande fecundidade e muita coragem profética à nova presidência eleita. Especial abraço a todos (as) com muita amizade e sempre à disposição.

Dom Walmor Oliveira de Azevedo, Presidente da CNBB

MENSAGEM DA PRESIDENTE ELEITA IRMÃ ELIANE CORDEIRO, MC

Uma saudação carinhosa, sororal e fraterna a todos(as) meus irmãos e irmãs.

Uma saudação muito especial a Ir. Maria Inês, amiga e discípula fiel de Jesus, nesses quase 9 anos de entrega incondicional à VRC.

Aqui estou, mesmo não esperando por isso. Tenho uma missão, atual, muito querida com crianças e adolescentes das comunidades vulneráveis do Rio de Janeiro, então, o coração aperta ter que deixar os meus filhotes, mas quando Deus chama, Ele envia e Ele capacita. É neste desejo de humilde serviço à VRC, contando com todos os religiosos(as) do Brasil, com a Diretoria, com as Comissões, todas as equipes que vão colaborar que, vamos tentar dar vida, concretizar aquilo que é o desejo, neste momento para a VRC; enquanto serviço aos pobres. Enquanto centralidade na pessoa de Jesus, com as grandes dimensões da missionariedade,



pois, não tem sentido a nossa vida sem a missão, e a sinodalidade, a Igreja que o Papa pede: Uma Igreja em saída, de comunhão. Então, na minha vulnerabilidade, na minha pequenez, coloco-me a serviço e desejava de, com todos vocês, empreender esta nova caminhada. Que Deus seja louvado!

Com o meu fundador, que me acompanha, eu sou mercedária de Deus para esse momento da história. Obrigada!

MENSAGEM FINAL DA 26ª ASSEMBLEIA GERAL ELETIVA - CRB

Como religiosas e religiosos do Brasil, reunidos(as) na 26ª AGE, nos dias 19 a 22 de julho de 2022, mergulhadas(os) nos desafios dos contextos atuais, fomos interpeladas(os) a darmos uma resposta comprometida com a vida onde ela grita, nas periferias existenciais e geográficas.

Convocadas(os) a ressignificar a Vida Religiosa Consagrada (VRC) numa Igreja sinodal, guiadas(os) pela Palavra de Deus, com o testemunho das mulheres da aurora (Lc 24,1-12), esquecidas e silenciadas, que atravessam a noite escura, sentimo-nos inspiradas(os) a permanecermos no amor de Jesus Cristo (Jo 15,9).

Imbuídas(os) pelos três temas eixos – Centralidade em Jesus Cristo, Sinodalidade e Missionariedade – vivenciamos uma experiência de conversão, que nos desafia a abraçarmos com maior compromisso

o discipulado de Jesus Cristo, mantendo os olhos abertos à realidade, os ouvidos atentos, os pés unidos no caminhar do povo de Deus e de mãos dadas na intercongregacionalidade e interculturalidade, sendo uma VRC em saída, aberta às novas gerações, fortalecendo a comunidade com os leigos(os) que caminham conosco.

Diante de uma necropolítica que ameaça a democracia, que instrumentaliza a vida, destrói os corpos, desencadeia a morte e faz morrer; comprometemo-nos com o valor da vida, os direitos humanos, a ecologia integral, a dignidade de cada pessoa e as novas formas de relações humanizadas e humanizadoras.

Num exercício permanente de reconciliação, fazemos nosso sincero pedido de perdão pelas nossas atitudes, tantas vezes autoritárias, nas relações, individualistas, cômodas e à doença

do clericalismo’. Queremos ser tecedores(as) da esperança, da beleza do evangelho, na construção de um horizonte de comunhão e vida plena.

Agradecemos de coração à Ir. Maria Inês Vieira Ribeiro, mad, e sua equipe, sobretudo, por sua presença carismática e profética em vários âmbitos da Igreja do Brasil, pelos processos de inserção da VRC nos diversos desafios religiosos e sociais.

Acolhemos com afeto e esperança a Irmã Eliane Cordeiro de

Souza, mercedária da caridade, nova presidente da CRB e a nova Diretoria eleita para o triênio 2022-2025.

Que a Ruah Divina, faça arder o nosso coração e nos conceda a fé das mulheres da aurora. Que Nossa Senhora Aparecida e nossos santos(as) fundadores(as) abençoem e fortaleçam nossa missão como VRC no Brasil.

Brasília, 22 de julho de 2022,

*Festa de Santa Maria Madalena,
a mulher da aurora.*



Foto: Arquivo CRB Nacional - 26ª AGE



CARTA ABERTA, AOS SUPERIORES MAIORES, PROVINCIAIS E TODA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA DO BRASIL

“Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei.” (Mt 28, 18-20).

O Projeto Missão Jovem da Vida Religiosa Consagrada na Amazônia, promovido pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), nasceu a partir de uma inquietação pós Jornada Mundial da Juventude, no Brasil, em 2013, que oportuniza uma experiência missionária para jovens religiosos/as participantes dos Grupos das Novas Gerações. Queremos reafirmar a importância da participação e envolvimento dos jovens consagrados, de até 10 anos de votos perpétuos, nos grupos das Novas Gerações Regionais.

A 6ª edição da Missão Jovem na Amazônia aconteceu entre os dias 05 a 16 de julho do presente ano, na Paróquia São José em Maracajá, Distrito do Município de Novo Repartimento no Estado



Foto: Arquivo CRB Nacional

do Pará. Participaram 64 missionários/as, entre os quais Religiosos/as e Cristãos Leigos, vindos de diversas partes do Brasil. Foram dias de profunda experiência

com Deus que se revelou nas pessoas, nas famílias visitadas, nas Celebrações, nas vicinais, nas Comunidades, nas Vilas, permitindo renovar nosso ardor pelo chamado e pelo serviço a vida em suas múltiplas expressões.

Fomos divididos em quatro Paróquias: Maracajá, Pacajá, Gelado e Novo Repartimento. Realizamos visitas às famílias, momentos celebrativos, encontros, tudo de acordo com as desafiadoras realidades locais. Foram muitos os clamores ouvidos, testemunhos de lutas, de dores, de conquistas e de fé. Sentimos no povo o desejo de partilhar a vida e a fé na comunidade cristã.

Nesses onze dias, colocamos em saída, tivemos a possibilidade de quebrar paradigmas, de aprender e conhecer a realidade local. Visitamos lugares como a Reserva Irmã Dorothy, diversas famílias e comunidades nos lugares mais longínquos, algumas até a 140 km da Igreja Matriz. Diante dessas comunidades, pudemos perceber e reconhecer os desafios reais, uma terra de missão, com necessidades gritantes nas áreas sociais e pastorais.

Além disso, identificamos o crescente número de cristãos católicos migrando para igrejas evangélicas. As distâncias dificultam a presença regular de um padre ou de um diácono, em situações nas quais os mesmos

estão presentes somente uma vez por ano. O trabalho e organização pastoral, a formação de lideranças e a preparação para os sacramentos são fragilizados, levando-nos a conhecer o rosto de uma Igreja, muitas vezes, desconhecida por nós da Vida Religiosa Consagrada.

Compartilhando, avaliando e refletindo sobre as experiências vividas, na Missão Jovem na Amazônia, como Novas Gerações da Vida Religiosa Consagrada, na ousadia do seguimento de Jesus de Nazaré, deixamos arder o nosso coração e suscitar o desejo de propor uma ação concreta. Afirmamos que é urgente nos colocar em saída, é preciso olhar além da manutenção das nossas estruturas, e se faz urgente voltar às nossas origens fundacionais e nos deslocar para atender aos gritos de uma Igreja que clama por ações efetivas e afetivas. A sinodalidade nos convoca a avançar neste caminho conjunto, no processo de fortalecer a presença da Vida Religiosa Consagrada, neste chão sagrado tão necessitado de evangelização e de cuidado com a vida em todos as suas dimensões.

Apresentamos nessa carta aberta o clamor de muitas vozes, que despertaram, em nós, o desejo de não deixar a missão ser momentânea, mas, sim, continuada, não podemos nos omitir

diante do que vimos, ouvimos e experimentamos. Faz-se necessário olhar e andar por terras longínquas, levando nossa presença de um jeito renovado. Com isso, sugerimos a criação de projetos itinerantes: uma comunidade religiosa intercongregacional ou uma equipe de pastoral que possa ajudar na formação e acompanhar as comunidades, disposta a percorrer distâncias, conhecer mais profundamente a realidade da região Transamazônica, dentro da Diocese de Cametá-Pará. Religiosos/as que estejam dispostos/as a pisar nessa terra banhada pelo sangue de tantos mártires. Que ela seja, também, para nós, terra de entrega radical

de nossas vidas, nas lutas e alegrias que somos chamados a viver e testemunhar.

Que Nossa Senhora de Nazaré, modelo para nós consagrados/as, ajude-nos a dizer sim aos clamores de muitos filhos/as desta Igreja em terras Transamazônica.

Que Jesus, mártir do povo, o primeiro entre todos a dar vida pela vida, a vida pelo Reino, a vida pela humanidade, anime-nos a irmos sempre além das nossas possibilidades.

Maracajá, 17 de julho de 2022.

Religiosas e Religiosos que participaram da Missão Jovem na Amazônia.



Foto: Arquivo CRB Nacional



HORIZONTES E PRIORIDADES TRIÊNIO 2022-2025

Nós, na busca de ressignificar a Vida Religiosa Consagrada, no discipulado de Jesus Cristo, em sinodalidade, missionariedade e contínua conversão à luz da Palavra, somos convocadas/os a permanecer no Seu amor, escutar e responder, com esperança, os gritos e os clamores, de nosso tempo, para tornar visível o Reino de Deus.

Prioridades do eixo discipulado

1. Cultivar a vivência encarnada da Palavra de Deus, como um itinerário de conversão, em atitude de escuta, discernimento e compromisso.
2. Promover a mística do cuidado consigo, com as/os outras/os e com a casa comum, inspiradas/os na Trindade.

Prioridades do eixo sinodalidade

3. Viver a sinodalidade, a partir da escuta ativa e criativa, favorecendo a irmandade, humanizando e ressignificando nosso modo de ser, estar e agir nas comunidades, na Igreja e na sociedade.
4. Fortalecer relações interculturais, intercongregacionais e intergeracionais, e efetivar parcerias com outros organismos eclesiais e sociais.

Prioridades do eixo missionariedade

5. Assegurar nossa presença profética e transformadora junto às infâncias e juventudes e às diversas formas de pobreza e vulnerabilidade nas periferias existenciais, sociais e geográficas.
6. Assumir a ecologia integral e o bem-viver, como um estilo de vida, na defesa da Casa Comum e dos povos originários.

Mandato da Assembleia para a nova diretoria:

Rever e atualizar, à luz da sinodalidade, a organização da CRB, em vista da realidade da Vida Religiosa Consagrada de hoje.



Foto: Arquivo CRB Nacional - 26º AGE

DIRETORIA CRB NACIONAL

TRIÊNIO 2022-2025

PRESIDENTE

Ir. Eliane Cordeiro de Souza
Mercedária da Caridade



DIRETORIA

Ir. Eliene Oliveira Barros - Nossa Sra. do Carmo do Bom Pastor
Ir. Maria José Barbosa dos Santos - Beneditinas Divina Providência
Ir. Silvânia Aparecida Pereira - Servas da Santíssima Trindade
Ir. José de Assis Elias de Brito - Irmãos Maristas
Frei Clézio Menezes dos Santos - Frades Menores Capuchinhos
Pe. Leonardo da Silva Costa - Espiritanos



Diretoria CRB Nacional

Triênio 2022-2025



Ir. José de Assis Elias



Ir. Eliene O. Barros



Ir. Silvânia Aparecida Pereira



Pe. Leonardo da Silva



Ir. Maria José Barbosa



Frei Clezio Menezes

CONSELHO FISCAL

29

- Ir. Leonarda Reis Veiga** – Filhas de Maria Auxiliadora
Ir. Luzia Pereira Nunes – Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã
Ir. Verônica da Silva Maciel – Franciscanas de Nossa Sra. do Amparo
Ir. José Augusto Junior – Irmãos Marista
Ir. Jardelino Menegat – Irmãos Lassalistas



Conselho Fiscal Triênio 2022-2025



Ir. José Augusto Junior



Ir. Verônica da Silva



Ir. Leonarda Veiga



Ir. Luzia Pereira



Ir. Jardelino Menegat

CENÁRIOS QUE CLAMAM POR RESSIGNIFICAÇÃO DA VRC HOJE

FR. LUIZ CARLOS SUSIN, OFMCAP

“Estase ardeindo el mundo y.... no es tiempo (ahora) de tratar con Dios de negocios de poca importancia” (Sta Tereza – Camino de Perfección 1, 5).

Num mundo que “está ardendo”, o que é importante para a Vida Religiosa Consagrada (VRC)?

“O Brasil não vai bem” (CNBB), está ameaçado de arder neste ano eleitoral e também, de qualquer forma, nos próximos tempos, pois os confrontos que o extremismo e o fundamentalismo de caráter político-religioso provocam não vão se aquietar depois das eleições presidenciais. A gravidade não está na liderança de um indivíduo, mas nas dezenas de milhões de brasileiros que “tiraram do armário” a violência dos pensamentos, dos juízos e das posturas que, lembrando Freud, deveria permanecer ao

menos recalcada para que seja possível uma convivência civilizada. Há, hoje, dois tempos a serem levados em conta: um tempo mais imediato, urgente, e um tempo mais longo, a longo prazo.

1. O primeiro, mais imediato e urgente, é: situar-se com realismo, bem informados, diante do crescimento de desigualdade, pobreza, extremismo político e ameaça às instituições. No livro *Purificar e Destruir*, Jacques Sémelin, ao analisar quatro grandes genocídios do século XX

– dos armênios, dos judeus, dos grandes lagos africanos, Ruanda e Burundi, e da Bósnia – constata um padrão que se repete: os atos genocidas foram sempre precedidos por palavras de ódio e de desumanização dos outros, convertidos em inimigos e culpados pelos males que se está sofrendo. De fato, há duas palavras, hoje, na ordem do dia, que são difíceis até de nomear: o ÓDIO e a MENTIRA (Fake News). Ou, como analisava João Cesar de Castro Rocha, professor e escritor do Rio de Janeiro, mais do que mentira ou erro, que se pode verificar se é mentira e corrigir se é erro, trata-se de uma crescente ilusão coletiva que nasce e cresce por razões obscuras que se resiste em reconhecer, vinda da frustração, do ressentimento, do desampar. Uma ilusão coletiva mistificadora, uma realidade paralela alimentada coletivamente, uma criação mental “coletiva” – uma mentira coletiva que se alimenta e cresce nas relações entre os envolvidos e contaminados. Ela se torna a um certo momento impossível de desfazer e de se voltar à realidade dos fatos assim como realmente são. Há uma espécie de point of no return, na qual os olhos e os ouvidos estão saturados e incapazes de ouvir e de ver de modo diferente. Suas consequências são o choque inevitável e brutal com a realidade, em nome de uma ilusão, um

choque que produz tragédias como os genocídios.

2. Nós chegamos a uma fase da tecnologia de comunicação, que possibilitou as redes sociais totalmente distribuídas, sem controles, em que os acontecimentos, o fato, a transmissão do fato e o julgamento do fato se dão simultaneamente, em tempo instantâneo, “no calor da hora” e no “calor das emoções”. Essa instantânea simultaneidade contínua, que nos chama “em tempo real” joga-nos no ardor e na voracidade que não distingue realidade e ilusão. Uma norma judiciária, do tempo de Jesus, era nunca promover a julgamentos à noite, e nem no dia do aprisionamento. Aparentemente, teria sido observado, no caso dele, mas de fato, houve uma crescente sanha de linchamento, contaminando todas as partes que se envolveram ou foram envolvidas, desde as autoridades até o povo.² A primeira necessidade,

2 Hieronimus Bosch, pintor holandês, retrata esta situação pintando Cristo em meio aos que querem “ardentemente” a sua morte: rodeiam Cristo fixando nele e entre si um olhar assanhado e perverso sem exceção. Exceto o próprio Cristo, que, em um dos quadros, fecha os olhos para manter a serenidade incontaminada. Em outro quadro com as mesmas figuras, Cristo olha para fora do círculo contaminado de raiva, lançando um olhar para longe (e assim ele olhou para Pedro). Finalmente, em um terceiro quadro o autor pinta o Cristo sempre cercado pelos seus acusadores olhando para quem olha o quadro, “para mim”, obrigando assim o apreciador do quadro a fazer o seu

urgente, é tomar uma distância, “fazer uma pausa” – como aquela que Jesus fez ao se inclinar para escrever diante da sanha por lapidar, imediatamente, a mulher flagrada em adultério (Cf. Jo 8, 1ss). “Flagrar” é o verbo que reúne, num instante, o fato, o conhecimento do fato e o julgamento do fato. Teria bastado a primeira pedra para consumir o fato no linchamento de uma vítima expiatória que, por causa do fato, serviu, imediatamente, de catarse do que teria ficado escondido, nos juízes e linchadores, os seus próprios adultérios. Parar no meio do juízo violento e ardente, tomar distância, respirar, enxergar com mais tempo, com calma e serenidade é um exercício que nós precisamos treinar e, neste tempo perigoso, como influenciadores, em nossas instituições, ajudar outros a treinar nesse exercício. Testemunhar um modo alternativo de proceder, de comportar-se, já que a questão não é teórica, mas é prática, de comportamento, de procedimentos, é oferecer alternativa – Jesus encontrou uma alternativa que superou o passado e abriu o futuro. Isso não significa retirar-se das tensões na forma de fuga. É necessário manter um pé na tensão do momento, mas outro pé “fora” do redemoinho da contaminação. Aqui, a mobilização de todo o nosso cabedal/arsenal

julgamento desde fora daquele círculo de violência.

de exercícios de meditação, contemplação, oração, escuta – da Palavra de Deus e da realidade que se descortina sem ilusões no grito incontornável, obscenamente real e sincero, de vítimas da deteriorização do tecido social, econômico, político, grito da fome, da injustiça, do socorro – é um papel profético que se pode esperar justamente da VRC. A condição da VRC, com seus votos e sua forma de vida, o seu seguimento de Jesus, possibilita a liberdade necessária para a simultaneidade destes dois momentos: o realismo que encara e se encarrega do conflito e o olhar longo, para frente, que encontra recurso fora do conflito.³

3. O segundo tempo, de longa duração, é o de mover as enormes energias e potencialidades que a VRC tem para ressignificar não,

3 Domenico de Masi, autor italiano de “Ócio criativo”, escrevendo para brasileiros nesse tempo obscuro nos diz algo paralelo: “À parte a necessária luta política (para nos livrarmos o quanto antes dessa gente) entendo que existe uma luta particular e que depende de cada um de nós: a luta para não emburrecer. Ditadores necessitam manter o povo na ignorância, na crença em mitos. Manter a lucidez e a inteligência através da leitura de bons autores. Manter viva a sensibilidade pela conversa com pessoas normais e pela boa música. Assistir a bons filmes para contrabalançar a barbárie proposta pela vida diária e pelas redes sociais. Enfim, mantermo-nos íntegros e fortes para a reconstrução futura do país. Não devemos imitar os que gritam em sua violência cega. Não podemos nos deixar contaminar pela estupidez. Os violentos passarão. E estaremos aqui, para recomeçar.

simplesmente, a si mesma ou a Igreja ou a fé cristã nessa curva da história da humanidade, isso é apenas detalhe. Trata-se de ressignificar o “ser humano,” nessa encruzilhada da história da humanidade, tempo em que a humanidade se descobre unida à história da terra de forma ecologicamente dramática. Construir ou manter-se em caminhos alternativos, com a consciência de se estar “no ventre do peixe”, neste “sistema-mundo” com consequências ecológicas e humanitárias trágicas, que provoca quatro crises enredadas entre si: política, sanitária, econômica e a crise definitiva, a morte. É a marcha dos quatro cavaleiros do Apocalipse 6, 1. A guerra (política de soberanias nacionalistas e imperialismo com recursos à inteligência artificial e tecnologia de ponta, novas e mais refinadas formas de neocolonialismo); 2. A peste (a emergência cada vez mais intensa de vírus e pandemias); 3. A fome, que aumenta, juntamente com a desigualdade e o acúmulo de riqueza jamais registrada na história; 4. A morte, resultado definitivo. Diante deste cenário, o significado da VRC necessita ter e ser:

a) Um lugar de pessoas que irradiam ESPERANÇA: Nós cremos, firmemente, que a última palavra é de novos céus e nova terra. Um pé fora, além e adiante, da batalha urgente e da confrontação que,

hoje, precipita em violência e arasta milhões, é o pé que se põe no terreno de novos céus e nova terra, com o olhar no horizonte escatológico do Reino de Deus, como nos diz a LG a respeito da VRC no capítulo 6. Testemunhar um horizonte possível de reconciliação e de paz, utilizando meios pacíficos - em que realmente os fins justificam, porque inspiram os meios - e isso, em meio à agitação do presente, o tempo daquelas que levantam acusações, cujas fake News - como satanás, ou o dragão, ou príncipe deste mundo (Ap 12, 10ss; Jo 14, 30; 16, 11) “acusam” seus irmãos dia e noite, e “permanecer no amor” (Jo 15, 9) em um mundo que odeia (Cf Jo 15, 18), suportando as consequências de mal-entendidos e de calúnias, isso é “seguir o Cordeiro e lavar as vestes em seu sangue” na certeza de seu triunfo: a esperança triunfa, não decepciona, é um sinal que o mundo precisa (Cf. Ap. 12; 22, 14).

b) Alimentar a ESPERANÇA, como “ESPERANÇAR” (Paulo Freire), isto é, manter uma esperança ativa, que atua, já agora, o horizonte de esperança, a última palavra de irmandade, de reconciliação e pacificação, de trabalho pela saúde e pelo pão cotidiano. O Reino de Deus é escatológico, horizonte de esperança, mas seus sinais são eficazes, já agora, no presente. Começando por palavras do Reino, palavras de

esperança. Se palavras de ódio acabam desencadeando atos de ódio e violência homicida, é porque as palavras, quando realmente expressam o coração de onde brotam, são certamente eficazes. Portanto, são também eficazes para criar reconciliação e paz: são instrumentos, ferramentas, com as quais se pode reconstruir relações e ambientes. A palavra de Jesus, à mulher que quase foi linchada, foi uma palavra eficaz, criou futuro para ela. É necessário usar palavras certas com os correspondentes atos que testemunhem alternativas possíveis. Mover todas as nossas potencialidades institucionais para esperar com palavras e com gestos articulados e somados a eventuais iniciativas sociais, populares, encontradas paralelas, mas que podem convergir.

c) Ativar a MEMÓRIA da VRC, em termos de experiências históricas criativas, em momentos críticos. A VRC cristã, em sua longa história, desde a liberdade de se retirar para o deserto, em seguida a criatividade na gestão de espaços alternativos, nas comunidades monacais, ou depois nas fraternidades mendicantes e nas congregações apostólicas modernas, tem uma história de alternativas, de liberdade criativa. Como demonstrou o atual filósofo italiano Giorgio Agamben, em termos de civilização, de experiências civilizatórias, em seus

textos “Altíssima Pobreza’ e “A comunidade que vem” – a VRC teve o olhar à frente, ao horizonte de esperança para o qual a VRC se entrega e atua no seu presente, e, assim, ela se recriou em novos contextos, mesmo passando por momentos críticos de existência. A VRC acabou não só por se recriar a si mesma, mas deu uma contribuição criativa para seu tempo. Com a sua jovialidade foi capaz de “profanar” valores, considerados sagrados pela cultura dominante, e abrir caminho para valores mais humanos.

4. Mas o maior elogio à VRC, que na verdade se torna uma instigação, que nos faz perguntar sobre como corresponder a este elogio, veio de de Paulo VI, na Evangelii Nuntiandi 69, ao se referir aos agentes de evangelização:

Graças à sua consagração religiosa, são por excelência voluntários e livres para deixar tudo e ir anunciar o Evangelho até as extremidades da terra. São empreendedores, e o seu apostolado é muitas vezes marcado por uma originalidade e por uma feição própria (...). São generosos: encontram-se com frequência nos postos de vanguarda da missão e a arrostar com os maiores perigos para a sua saúde e para a sua própria vida. Sim, verdadeiramente a Igreja deve-lhes muito!

Em conclusão

O que podemos concluir, por ora, é que as instituições consideradas “totais”, a família, o Estado, a escola, a Igreja – e, na Igreja, as Ordens e Congregações – vão continuar a ganhar liquidez – perda de solidez, fluidez – e a “leveza institucional” vai se impondo, por si mesma, como uma evaporação, inclusive, apesar de nossas defesas, mesmo com as “pesadas” reações de sobrevivência institucional ou, sobretudo, fundamentalistas que vão continuar criando realidades paralelas diante da emergente diversidade e do pluralismo que ela produz. As reações fundamentalistas também fazem parte da diversidade e do pluralismo pós-moderno, e ainda que lutem contra, só fazem aumentar ainda mais o pluralismo com suas negações!

Diante da diversidade e do pluralismo, tornando-se cada

vez mais minoria, em termos quantitativos e institucionais, é necessário exercitar a liberdade de filhos e filhas de Deus, o empenho do conhecimento crítico e da sabedoria para o necessário discernimento. O acento estará na experiência de vida, partilhada com solidariedade e compaixão, em termos reais, ou seja, corporais, relacionais, emocionais e espirituais, na esperança ativa tecida, em palavras e ações, que sejam sinais. Não importa a quantidade, a capacidade de sustentar as instituições que herdamos, e se isso vai ter futuro. Mas importa permanecer com um pé na realidade, na luta real da fome, da doença, da violência das ilusões e da urgência de conhecimentos reais, e o outro levantado e guiado pelo olhar no horizonte da esperança confiante. Só o amor vai permanecer, e desde, já, até o menor gesto que for amor vai permanecer.

MESA: CENÁRIOS CONTEMPORÂNEOS E A RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

IR. LAURA VICUÑA, CF

Introdução

É com grande alegria e com muita responsabilidade, que partilho um pouco da minha trajetória de vida missão, junto aos povos originários e amazônicos. Gostaria de partilhar três aspectos de minha vida missão que considero muito importante, para afirmar o que sou hoje. 1. Vim de uma família humilde e que durante toda a vida ocultou sua identidade indígena, por conta do preconceito e da discriminação. 2. Foi o trabalho direto com os povos indígenas e a devastação da Amazônia, que me fez auto afirmar minha identidade indígena kariri. 3.

Foi a opção pela VRC que me possibilitou fazer este caminho de volta, ao assumir a presença missão, junto e com os povos indígenas na Amazônia.

Centralizo minha fala, considerando alguns aspectos, que para alguns podem ser conceituais, mas mim são de fundamental importância para nós da Amazônia:

Retomar o Caminho

Retomar o caminho da VRC, numa inserção concreta, que

neste caso é junto e com os povos originários. São vinte e três anos de presença junto e com os povos indígenas. Trilhar este caminho, é ‘cada manhã, abrir os ouvidos’ para escutar o que o Mestre nos fala e seguindo o movimento do escutar ‘falar aos desanimados, palavras de esperança’. Mas, precisamos está muito aberta, pois este duplo movimento na retomada do caminho, nos coloca em permanente aprendizado.

No decorrer de 23 anos de presença ação com os povos indígenas, muitas coisas fui aprendendo e descobrindo. O Estado de Rondônia está totalmente devastando e desmatado pela ação de grupos econômicos e pelo crime organizado, que querem fazer da região uma terra da agropecuária e do agronegócio, deixando um rastro de desertificação, pois a região Amazônica, não pode sobreviver sem a floresta em pé. Nós, da Amazonia sabemos que é assim, a floresta e a natureza tem seus encantos e vida própria, por isso, os povos originários e amazônicos souberam e sabem conviver de forma harmoniosa, com essa biodiversidade, respeitando os ciclos amazônicos. No Estado de Rondônia, estão presentes 60 povos indígenas, 15 povos livres/isolados, com uma diversidade cultural e linguística ímpar. Apenas 20 terras indígenas são demarcadas e muitos povos, que eram considerados

O Estado de Rondônia está totalmente devastando e desmatado pela ação de grupos econômicos e pelo crime organizado, que querem fazer da região uma terra da agropecuária e do agronegócio, deixando um rastro de desertificação, pois a região Amazônica, não pode sobreviver sem a floresta em pé.

extintos pelo estado brasileiro, auto afirmam a sua identidade indígena e exigem do estado brasileiro o seu reconhecimento étnico e territorial.

Os 20 territórios demarcados sofrem invasão, por parte de madeireiros, garimpeiros, grileiros, pescadores, empreendimentos econômicos, que exploram e saqueiam as riquezas naturais, destruindo os projetos de vida e de futuro dos povos indígenas. O mais grave de tudo isso, é que temos um estado brasileiro omisso e conivente, com a política de exploração e expropriação das terras indígenas, causando um deslocamento forçados de população inteiras, em nome de um desenvolvimento excludente e de uma visão mercantilista da

vida, da natureza e da casa comum. A luta pela terra, por meio ambiente sadio e livre, constitui-se a defesa da vida, da terra e dos direitos. Nesta resistência milenar, os povos indígenas são “sementes teimosas”, que apesar dos projetos de morte, ditado pelo estado brasileiro, renascem das cinzas e são sinais de esperança.

Faço essa breve introdução, para situá-los de onde falo e a partir de quais vivências partilho a minha experiência de vida missão e ação missionária.

A partir da experiência de vida missão, com o povo Karipuna, trago o esforço, a luta e o trabalho em defesa da Terra Indígena Karipuna, que é demarcada e homologada e que mesmo assim, sofre inúmeras invasões. Defender o território Karipuna, constitui-se hoje, a defesa dos direitos garantidos e assegurados na Constituição Federal do Brasil. O povo Karipuna, a 30 anos atrás, sofreu quase um extermínio, ficaram apenas 8 pessoas, cinco adultos e três crianças. Hoje o povo vive a eminência de um genocídio, pela ação ilegal de grupos econômicos e políticos, que querem se apossar de suas terras.

Em 2017, fizemos juntamente com o povo Karipuna uma caminhada a pé pelo território, localizando e registrando com

coordenadas geográficas e imagens, os pontos de invasão do território. Nos anos seguintes, foram mais de 150 quilômetros caminhados, para continuar com o mesmo trabalho e assim, ter elementos e provas necessárias, para fazer incidências políticas em nível nacional e internacional, cobrando providências na retirada dos invasores e punição para os mesmos civilmente e criminalmente. Não faltou a perseguição e as ameaças de mortes para o povo Karipuna e para nós que atuamos diretamente com este povo. Hoje tenho medo, pois as ameaças psicológicas são constantes, a nossa casa a gente percebe que é monitorada pelos que são inimigos dos povos indígenas. A comunidade religiosa a qual eu vivo, sofre com essas ameaças, pela opção que como província e congregação fizemos.

Trago esses dados, para fazer eco ao sofrimento e as constantes violações de direitos e violências, que vivemos hoje na Amazônia brasileira. Desde o ano 2017 pra cá, tive que mudar muito da minha rotina cotidiana, mudar caminhos e rotas pela cidade de Porto Velho, pelas constantes ameaças de morte que estamos sofrendo. Em outras palavras, perdi a liberdade de ir e vir. É muito difícil viver sem liberdade, pois para o crime organizado a vida vale muito pouco.

No percorrer o território Karipuna, muitas vezes tivemos que nos esconder no meio do mato, pois, invasores caminhavam armados dispostos a tudo. Muitas vezes na aldeia, não conseguimos dormir com tranquilidade, pois disparos de armas e barulho de tratores, são escutados e isso tira a paz da aldeia e faz com que o povo se alterne para cuidar da coletividade.

Inúmeros recados, o povo já recebeu, de que a aldeia seria destruída e todos mortos, primeiros seriam as lideranças e depois todo o povo e, diziam “avisem aquelas pessoas, que nós sabemos onde eles vivem e por onde eles passam”. Essa pressão psicológica, tira a paz e a tranquilidade de todos. Alguns podem se perguntar, porque não buscam ajuda nos programas de proteção a defensores de direitos humanos? Impossível acreditar nos programas governamentais, no atual cenário político que vivemos no Brasil. Hoje os defensores de direitos são alvo fácil para o crime organizado, até porque, estes grupos são legitimados constantemente pelo discurso de ódio, apregoadado pelo atual presidente do Brasil. Vivemos um momento que toda ação em defesa da Amazônia e dos povos originários e amazônicos, passam a ser criminalizados e tidos como atos contra a soberania do país.

Apresento algumas provocações, que este cenário nos apresenta para a Vida Religiosa Consagrada:

Inspiração: na história da VR e de cada Carisma, tem como fio condutor dois caminhos que não se separam: o Seguimento de Jesus Cristo e o serviço aos ‘preferidos de Deus’ – os pobres. Seguimento de Jesus e opção preferencial pelos pobres, se constitui fonte de inspiração para a VRC. Precisamos retomar este caminho e não ter medo de sujar os pés, as mãos e sentir a impotência diante das muitas situações de morte, que nos deparamos cotidianamente. Dos

No percorrer o território Karipuna, muitas vezes tivemos que nos esconder no meio do mato, pois, invasores caminhavam armados dispostos a tudo. Muitas vezes na aldeia, não conseguimos dormir com tranquilidade, pois disparos de armas e barulho de tratores, são escutados e isso tira a paz da aldeia e faz com que o povo se alterne para cuidar da coletividade.

pobres, nasce a esperança e a ressignificação da nossa VRC, nestes tempos de travessia.

Reciprocidade: Recuperar a lógica da reciprocidade, porque a reciprocidade potencializa as diversidades e os diferentes, promove relações equitativas entre ser humano e natureza, homem e mulher, jovem, idoso e crianças, para vivermos a 'sobriedade feliz', viver com o necessário. Precisamos não somente fazer a opção pelos pobres, necessitamos mudar nossos hábitos de consumo.

Ecologia integral: Pensar integralmente nos permite sermos uma VRC dialógicos e interdependente, recuperar nossa relação com a terra, com as florestas, com a água e promover ações de justiça socio ambiental.

Coletividade: A VRC pauta a sua vida na experiência comunitária, no 'caminhar junto', como nos indica o momento que vivemos na igreja, caminhos de Sinodalidade. Somos desafiadas cotidianamente pela cultura do individualismo, que bate as nossas casas pela busca de segurança e bem estar.

Espiritualidade: trago este aspecto da nossa vida, porque justamente beber desta fonte, nos permite ter coração, pés e mãos militantes, vivendo a solidariedade com os pobres, que podem ser os povos originários,

Precisamos não somente fazer a opção pelos pobres, necessitamos mudar nossos hábitos de consumo.

mulheres marginalizadas, pessoas em situação de rua, camponeses, juventudes, comunidades tradicionais e outros interlocutores de missão, nos permite a sair de nossas comodidades, seguranças, doenças e outros aspectos mais que nos afastam do que foi o chamado original da VRC: seguimento de Jesus Cristo e a opção pelos pobres.

Trago um último elemento, que considero muito importante para a VRC, que é destacar o protagonismo da mulher consagrada nas múltiplas periferias e fronteiras, estão aonde a igreja 'instituição' não chega. Quando estive reunida com o Conselho de Cardeais, que foi instituído pelo Papa Francisco lhes falava 'Nós mulheres, estamos em frentes de vanguarda, como as mulheres que permaneceram ao pé da cruz, contemplando o rosto dos crucificados históricos, no serviço da animação das comunidades eclesiais, como: catequistas, ministras da palavra e eucaristia, nas pastorais sociais, à frente de movimentos em luta pela terra, pelo trabalho, pela moraria, pelos

direitos humanos, territoriais e da terra, ensinando a língua, a cultura, cuidando as sementes, curando as feridas da humanidade; como as mulheres da aurora, que vão ao túmulo levando perfumes para ungir com a força da vida nova da ressurreição, que começa aqui e agora, os corpos dos que vivem as margens, nas muitas periferias do mundo e outros nos porões da humanidade, afirmando o compromisso que a vida é para todos'. Já é hora da igreja fazer o reconhecimento do serviço diaconal que nós mulheres consagradas e leigas prestamos a igreja.

Finalizando minha partilha, convido a cada uma e a cada um presente nesta assembleia, 'não tenhamos medo', mesmo que estejamos envelhecendo e que estejamos diminuindo em números. Aprendi com o povo Karipuna, que não importa o quão reduzido numericamente

O que importa é que precisamos ressignificar a vida, dando um sentido novo a existência deste ou daquele carisma.

seja um 'povo', (eles eram 8 pessoas, hoje são 60 pessoas e cheios de esperança, porque ressignificaram sua existência na luta para eles que é fundamental: terra, floresta, água, ar...) diria pra nós 'grupo', o que importa é que precisamos ressignificar a vida, dando um sentido novo a existência deste ou daquele carisma. Deixo um questionamento para nós VRC, 'o que temos que ressignificar nestes tempos que aumenta o número dos excluídos, para que de fato sejamos fieis ao tesouro que recebemos de nossos e nossas fundadoras e que carregamos em vaso de barro?

RESSIGNIFICAR A VIDA RELIGIOSA E CONSAGRADA EM UMA IGREJA SINODAL TRAVESSIA SINODAL, EM IGREJA E PARA O REINO

GLORIA LILIANA FRANCO ECHEVERRI, ODN

A Vida Religiosa, do continente, prepara-se para iniciar um novo triênio, inspirada nas “mulheres da aurora”, nas ousadias mais radicais, nas que mantêm a esperança agarrada à promessa, nas que caminham rompendo a noite e, em estado de missão, abrem buracos para que o Espírito possa entrar e fecundar tudo.

Aquelas que, por amor, permanecem agarradas ao seu Deus. E, com elas, homens e mulheres consagrados, no continente, somos convidados, em espírito sinodal, a cinco chaves fundamentais:

– A arte de escutar: aprender a nos escutarmos, reciprocamente, como Igreja, como

comunidade, como famílias carismáticas, na diversidade de ministérios e carismas, buscar juntas/os a vontade de Deus e escutar os convites que o Espírito nos faz.

- O olhar contemplativo da realidade: criar novos espaços nos quais nos comprometemos a serviço dos povos, e inspiradas/os pelo Espírito, desde as profundezas da vida, recriar a centralidade do nosso seguimento de Jesus e um renovado compromisso místico-profético-comunitário com os mais pobres e excluídos.
- O discernimento: acolher a nova proposta de vida que Deus nos faz pessoal e comunitariamente, na urgência

de desaprender as formas anti-evangélicas de ser Igreja e intuir os sinais de sua presença viva, nas “alvoradas de cada amanhecer” desta hora histórica.

- A itinerância existencial e geográfica: lançarmo-nos pelos caminhos a céu aberto e nos preparar para “arroupar o mistério da vida” com a cor das nossas flores que germinam nas parcelas marginais do Continente.
- A saída missionária na intercongregacionalidade e interculturalidade: entretecer novas redes, com os fios da comunhão e da diversidade, que nos permitam atravessar a noite e empreender, com outros, o caminho de retorno, em plena luz do dia, à nossa “Galileia original”.

A partir daí, convido a nos situarmos nesta Assembleia da Vida Religiosa do Brasil. O espírito sinodal, pelo qual somos convocados, tem, nesta Igreja e Vida Religiosa brasileira, a sua própria face, a do pastor e do profeta, a do homem enraizado na terra, com o coração próximo dos pobres e uma vida centrada em Deus, Dom Claudio Hummes. Convido vocês para que, aqui e agora, façamos memória dele e de seu legado que nos coloca na condição de irmãos.

A Igreja: um envolver-se com Espírito

Ao ritmo do Espírito configura-se como rosto da Igreja e o tecido relacional que possibilita a comunhão. No seu próprio ritmo, Deus caminha pela história. Ele acontece e a vida surge depois que a criação do seu sopro é pintada em formas e cores, ao seu redor, as pessoas são fecundadas, a comunidade de crentes se congrega. Sem Ele, não há seguimento autêntico de Jesus, nem kairós eclesial. Sem o primado do Espírito Santo, a Igreja não pode ser compreendida, nem as instituições da vida consagrada, nem suas organizações. “O Espírito Santo, que é luz e vida, que é dom e amor, atravessa todas as meditações e as vivifica, transforma-nos, enche-nos de vigor e transparência evangélica. Ele é quem reaviva sua fé e os sustenta na insegurança”¹.

O olhar consciente nos permite reconhecer que a história é habitada pelo Espírito que, entre o claro-escuro, faz o seu caminho para revelar a essência de Deus, para contagiar a fortaleza revestir de paz, lançar com ousadia e encorajar a profecia mais radical: sermos irmãos. A pneumatologia coloca os crentes diante da ação do Espírito, da sua manifestação.

A história da Igreja se constrói no claro-escuro, do humano,

naquele confronto permanente entre fragilidade e graça. A constatação mais certa é que caminhar na Sinodalidade supõe conversão; a imersão em diferentes contextos e culturas exige renovação de atitudes, adequação de formas, estruturas e estilos. O caminhar é tipicamente cristão e, como afirma Aquilino Bocos, “trata-se de um processo, de um caminhar no Espírito, seguido de luzes e sombras, evidenciando alguns aspectos que ajudam a ver as nuances ou completar a compreensão do itinerário de renovação”².

É o Espírito que concede o dom da conversão e, isso, pressupõe discernimento, atenção à realidade, capacidade de escutar o clamor de Deus, nos gritos permanentes que ressoam na história. A experiência de reconhecer-se habitado pelo Espírito lança para além das próprias análises e reflexões. Supõe situar-se no contexto, deixar-se habitar pela realidade e reconhecer que Deus se manifesta e age nela. Essa certeza permeia a eclesiológia do Papa Francisco que, em sintonia com sua formação inaciana, dá primazia ao discernimento e expressa um claro tom pneumatológico em sua cristologia. Sem dúvida, na origem da Igreja está o Espírito e é Ele quem permite fluir e percorrer a história com relevância e novidade. Há um vínculo profundo

A história da Igreja se constrói no claro-escuro, do humano, naquele confronto permanente entre fragilidade e graça. A constatação mais certa é que caminhar na Sinodalidade supõe conversão; a imersão em diferentes contextos e culturas exige renovação de atitudes, adequação de formas, estruturas e estilos.

entre o Espírito e a Igreja: “Sem o Espírito, a Igreja não teria vida e não poderia cumprir sua missão”³.

A ação do Espírito cria a Igreja, ele é a origem, o protagonista da caminhada eclesial.

Ele torna possível a comunidade. É o Espírito que possibilita a experiência de ser e sentir-se irmãos; é Ele que configura o rosto multicultural e nos lança a viver a comunhão; quem incentiva no cotidiano a tecer o vínculo, o relacionamento, a amizade, o afeto no dia a dia e incentiva a

amar a se próprio, a acreditar e cuidar de si mesmo. Ele fortalece e incentiva a utopia do fraterno quando o barro quebradiço da humanidade está todo rachado.

O Espírito não tolera a uniformidade e, portanto, opera o milagre da diversidade em todos e em tudo. Línguas, sensibilidades, cores, dons... Todos diversos e todos chamados à unidade, todos plurais e necessitados de comunhão. É Ele que está gestando, no interior da Igreja, conversão, sonhos, desejos, horizontes apostólicos. Ele conduz à saída e dá a graça de não se acomodar, de não ficar paralisado pelo que não conhecemos ou não podemos planejar ou controlar. Seu impulso nos lança para além, para a geografia desconhecida, para a fronteira onde mora o mais pobre, o migrante, o mais doente.

Seja um

A unidade é um atributo que configura a identidade, que preserva a essência, que garante a harmonia, que favorece a passagem da prova do tempo. Onde há unidade se constata sintonia, comunhão nos valores e nos critérios. A unidade não exclui a diferença, mas exige, justamente, a diversidade e tem como elemento inalienável a experiência dialógica que resulta

O Espírito não tolera a uniformidade e, portanto, opera o milagre da diversidade em todos e em tudo. Línguas, sensibilidades, cores, dons... Todos diversos e todos chamados à unidade, todos plurais e necessitados de comunhão.

do encontro, da comunicação e do vínculo. Exige relacionamento e o face a face da gratuidade. A unidade se constrói e nela há espaço para a vulnerabilidade, a fragilidade e o limite. Supõe o exercício permanente da reconciliação, do perdão e exige desinstalar-se, aprender. A unidade não é possível onde há arrogância, espirais estagnados de poder e, muito menos, onde não há flexibilidade e abertura ao Espírito. A unidade é fruto da ação do Espírito e exige viver o que o Papa Francisco propôs em sua carta, por ocasião do Ano da Vida Consagrada: “a mística do encontro, a capacidade de escutar, de escutar as outras pessoas. A capacidade de buscar juntos o caminho, o método”⁴. Tudo, à imagem da Trindade, como modelo de qualquer relação autêntica que rompe com a homologação.

Na dimensão mais autêntica do encontro, as identidades pessoais não são eliminadas, cada um chega à cena da relação com o que é, com sua história e suas sensibilidades, permeado por uma realidade e moldado por uma soma de saberes e experiências vitais. A marca da própria identidade torna cada pessoa portadora de um dom, de um carisma e de um estilo próprio, todos únicos e diferentes. Assim, coloca Joan Chittister: “cada pessoa vive para fazer algo que só ela pode fazer. Cada um de nós é chamado, em virtude do que amamos e fazemos bem, a dar ao mundo algo que leve o selo de nossa presença nele. Somos chamados a acrescentar algo à criação do universo”⁵. E isso, o que acontece no âmbito da relação pessoal, encontra, também, um canal a ser consumado, na troca que surge no interior da diversidade que converge na vivência das diferentes vocações. Embora muitos coincidam no chamado ao mesmo estilo de vida, não existem modos únicos, nem estilos homogêneos para viver a vocação comum, porém formas diferentes e, certamente, complementares.

A Trindade, paradigma da relação eclesial

A Trindade é, sem dúvida, uma comunidade de cuidado,

portanto, talvez, não seja errado pensar que, no início, não era a criação, no início, era a relação e dela surgiu a vida, a eclosão da vida e, daí em diante, o destino de tudo na face da terra é a inter-relação; tudo conectado para evidenciar a sacralidade de tudo o que foi criado. O Concílio Vaticano II assim o expressa: “Deus, que cuida de todos com solicitude paterna, quis que os homens constituam uma única família e se tratem com espírito de irmãos. Todos foram criados à imagem e semelhança de Deus, que fez toda a linhagem humana de um só e povoou toda a face da terra (At 17,26), e todos são chamados a um único e idêntico fim, isto é, Deus mesmo”⁶.

A Trindade é comunidade de amor, diante da qual não há espaço para relações utilitárias, mediadas pelo medo, providas de interesses mesquinhos. Ela encarna em si um estilo relacional, circular, complementar e vital como se evidencia na imagem icônica pintada por Rublev⁷. No entanto, como expressa Eloy Bueno: “a Trindade não é apenas o mistério do qual brota todo amor verdadeiro (AL 63), mas também a base e fundamento da relacionalidade que caracteriza tudo o que existe, pois, toda criatura carrega em si uma estrutura e um dinamismo propriamente trinitários e está inserida numa teia de relações.

A relacionalidade de todas as criaturas, a interconexão de tudo o que existe, a solidariedade global, brota do mistério da Trindade (LS 239-240)⁸”.

Toda relação, inspirada no estilo trinitário, requer um novo olhar contemplativo, mais teológico e encarnado, mais capaz de reconhecer o Deus que acontece no território do humano e que convida à plenitude da relação. A Igreja e a Vida Religiosa nela estão, hoje, mais do que nunca, comprometidas com um novo modo relacional mais contextualizado, encarnado na realidade, capaz de ouvir e fazer ecoar diferentes vozes e de se situar, gerando o diálogo fé-cultura, fé-ciência e tecnologia. Será necessário reconhecer que como salienta Bueno y Calvo: “Uma série de atitudes que vêm fechando a Igreja em seus próprios muros: tudo o que vinha de fora, em princípio, não era apenas suspeito, mas pernicioso e ruim. Difundi-se um forte eclesiocentrismo que aspirava poder continuar sendo o centro organizador da vida das pessoas e das sociedades. A nível espiritual, queriam retomar carismas e modelos de outros tempos, o que levou à descontextualização vital da fé e à infra valorização do secular. Indicações genéricas, mas que gradualmente criaram um clima de fuga do mundo e uma sacralização excessiva da

própria Igreja nas suas estruturas históricas. Consequência de tudo isso é que a Igreja estava perdendo significado diante de alguns homens e mulheres em certas sociedades que viviam de outras ideias e valores, não necessariamente contrários à fé”⁹. Olhar para a Trindade, como paradigma e expressão de qualquer relação autêntica, será fundamental para libertar a Igreja de atitudes obsoletas, estagnadas e autorreferenciais.

A Igreja Povo de Deus, convocada à sinfonia da comunhão

O rosto da Igreja é plural, uma população heterogênea, cheia de diversidade, mas o chamado que ressoou fortemente desde o início é: “que todos sejam um, como você, Pai, em mim e eu em você, que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste”¹⁰. Só na adesão a Deus e na consciência da fraternidade é possível a configuração do povo.

Com a expressão povo de Deus, chega-se ao coração da fé israelita. Basicamente, pode-se dizer que toda fé israelita é baseada em dizer que Yahweh é o Deus de Israel e Israel é o povo de Yahweh, “Isso porque Deus por pura graça o chamou

Olhar para a Trindade, como paradigma e expressão de qualquer relação autêntica, será fundamental para libertar a Igreja de atitudes obsoletas, estagnadas e autorreferenciais.

e posteriormente o tirou do Egito e depois fez uma aliança com ele no Sinai”.¹¹ O povo que, na diversidade de carismas, ministérios e vocações, adquire dignidade comum no batismo, o mesmo que neste hoje da Igreja e da sociedade, é chamado à comunhão. A categoria Povo de Deus tornou-se o símbolo da eclesiologia do Vaticano II. “Nela se sintetiza a virada copernicana operada pelo Concílio: o ser e a missão da Igreja não giram em torno da hierarquia, mas todas as funções e ministérios da Igreja giram em torno da tarefa que foi confiada ao Povo de Deus.”¹²

O percurso da *Lumen Gentium* permite mergulhar na identidade da Igreja como mistério de comunhão. A comunhão é um dom a ser acolhido, agradecido e desfrutado. “A vida comunitária, fraterna e apostólica, como conselho integral, é o máximo testemunho e apostolado em si mesmo. A pessoa é um ser em relação, que amadurece e se realiza

no nós carismático. A caridade revigora os laços fraternos”¹³ e leva à oferta da vida numa sinfonia eclesial, que não está isenta de conflitos e crises, mas na qual é possível a construção coletiva, a expressão do diverso e a plenitude na vivência da vocação própria e particular de cada um. Todos conscientes da dignidade comum, do dom da própria vocação, do chamado à responsabilidade e da necessidade de permitir a plenitude de cada carisma no interior da Igreja. Isso a partir da certeza de que a missão do Povo de Deus, a tarefa evangelizadora da Igreja, atinge sua plenitude quando é assumida, na perspectiva da comunhão, ancorada na experiência de que o Espírito cria fraternidade e envia. A comunhão continua sendo a evidência de uma eclesiologia renovada, na qual não há espaço para a homogeneização, nem para atitudes camaleônicas que nos fazem perder a essência e limitam para viver na verdade.

A Sinodalidade: um itinerário de conversão

Todos os crentes são chamados a viver a plenitude da vocação que cada um recebeu na Igreja. Cada pessoa, desde a plenitude de sua identidade, é convidada a dar ao mundo e à Igreja algo inédito, as diversas vocações são

únicas e complementares. E todos, desde a verdade da própria vocação, estão chamados à única vocação eclesial que emana do evangelho: segue-me¹⁴. É um imperativo que desinstala, que põe em movimento e abre horizontes insuspeitos. É o deserto do Reino, que exige liberdade e assumir a existência desprovida de segurança e conforto. “Na Eucaristia celebrada em 9 de novembro de 2013, em Santa Marta, o Papa evocou a imagem da Ecclesia Sempre reformanda. Lá ele disse que “a Igreja precisa sempre se renovar porque seus membros são pecadores e precisam de conversão”. Ele não se referia à reforma como um ato concreto de revisão ou atualização de certas estruturas obsoletas, mas como um processo constante e permanente de “conversão eclesial”, de “toda a Igreja inteira.”¹⁵ Em todos os níveis e dimensões da Igreja, o espírito sinodal deve acontecer e deve ressoar esse apelo a uma reforma autêntica. Sem dúvida: “A sinodalidade faz parte da essência da Igreja, na medida em que participa da comunhão trinitária. Refutar o princípio da Sinodalidade é contrário à dimensão trinitária da Igreja”¹⁶.

A partir dessa certeza, é necessário reconhecer que, quando a Sinodalidade na Igreja fica suspensa, o dinamismo transformador, que deveria caracterizar o

Povo de Deus fica, paralisado. A Igreja é uma totalidade dinâmica capaz de integrar a diversidade e de responder sempre com novidade ao querer de Deus: “... como o recorda a introdução da *Lumen Gentium*, a Igreja é, ao mesmo tempo, Povo de Deus Pai, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo (LG4). Sendo Corpo de Cristo, inclui uma grande diversidade de membros que colaboram na unidade, como assinala São Paulo. O povo de Deus é, justamente, chamado *ekklesia*, isto é, assembleia. Ser templo do Espírito Santo significa que todos os dons do Espírito, em sua diversidade, encontram-se no conjunto do povo de Deus, o que leva a uma atitude de escuta recíproca e de corresponsabilidade”¹⁷. Assumir esta dimensão trinitária da Igreja implica em um dinamismo de graça e conversão que lança o desafio de ser em comunidade, de ser com outros, de gerar dinâmicas autênticas de escuta, participação, comunhão, missão partilhada e corresponsabilidade.

Os consagrados, conscientes de sua pertença à Igreja, sabem que possuem um dom reconhecido, há séculos, e expresso como a capacidade de viver com identidade mística, profética e missionária, os valores fundamentais do Evangelho. É o que aponta García Paredes, referindo-se ao número 33 da VC: “A vida

consagrada ajuda o povo de Deus a manter viva a consciência dos valores fundamentais do Evangelho. Mas ela recebe também o testemunho das outras vocações, que a ajudam a viver plenamente a adesão ao mistério de Cristo e da Igreja em suas múltiplas dimensões.”¹⁸

O encontro supõe conversão, sair de si mesmo e ir além das próprias visões. Os processos de reforma autênticos se desenvolvem colocando-se em relação com o outro e graças a uma conversão das atitudes, que supõe ordenar o coração. Um autêntico reconhecimento da alteridade é necessário ao caminhar na sinodalidade. É claro que: “Numa Igreja sinodal, não somos apenas convidados a caminhar juntos, mas sobretudo, a aprender a reunir-se, trabalhar e discernir juntos. Este é o desafio da sinodalidade que leva toda a comunidade eclesial a buscar novas formas de interagir, integrar-se e tomar decisões por consenso, em conjunto. A relação entre reforma, conversão pastoral e sinodalidade abre a porta para discernir o rosto da Igreja neste novo milênio”¹⁹.

Nesta conjuntura eclesial, pouco antes do Sínodo sobre a sinodalidade, a Igreja enfrenta um processo, um itinerário de encontro e conversão enquadrado naquela necessária reforma

Numa Igreja sinodal, não somos apenas convidados a caminhar juntos, mas sobretudo, a aprender a reunir-se, trabalhar e discernir juntos. Este é o desafio da sinodalidade que leva toda a comunidade eclesial a buscar novas formas de interagir, integrar-se e tomar decisões por consenso, em conjunto.

que o Papa Francisco pediu e que exige colocar-se no lugar da humildade; reconhecer o pecado, aquelas atitudes e modos relacionais que estiveram longe da vontade de Deus, porque são verticais e abusivos, pouco inclusivos e desprovidos de misericórdia. Será preciso um empenho de todos para superar essas atitudes individualistas, tingidas de narcisismo e suficiência que, tantas vezes, permeiam a cultura da Igreja e seus modos relacionais.

Nesta hora da Igreja, experimenta-se uma urgência, aguçar o olhar para contemplar a realidade e aguçar o ouvido para escutar o Espírito que não para de gemer nos clamores e complexidades

da história nos rostos e feridas dos mais pobres. É uma urgência sair, desacomodar-se, abandonar o estado de conforto e paralisia em que tantos crentes estão entrincheirados. Agora mesmo, nesse momento crucial para a Igreja, nessa mudança de época, na qual a Igreja vê seu futuro em jogo, ela deve se abrir para “um novo capítulo de sua biografia, ela deve abrir o dinamismo conciliar, o método sinodal”²⁰. A necessária conversão, à qual a Igreja é chamada, supõe dar protagonismo ao Espírito, viver desde a centralidade em Jesus e na escuta atenta à realidade. Uma conversão pastoral é urgente. Será necessário: “repensar e projetar uma pastoral, em chave missionária em uma Igreja que passa do paradigma da cura da alma, ao paradigma da evangelização e da missão. Esta é a transição de uma Igreja de serviços a uma Igreja ao serviço do mundo e das necessidades concretas de cada homem e mulher”²¹.

O caminho sinodal supõe a conversão. Cabe à Igreja ser aquela narrativa crível daquilo que a sociedade espera ler nela. É isso acontece quando gera a dinâmica necessário em um relacionamento, encontro em complementaridade e reciprocidade. Trata-se de tornar possível o nós eclesial, de transcender as singularidades, para viver no dom da pluralidade. É lá que

acontece o sentido de Igreja, o *sensus Ecclesiae*. E essa conversão, que exige transcender os individualismos, deve ser assumida por todos, porque todas as vocações podem cair na tentação da suficiência que limita para sair de si e se dispor na condição de discípulo ao encontro.

A Vida Consagrada está inserida nesta peregrinação sinodal convencida da necessidade de reforma, habitada pela convicção de que é Igreja e batismal, mística, missão e profecia. Seu compromisso, hoje, é reescrever esses três relatos essenciais de sua identidade e missão. Começar a andar com outros, neste hoje da Igreja, levará a construir, juntos, a vivência de uma autêntica espiritualidade e conscientes da identidade de sujeitos eclesiais. E que, pelo batismo e pelo sacerdócio comum, todos têm a mesma dignidade e estão chamados a contribuir na configuração de uma Igreja mais sinodal, na qual será, de maneira especial, necessária e significativa a presença e a missão das mulheres, dos leigos, dos pobres e de todos os sujeitos emergentes excluídos historicamente.

Trata-se de entrar em uma dinâmica de conversão, um processo de escuta, reflexão e discernimento que tem como objetivo “voltar à Igreja cada dia mais fiel, disponível, ágil e

transparente para anunciar a alegria do Evangelho. Os desafios existem para serem superados. Devemos ser realistas, mas sem perder a alegria, a audácia e a entrega esperançosa. Não nos deixemos roubar a esperança missionária.”²² A Igreja, consciente da sua identidade de discípula missionária, é convidada a um transbordamento místico que a conduza a peregrinar ao interior, sem descanso, e ao exterior sem desculpas. Que a mobilize, que a lance, que a coloque a caminho.

Quero lhes propor dez caminhos para viver a sinodalidade na Vida Religiosa e Consagrada, a partir da experiência de PERMANECER no amor de Jesus e na paixão por seu Reino:

Caminho 1: A sinfonia sinodal surge quando, no brilho do plural, e ao ritmo do Espírito, contribui com o seu dom. Isso leva a priorizar o discernimento, como cenário do Espírito, colocando-se em atenção aos movimentos que Ele suscita e, para isso, será necessário buscar, no querer de Deus, os registros que atualizem o compromisso e o tornem pertinente e significativo. Cada um, a partir da própria vocação, com consciência do dom recebido e ponderando o que significa a sua identidade carismática na construção do tecido eclesial. Como resultado do que este caminho suscita, surge o chamado

ao compromisso corresponsável na evangelização e no desenvolvimento humano integral e, nesse sentido, “na experiência da corresponsabilidade de homens e mulheres nos processos de construção do “Nós eclesiais,” não podemos evitar a questão das possíveis formas de participação das mulheres na guarda da apostolicidade do anúncio feito pela Igreja, ao serviço da promoção e garantia da unidade eclesial, na palavra pública do anúncio evangélico...”²³

A necessidade de que as pessoas consagradas, conscientes da riqueza da sua vocação, participem ativamente nos cenários locais, regionais e universais, nos quais se discerne o que o Espírito espera da Igreja.

Caminho 2: Com o coração centrado, em Deus, seja a presença sapiencial que humaniza. O que centraliza e unifica a vida dos crentes é a relação pessoal com Deus. Este hoje da Igreja, na consciência de que o Reino é o horizonte do sentido, deve insistir na importância de optar pela interioridade como fundamento que repovoas as razões de existir. Hoje, mais do que nunca, não será possível permanecer nas formas e nas aparências, é importante ir ao fundo, às profundezas, colocar-se em modo de transcendência e, a partir do olhar contemplativo, com a

consciência de que a superfície não permite aprofundar o que é radicalmente vital e significativo. O chamado é situar-se diante da realidade, à maneira de Jesus, e isso supõe conhecimento interno de sua Pessoa, a capacidade de fazer ressoar a Palavra de Deus, na vida cotidiana, e a disposição de se configurar com Jesus no desejo de tornar seu próprio projeto. Reconhecer que a vida é consequência da fé que se tem e faz de cada um o sujeito que é.

Nesse sentido, é necessário continuar impulsionando possibilidades reais para que os consagrados tenham acesso a espaços de formação e aprofundamento que lhes permitam mergulhar em sua fé; na hermenêutica, a partir da qual se situem e interpretam a realidade e desdobrem a partir de chaves femininas, a riqueza da espiritualidade que possuem; que urjam transmitir, a partir de linguagens, gestos e atitudes que humanizem e localizem, a partir da cultura do cuidado, em que o outro é reconhecido em sua dignidade, valorizado em sua diversidade e empoderado de modos relacionais que humanizam.

Caminho 3: Estar em autenticidade, estar com outros e permitir que a graça flua livremente. O espírito sinodal coloca o desafio de fazer com que a comunhão seja um modo natural de se

estabelecer relações. Trata-se de purificar as relações e colocar-se a partir da horizontalidade na qual todos caibam e a voz de todos ressoe para abrir caminhos e possibilidades. Isso desafia a fortalecer práticas criativas de encontro, a optar pela comunidade, como um tecido vital que se articula, e, a partir do qual, urge gerar vínculos de hospitalidade e ternura.

A necessidade de colocar-se, a partir da verdade, na construção do tecido eclesial de que o mundo necessita e dê cara a essa necessidade. A missão do consagrado será a escuta ativa, a voz profética, a presença na construção de redes interinstitucionais, redes intercongregacionais e proatividade para fazer pactos comunitários e sociais realistas, contextualizados e inclusivos, nos quais as diferenças sejam respeitadas, que se assumam as diferentes culturas, visões de mundo e estilos de vida sejam assumidos e a possibilidade de viver, em autenticidade, flua na mística do encontro.

Caminho 4: Alargar o coração da Igreja, até que haja lugar para todos. Uma Igreja de acolhimento, com rosto samaritano, é convidada a optar pela amável proximidade, abrigo ético que dignifica, pelo acompanhamento da consciência de ser convocado ao encontro com a realidade, com o outro, com o

plenamente Outro, e isso supõe receptividade, hospitalidade. Compreender desde o mais profundo, que este é um tempo privilegiado para o encontro, em que as decisões éticas responsáveis e respeitadas, da dignidade humana, brotem da necessária cultura do cuidado em que se privilegia a relação, da certeza da sacralidade de toda a criação.

E neste sentido, em termos de Sinodalidade, será necessário renovar a opção pela Casa Comum, como o lugar de manifestação de Deus: a terra, as culturas e os mais pobres clamam. O cuidado da Casa comum não dá trégua, esta é uma opção em que não aceita desculpas. Cabe a todos nós o comprometimento com essa tarefa, a partir da consciência da inter-relação e da sacralidade do que foi criado. O rosto da humanidade está cada vez mais configurado com nuances universais, vivemos em uma casa comum e compartilhamos a mesma preocupação: a forma como se constrói o futuro do planeta. Uma Igreja ao ritmo do espírito sinodal deve crescer na sua capacidade de acolhida, expandir-se para que ninguém seja excluído.

Caminho 5: Que ressoe a Sinodalidade Palavra que dá sentido, dá vertebra e abre horizontes de renovação e compromisso. A Palavra de Deus é

alimento indispensável em todos os processos sinodais. Fazer uma leitura da fé, uma leitura encarnada e libertadora da realidade, iluminando cada acontecimento, a totalidade dos processos e a gratuidade de cada encontro com a Palavra é um ato imperativo. Todos são convocados a convergir na linguagem comum que irmana e configura a Palavra com letra maiúscula, aquela que se fez carne vivida entre os seres humanos. O desafio será permitir que essa Palavra, essa Boa Nova, ressoe com a capacidade que tem de curar, libertar, dignificar, elevar, que, ao seu redor, atualize-se e celebre a comunhão.

Com isso será preciso, também, permitir acontecer na simplicidade, na verdade e na liberdade, a Palavra, o antídoto da narração humana para a cura; a Palavra como expressão da vivência, terapia que cura, que reconcilia, que restitui sentido. Permitir que se narre a história, que o relato dê conta da posição, ao sentimento e os critérios de todos, a partir da profunda convicção de que “corresponsabilidade e sinodalidade seriam como as duas facetas da vida eclesial. Isso implica que escutemos a todos para discernir o que o Espírito diz às Igrejas”²⁴. Pronunciar aquilo que, como fruto do encontro com Deus, ressoa com a capacidade de fecundar e abrir caminhos de novidade e futuro.

Caminho 6: A partir do lugar de presença e compromisso é possível contribuir para a transformação. A presença é o lugar da graça. O ser é a condição para a epifania, para a contemplação da manifestação de Deus. A presença afetiva e efetiva faz com que pessoas e lugares se tornem sagrados em cenários teológicos. A graça habita bem ali, no lugar da presença. Os novos caminhos para a Igreja supõem assumir o espírito kenótico de Deus, que em Jesus Cristo, assume a humanidade para conduzir toda a criação à plenitude da vida, em comunhão com Deus Pai, Filho e Espírito Santo. A kenosis é a raiz de todo processo de inculturação da fé, e isso significa partir de uma abertura fundamental que permita acolher a realidade em toda a sua diversidade e complexidade, sem querer impor nada. Entrar nos territórios, acolher as culturas, inculturar-se, deve ser o caminho pelo qual a Igreja se disponha para o diálogo.

Aqui, está ancorada a necessidade de trabalhar por uma Igreja mais discípula para ser mestra, mais irmã do que mãe. Isso significa sair das parcelas da comodidade e localizar-se, de forma inculturada, escutando, mediando, gerando valor e trazendo, para a mesa de reflexões e construção coletiva, a voz e as culturas daqueles com quem faz seu caminho. Uma Igreja

em saída, que não se fecha em modos de proceder ou estruturas caducas, tem consciência da ação do Espírito e se coloca com ousadia e lucidez, em estado de renovação e conversão.

Caminho 7: Construir o Reino na Igreja requer inserir-se nas profundezas da terra, fazer morada entre os mais pobres. A opção por Jesus tem consequências e pressupõe a construção do Reino, reconhecendo a misericórdia como dinamizadora do compromisso solidário. A saída missionária é o caminho para viver a plenitude da vocação à Vida Consagrada. Localize-se diante da realidade com compaixão, deixe-se perturbar pela realidade, reorganize estruturas, projetos comunitários e opções baseadas nos ecos da realidade, esse é o caminho. Entre os pobres, nas fronteiras, no sertão, pelos territórios da migração e do tráfico, onde crianças e jovens têm seus direitos violados e as mulheres negadas as possibilidades de participação... Aí, o Espírito clama com dores de parto²⁵, urge de pessoas consagradas, apaixonadas pela vida, dispostas a dar tudo, generosas e consequentes com o Sim.

Da teoria é impossível fecundar qualquer coisa, a experiência. As marcas deixadas no percurso da caminhada pelas estradas constituem um insumo indispensável para o encontro, para

que as Assembleias Sinodais e os espaços em que se discerne o futuro da Igreja sejam povoados com a seiva que brota da vida em missão.

Caminho 8: A escuta é o sussurro que traz a conversão: sem escutar não é possível uma Igreja no estilo de Jesus. “Escutar implica, portanto, uma transformação existencial, uma conversão, um descentralizamento de si. Assim concebido, o ato de escuta encontra sua plena realização na dinâmica do diálogo, lugar teológico por excelência, forma típica de nossa fé batismal, modo pelo qual o Deus de Jesus Cristo se revela comunicando-nos algo de sua natureza comunitária.”²⁶ A escuta constitui uma atitude vital, porque coloca um no lugar do outro, ali, onde ressoa a palavra e se tornam nítidas as necessidades reais. Escutar livra do protagonismo, da ação midiática, populista e messiânica, da suficiência de quem acredita ter as respostas. A escuta abre o caminho para a transformação do coração.

Nesta linha pastoral, a conversação e o acompanhamento espiritual ganham valor nas dinâmicas do discernimento, essencial se se quer gerar processos nos quais se compartilhem movimentos, sentimentos, esperanças e o que o Espírito sussurra como sopro capaz de renovar.

Caminho 9: Não se trata de consenso, o desafio é o encontro. A mística do encontro requer a informação, a participação, o diálogo, a corresponsabilidade, que se fortaleçam as redes para se sustentar e se acompanhar na vivência do comum. O objetivo dos processos sinodais não é alcançar consensos, não é uma democracia; o que se pretende é abrir-se ao Espírito, permitindo que a voz de todos ressoe e convirja para o que é realmente importante: encontrarmos juntos a vontade de Deus e nos tornemos aliados na defesa da vida, da terra, das causas do Reino. A necessidade de situar-se, verdadeiramente, frente os processos e construir em meio das contradições, e, até mesmo, em meio a tensões específicas, o que exige aprender a administrar os conflitos, sem perder a esperança e sem cair no ceticismo que paralisa.

A formação para participar de processos com essas características exige formação nas áreas de Teologia Bíblica, Teologia Sistemática, Direito Canônico e outras áreas que lhes permitam se posicionar como interlocutores competentes no local de encontro.

Caminho 10: A jornada sinodal requer tempo, processos e paciência. Os processos são a possibilidade de desdobrar o

potencial da vida: Ações isoladas e não vinculadas a redes e processos, muitas vezes, acabam sendo estéreis. Por isso, é necessário que nas dinâmicas sinodais gerem processos que possibilitem a continuidade das ações. Processos inter-relacionados e interdisciplinares, que partam da realidade, abranjam a vida e deem protagonismo às pessoas com quem caminham. Na lógica do processo, a paciência fecunda e purifica tudo: “A mudança já está em andamento, mas os passos delicados que devemos dar em direção a um cenário sem precedentes requerem discernimento dos sinais dos tempos, prudência e paciência, e também uma coragem perspicaz.”²⁷

Estamos cientes da necessidade de reforma na Igreja e sabemos, por experiência, que isso requer paciência, porque, muitas vezes, o ritmo das transformações não correspondem às expectativas que existem.

Convido-vos que peçamos a Deus a graça de abrir novos caminhos e de PERMANECERMOS ancorados no amor. Que possamos, como as mulheres da aurora, atravessar a noite e, revestidos de esperança, sejamos testemunhas decididas da vida.

Brasília, 20 de julho de 2022.

NOTAS

1. Aquilino Bocos Merino, *Un relato del Espíritu con porvenir* (Madrid: Claretianas, 2011), 154.
2. *Ibid* 17.
3. Eloy Bueno de la Fuente, *Eclesiología del Papa Francisco. Una Iglesia bautismal y sinodal* (Burgos: Fonte, 2018), 95.
4. Vatican, <https://www.vatican.va/content/francesco/es/apost-letters/papa-francesco>, 21 de noviembre de 2014.
5. Joan Chittister. *Ser Mujer en la Iglesia: Memorias Espirituales* (Cantabria: Sal Terrae, 2006), 59.
6. Vatican, *Constitución Pastoral, Gaudium et spes*, sobre la Iglesia en el mundo actual, No. 24. https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_sp.html.
7. Andrei Rüblev crea en 1495 el ícono “ritmo trinitario”, inspirado en la hospitalidad de Abraham. Conservando la técnica y formas de la tradición bizantina, expresa la oración sacerdotal “para que todos sean uno...para que el Amor con el que me has amado esté en ellos” Jn 17, 21-23.
8. Bueno de la Fuente, *Eclesiología del Papa Francisco*, 84.
9. Eloy Bueno y Calvo, *Una Iglesia Sinodal: Memoria y Profecía* (Madrid: BAC, 2000), 20-21

10. Juan, 17, 21
11. Amerindia. *Perspectivas de Sinodalidad: Hacia una Iglesia con rostro amazónico* (Bogotá: Amerindia, 2019), 13.
12. Eloy Bueno y Roberto Calvo, *Una Iglesia Sinodal*, 47.
13. Bocos Merino, *Un Relato del Espíritu*, 86.
14. *Sígueme*: Mt. 8, 22; Mt. 9,9; Mt. 19,21; Mc. 2,14; Mc. 10,21; Lc. 5,27; Lc. 9, 59; Lc. 18,22; Jn.1,43; Jn. 21,19; Jn. 21,22.
15. Rafael Luciani y María Teresa Compte, *En camino hacia una Iglesia sinodal. De Pablo VI a Francisco* (Madrid: PPC, 2020), 5.
16. Pedro Carlos Cipollini. *Sinodalidade Tarefa de Todos*, (Sao Paulo: Paulus, 2021), 37.
17. Hervé Legrand y Michel Camdessus. *Una Chiesa Trasformata dal Popolo*. (Milano: San Paolo, 2021), 95.
18. José Cristo Rey García Paredes, *Por Amor a la Belleza Divina. Una Relectura Actual de Vita Consecrata*.
19. Luciani y Compte. *En camino hacia una Iglesia sinodal*. 188.
20. Bueno y Calvo, *Una Iglesia Sinodal*, 44
21. Leal, *O Caminho Sinodal com o Papa Francisco*, 87
22. Raúl Berzosa Martínez, *Inteligencia Pastoral en clave de Sinodalidad*. (Barcelona: CPL, 2020), 46.
23. Serena Noceti et al, *Diáconas. Un ministerio de la mujer en la Iglesia* (España: Sal Terrae, 2017), 23.
24. Borrás, *Communion ecclésiale et synodalité*, 144.
25. Rom. 8,22.
26. Barnérias, Forestier, Morel, *Petit manuel de Synodalité*, 111.
27. Serena Noceti et al, *Diáconas. Un ministerio de la mujer en la Iglesia* (España: Sal Terrae, 2017), 25.



Foto: Arquivo CRB Nacional

ACENOS DESPRETENSIVOS SOBRE A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

FREI OTON DA SILVA ARAÚJO JÚNIOR, OFM¹

Em preparação à Assembleia Geral Eletiva da CRB Nacional de 2022, juntamente com as reflexões sociopolíticas e eclesiais, a equipe preparatória achou por bem haver uma reflexão sobre a Vida Religiosa Consagrada. Sem dúvida, haveria pessoas mais experientes e competentes para apresentar algo do gênero, mas como estamos entre irmãos e irmãs, o que segue não tem caráter definitivo e não pretende ser mais do que uma provocação, o início de uma conversa. A proposta é tomar o texto e pensar “é assim conosco? Que elementos ficaram de fora?”.

Quando usamos no título a palavra “despretensivos” não é por recurso retórico, nem

¹ Membro da Equipe interdisciplinar da CRB Nacional Belo Horizonte, MG.

tampouco uma falsa modéstia para nos esquivar, temos consciência de que há uma limitação e uma provisoriedade. As ideias aqui apresentadas não são fruto de dados estatísticos, por isso, não pretendemos mensurar de forma objetiva o que apresentamos. Uma pesquisa, no rigor necessário, poderia indicar os dados com mais precisão.

Mas afinal, como chegamos aos elementos que apresentamos? Conversando, pedindo a religiosas e religiosos amigos que partilhassem conosco suas impressões, ora de forma individual, ora em grupos, por ocasião de algum encontro. Algumas pessoas nos enviaram apontamentos escritos. Nosso serviço, desse modo, é uma tentativa de organizar as opiniões recebidas,

e não tanto o de formular um juízo a respeito. Agradeço com carinho quem se dispôs a colaborar.

O Papa Francisco gosta de usar a figura do Poliedro como ilustração da complexidade da realidade, mas que pode ser vista por diferentes ângulos (Cf. EG 236; FT 144;145). Ele disse assim “várias vezes já convidei a fazer crescer uma cultura do encontro que supere as dialéticas que colocam um contra o outro. É um estilo de vida que tende a formar aquele poliedro que tem muitas faces, muitos lados, mas todos compõem uma unidade rica de matizes, porque o todo é superior à parte” (Fratelli Tutti, n.215). Pois bem, vamos tomar esse poliedro da Vida Religiosa e girá-lo nas mãos para vê-lo de diferentes ângulos.

Sobre as vocações

A constatação, imediata, é que as vocações diminuíram, consideravelmente para muitos institutos (nessa oportunidade, vamos padronizar a Vida Religiosa por essa palavra). Muitas pessoas já apresentaram esse dado ligando-o à secularização, à diminuição do número de filhos, à falta de contato das famílias com a prática religiosa, enfim. Se diminuem os jovens, o grupo fica envelhecido e as

poucas pessoas disponíveis acabam sobrecarregadas pelo peso institucional. Aumentam as parcerias e a necessidade de delegar a condução das obras aos leigos e leigas. Muitas presenças têm sido encerradas em decorrência da diminuição do número de religiosas (os), o que costuma entristecer, sobretudo, quem trabalhou nesses lugares.

Muitas (os) jovens, que nos chegam, vêm com um grande histórico de sofrimento. Infelizmente, a realidade do abuso de diferentes tipos, as agressões e abandonos fazem parte da história de muitas crianças e jovens, bem sabemos. Em geral, as novas gerações estão mais abertas a falar de temas ligados a seus afetos e vivências sexuais anteriores. O papel de acompanhar alguém assim será o de reumanizar, reestruturar a pessoa, para que seja senhora de si, mesmo que isso implique numa reopção de vida. A casa religiosa costuma cumprir bem esse papel.

Ao ouvirmos alguns formadores e formadoras, foi bastante comum mencionarem o déficit no processo de iniciação cristã. “Temos de ensinar o Be-a-Bá. O conhecimento e a vivência religiosa são muito precários” – alguém partilhou. O encontro com a pessoa de Jesus e seu projeto (cf. Evangelii Gaudium n.3) nem sempre é um pressuposto.

Algumas pessoas, com as quais conversamos, destacaram a mudança no ambiente vocacional. Se antes a inserção numa comunidade eclesial era um fator natural para o ingresso na Vida Religiosa, agora muitos a buscam diretamente de casa, sem terem uma participação na Igreja. Certamente, os meios digitais influenciam nesse contexto. Os institutos que têm investido em acompanhamentos on-line levam vantagem, pois atingem melhor os jovens do que aqueles que se fixam somente no acompanhamento presencial. Estamos convencidos de que nada substitui o acompanhamento presencial, mas as novas possibilidades on-line não devem ser negligenciadas como complementares do processo.

Também pela mídia digital, os jovens têm acesso a vários formadores de opinião, de diferentes ideologias religiosas (para usar uma palavra do momento). Em muitos casos, o seguimento desses youtubers religiosos continua, mesmo depois da entrada na casa de formação, podendo ocasionar um conflito entre as recomendações da comunidade formadora e o que aprendem pela internet. A dependência das mídias digitais é um fator importante, que atinge não somente os jovens, mas a todas as idades.

Algumas pessoas, com as quais conversamos, destacaram a mudança no ambiente vocacional. Se antes a inserção numa comunidade eclesial era um fator natural para o ingresso na Vida Religiosa, agora muitos a buscam diretamente de casa, sem terem uma participação na Igreja.

A faixa etária dos vocacionados e vocacionadas está mais alta. Antes de ingressar na Vida Religiosa, já gozavam de independência financeira. Muitas já passaram por vários institutos, e chegam ‘escaldados’ pelas experiências anteriores. Muitos (as) jovens se mostram abertos a fazer esse novo caminho, enquanto outros (as) assumem uma postura de quem já sabe, o que dificulta o acompanhamento por parte dos formadores e formadoras.

O apelo estético tem uma grande relevância para a juventude. Assim, celebrações grandiosas, roupas exuberantes, gestos padronizados, cantos irretocáveis... costumam atrair mais que o compromisso ético de engajamento

A faixa etária dos vocacionados e vocacionadas está mais alta. Antes de ingressar na Vida Religiosa, já gozavam de independência financeira. Muitas já passaram por vários institutos, e chegam 'escalados' pelas experiências anteriores.

pastoral junto às periferias, por exemplo. Em nosso modo de ver, não deveria existir uma contraposição entre uma coisa e outra, mas nem sempre se percebe uma harmonia entre o ético e o estético. Acrescente-se a isso uma tendência conservadora e moralista em muitos jovens nas casas de formação. Ouvimos de alguns formadores (as): “nossos (as) formandos (as) são mais conservadores que nós”. Nem sempre é clara a distinção entre a radicalidade evangélica e o radicalismo das formas. A esse respeito, vale recordar, mais uma vez o Papa: “Compreendo aqueles que preferem uma pastoral mais rígida, que não dê lugar a confusão alguma; mas creio, sinceramente, que Jesus Cristo quer uma Igreja atenta ao bem que o Espírito derrama no meio da fragilidade: uma Mãe que, ao mesmo tempo que expressa

claramente a sua doutrina objetiva, não renuncia ao bem possível, ainda que corra o risco de sujar-se com a lama da estrada” (Amoris Laetitia, n. 308).

Alguém nos indicou a dificuldade de conciliar diferentes ecle-siologias, sobretudo no processo vocacional: “Não podemos dizer que não temos candidatos (as), mas falta-nos abertura, equilíbrio entre abertura e proposta carismática. O carisma é dom do Espírito, é vento, fogo; enquanto a instituição é obra humana que, muitas vezes, paralisa, amortece o ardor e não deixa que a força dos processos formativos tenha novas expressões”.

Por fim, cabe, sempre, um questionamento a respeito de como é interpretada e vivida a consagração definitiva na Vida Religiosa. Causa espanto o número de jovens que deixam os institutos meses após os votos perpétuos, ou terem sido ordenados. Para alguns, “as novas gerações, não estão ainda com os dois pés dentro dos Institutos e das formas tradicionais de vida comunitária-fraternidade e sororidade”.

A convivência entre as gerações

Um dos chavões do Ano da Vida Religiosa (2015) foi o de ver o passado com gratidão, o

presente com paixão e o futuro com esperança. Reverenciar o passado não se limita ao elogio dos fundadores e fundadoras, mas também ao reconhecimento das pessoas que vieram antes de nós e que ainda estão conosco, moram conosco. A imagem do “netinho que quer corrigir a vovó” parece, também, aplicar-se em muitas realidades da Vida Religiosa. Há certos imediatismos e dificuldade em vivenciar devidamente os processos. Ao mesmo tempo, cabe aos mais experientes reconhecer as mudanças propostas por quem chega, nem sempre essa integração é tranquila.

Têm sido frequentes as queixas de que muitas relações têm-se dado de forma desumanizadora, em que o poder e o autoritarismo se fazem presentes para além das pessoas e seus contextos: “Um bom número de Congregações mantém uma disciplina interna que dificulta, e muito, a acolhida de jovens que vivem experiências de lideranças nos grupos juvenis, trabalho e comunidades e, quando chegam nas casas de formação, são tolhidas e muitas vezes, infantilizadas”.

Ainda ligado às gerações, temos de fazer memória do que foi a Vida Religiosa inspirada pelas Conferências de Medellín e Puebla (lembrando que a Conferência de Aparecida completa 15 anos em 2022). Foi o momento de

valorização das comunidades, de inserção nos meios populares e da redefinição das obras em vista da acolhida dos mais pobres. O protagonismo, a animação, os ideais desse período importante para a Igreja, não podem ser esquecidos, mesmo que os contextos tenham mudado.

Sobre o período que se seguiu, houve quem relembresse: “Retornamos à grande disciplina, a inserção foi perdendo força, a formação retornou a ambientes mais fechados e longe do povo, as estruturas começaram a pesar nos ombros das novas gerações, a diminuição de candidatos (as) e a saída sempre mais acentuadas, sobretudo, entre os religiosos e presbíteros, com o fenômeno ainda forte da diocesaneidade, o forte clericalismo”.

De forma positiva, há o desejo de ressignificar as realidades, e não só reproduzir modelos consolidados. Buscam-se novos modos, novos métodos, novas respostas, mesmo sem a clareza do que isso signifique. Valorizam-se meios que possibilitam novos encontros, quer com outros institutos, outras culturas, outros métodos (daí a importância de iniciativas interculturais e intercongregacionais). Almejam-se experiências mais sinodais, participativas. Porém, empenhar-se nos processos nem sempre é o mais fácil, pois existe

“a dificuldade de viver a corresponsabilidade, a partilha, e preferimos delegar as coisas aos que estão à frente do que pensar e dialogar juntos (as)”.

Se há alguns anos o acompanhamento profissional nas áreas da psicologia e psiquiatria eram vistos com suspeita, tais métodos têm sido assumidos, positivamente, com mais naturalidade, bem como os acompanhamentos espirituais e propostas similares. No entanto, fica no ar o alerta de que o aparato psicoterápico não será a panaceia de nossos problemas. Quanto mais complexas forem as questões, mais ampla deverá ser a forma de acompanhamento. Muitos institutos têm investido na preparação para o envelhecimento, possibilitando às pessoas os meios necessários para a reflexão, a oração e o bem-estar.

Viver juntos (as), eis a questão.

É sentida, pela quase unanimidade dos institutos, a falta de novas lideranças. “Há muitos vagões e poucas locomotivas”, ouve-se com frequência. Mesmo quando o número de membros é considerável, são poucos (as) com os quais se pode contar de forma efetiva. Cresce, em muitos lugares,

o desejo de novas formas de pertença aos carismas dos institutos, aumentam os (as) administradores (as) mas não as lideranças.

Ao mesmo tempo, é preciso investir na capacitação de novos (as) líderes. No âmbito da formação, em muitos casos, a (o) religiosa (o) tem que assumir uma etapa de formação sem ter sido, devidamente, preparada(o) para isso, e o projeto formativo nem sempre está devidamente claro. Há improvisações e choques de mentalidades.

Devemos lembrar da tendência ao ativismo, de agendas preenchidas das cinco da manhã às onze da noite, em que nem há tempo para rezar e estar com quem reside na mesma comunidade. Uma vida no piloto automático, que perde, a cada dia, sua significação e identidade. Em muitos casos, os rostos estão cansados não pelo empenho no testemunho do Reino, mas por embrenhar-se em atividades irrefletidas. Somado a isso, ocorrem dificuldades em viver juntos (as), entendido, meramente, como habitar sob o mesmo teto, sem, necessariamente, formar uma unidade de vida e coração: “É o estar juntos, sem, necessariamente, conviver juntos, conciliando o local e o tempo de um (a)” – alguém destacou.

Ao mesmo tempo, é preciso investir na capacitação de novos (as) líderes. No âmbito da formação, em muitos casos, a (o) religiosa (o) tem que assumir uma etapa de formação sem ter sido, devidamente, preparada(o) para isso, e o projeto formativo nem sempre está devidamente claro. Há improvisações e choques de mentalidades.

Há quem perceba certa falta de brilho, uma tendência à comodidade, como nas palavras de uma liderança: “Muitas vezes, percebo uma vida religiosa acomodada dentro de nossos conventos, pouca disposição para sair da zona de conforto. Está bem assim, para quê mudar?”. No caso da vida religiosa masculina, a vida diocesana continua como “o canto da sereia”, na busca de mais autonomia, fora da clausura real ou simbólica.

Temos que lembrar, mesmo que de maneira rápida, que aos institutos denominadas ‘clericalis,’ somente, agora, foi permitido que se elegesse como ‘superior’ um religioso irmão. Em muitos institutos masculinos, o religioso

irmão ainda é visto como um consagrado de ‘segunda categoria’. Percebe-se uma diminuição no número de religiosos irmãos e, na pastoral vocacional, nem se chega a mencionar essa possibilidade de consagração. Em outras realidades, pelo contrário, já ocorrem avanços na integração e nas nomeações dos que não são presbíteros.

Mais de uma pessoa, que ouvimos, lembrou do apego ao poder, o que dificulta as transferências e o engajamento de outras pessoas. Há quem ponha os projetos pessoais acima do projeto comunitário. Do contrário, onde isso se dá de forma mais leve e assimilada, o ambiente se torna mais cordial e o peso institucional fica mais fluido.

Os Institutos dependentes de financiamento estrangeiro vivem uma realidade igualmente preocupante. Um religioso partilha: “Há um monopólio europeu quanto às finanças por parte de coirmãos. Acabam manipulando e monopolizando para não haver investimentos devido à descrença quanto ao futuro da presença da Congregação no Brasil”.

Outras pessoas destacaram o adoecimento psíquico na Vida Religiosa. Ansiedade, depressão, grande consumo de medicação (antidistônicos, gastroestomacais, relaxantes musculares, antidepressivos) têm sido

frequentes, entretanto, como compensações, há quem destaque o aumento pelo cuidado de plantas e animais. Em muitos casos, isso é motivo de atrito nas comunidades.

Durante a pandemia do novo Coronavírus, - cujos efeitos ainda estamos descobrindo - muitos religiosos e religiosas se viram perdidos em sua missão, afinal, “se a vida é oblatividade, o que fazer estando reclusos (as)?”. Foi preciso redescobrir a vocação, mas também aumentaram os conflitos internos em muitas comunidades religiosas, bem como as doenças psíquicas. O agravante maior foi a perda de irmãs e irmãos de caminhada, familiares e outras pessoas amigas. A dor e o luto se fizeram presença cotidiana, e não há teoria capaz de acalantar tamanho sofrimento. Nesse triste cenário, não podemos deixar de destacar o belo testemunho de muitos irmãos e irmãs nossos que se empenharam, como lhes era possível, no socorro às vítimas da Covid-19, seja com o agravamento da fome, do isolamento social, na presença amiga para suportar as perdas.

A chamada ‘polarização política’ parece ter atingido muitas comunidades religiosas. Se atingiu a sociedade, as famílias, a Igreja, por que não atingiria também a nós? O curioso é que os valores

fundamentais do evangelho, muitas vezes, são trascurados em nome de ideologias distantes das propostas pelo Mestre Jesus.

O Espírito continua a nos esperançar

Para além dos fatores que poderiam nos arrefecer, continua significativo o testemunho de muitas mulheres e homens consagrados. Mais que um ponto de chegada, muitas pessoas se apresentam como “seguidoras do caminho”, lutando contra a acomodação e uma vivência medíocre de uma consagração que não desestabiliza ou questiona. O Senhor Deus continua a chamar, a vida continua a clamar, com novos contextos, novas linguagens e interpretações. O mundo mudou, nosso modo de atuar – sem trair o ideal evangélico - também precisa mudar, a fim de não sermos meras vozes que clamam no deserto.

Muitas pessoas, com as quais conversamos, destacaram que a vocação se fortalece no contato com a realidade concreta do povo de Deus, na inserção nos meios populares, no compromisso com a Justiça-paz-integridade da criação. Nossas picuinhas e conflitos de convivência poderiam ser amenizados, caso nos devotássemos a uma causa concreta em favor de alguém.

Anteriormente, dissemos da fragmentação das pessoas que chegam à Vida Religiosa. Não só internamente, mas como testemunho de humanização, tem sido pedido das pessoas consagradas que sejam “ajuntadoras de cacos”: “Hoje, as pessoas precisam certamente, de palavras, mas sobretudo têm necessidade de quem testemunhe a misericórdia, a ternura do Senhor que aquece o coração, desperta a esperança, atrai para o bem, a alegria de levar a consolação de Deus!” (Alegrai-vos, n.8).

A figura do Papa Francisco tem sido um ponto de inspiração para a Vida Religiosa. Os gestos, as palavras, as ações de Bergoglio têm dado à Igreja um novo ar, um novo dimensionamento da consagração. Os jovens que chegam percebem seu testemunho, o mais experientes revigoram seus passos. Em sua Mensagem pela Jornada da Vida Consagrada de 2022, Francisco assim nos provocou: “Enquanto o Espírito leva a reconhecer Deus na pequenez e fragilidade duma criança, nós às vezes corremos o risco de pensar na nossa consagração em termos de resultados, metas, sucesso: movemo-nos à procura de espaços, de visibilidade, de números: é uma tentação. Ao passo que o Espírito não pede isto; deseja que cultivemos a fidelidade diária, dóceis às pequenas coisas que nos foram

confiadas. Como é bela a fidelidade de Simeão e Ana! Todos os dias vão ao templo, todos os dias esperam e rezam, não obstante, vá passando o tempo e nada parece acontecer. Esperam a vida inteira, sem desanimar nem se lamentar, mantendo-se fiéis dia a dia e alimentando a chama da esperança que o Espírito acendeu no seu coração”.

Por ocasião da AGE, em 2019, a presidente da CLAR, Irmã Gloria Liliana Franco Echeverri, ODN, (reeleita em 03.06.22) seguiu a mesma linha de reflexão: “A Vida Religiosa Consagrada, imersa na espessura da noite, pode expressar-se em toda sua beleza, sua plenitude e sua autenticidade. Hoje, é mais frágil, menor, está mais ferida e limitada, tem menos trincheiras e seguranças e, portanto, está mais apta para pousar o coração no fundamental, para que, com humilde ousadia, possa recriar-se no Deus que faz novas todas as coisas. O papa Francisco, consagrado por vocação e convicção, sabe bem que nosso momento é fecundo e que, nesta noite prolongada, somente a centralidade em Jesus Cristo devolverá à Vida Religiosa Consagrada sua identidade mística, profética e missionária” (IHU 17.07.19).

Como dissemos no início, as ideias que apresentamos não são verdades acabadas, muito pelo

A figura do Papa Francisco tem sido um ponto de inspiração para a Vida Religiosa. Os gestos, as palavras, as ações de Bergoglio têm dado à Igreja um novo ar, um novo dimensionamento da consagração. Os jovens que chegam percebem seu testemunho, o mais experientes revigoram seus passos.

contrário. Agora seria bom pensar se esses dados estão presentes em seu Instituto. Que outros elementos vocês acrescentam? Mas a palavra final não pode ser outra do que 'esperança', afinal, a fé cristã, a consagração religiosa, não encontram outro fundamento senão na esperança revelada pela ressurreição do Filho de Deus. "No deserto, existe, sobretudo, a necessidade de pessoas de fé que, com suas próprias vidas, indiquem o caminho para a Terra Prometida, mantendo,

assim, viva a esperança. Em todo o caso, lá somos chamados a ser pessoas-cântaro para dar de beber aos outros. Às vezes, o cântaro transforma-se numa pesada cruz, mas foi precisamente, na Cruz que o Senhor, trespassado, Se nos entregou como fonte de água viva. Não deixemos que nos roubem a esperança!" (Evangelii Gaudium n. 86).

Para concluir, não nos afastemos de Jerusalém (At 1, 4). Ali, na tarde anterior, fora morto, Aquele em quem depositávamos nossa esperança. Porém, a madrugada do primeiro dia da semana (Jo 20,1) ainda não chegou. A impressão é que estamos nesse ínterim, entre o que se foi e não existe mais, e aquilo que deverá surgir, mas ainda não se manifestou. Uma espiritualidade do Sábado Santo, vivida na esperança, na fé, na confiança de algo novo, de que o Senhor novamente virá em socorro de nossa fraqueza (Rm 8,26). Cabe a nós, mesmo que ainda seja noite, irmos ao lugar onde puseram o Senhor. Certamente, ali teremos uma grata surpresa.

CENÁRIOS DA REALIDADE E APELOS À RESSIGNIFICAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

DANIEL SEIDEL

Fundamentalismos, negacionismo e intolerância

- Como a VRC está disposta das pessoas e de seus espaços para cultivar os valores cristãos, enfrentar as fake-news e a pós-verdade, principalmente em lugares da educação formal e educação popular?
- Quais são as experiências de mediação de conflitos, superação da intolerância em respeito às diferenças, comunicação não violenta, entre tantos instrumentos da Justiça Restaurativa que a VRC têm promovido e suscitado?
- Como a VRC tem colaborado, promovido e participado da promoção de estudos bíblicos contextualizados, de modo a enfrentar o fundamentalismo que se propaga?
- Como a VRC tem apoiado a formação cidadã, a participação política, a educação popular articulando fé e vida, teologia e ciência para criar condições de superação do negacionismo?



- Como a VRC atuou para enfrentar o negacionismo referente às vacinas, durante a pandemia da COVID-19?

Ataques aos biomas? Amazônia, Pantanal, Cerrado...

- Como a VRC tem promovido e educado para os valores e espiritualidade ecológicos da Encíclica Laudato Si?
- Tem mudado o estilo de vida evitando o consumo de descartáveis diante dos impactos das mudanças climáticas?
- Tem participado de manifestações e mobilizações de legislações como o Pacote do veneno, a regularização da Grilagem de Terras na Amazônia?
- Como tem apoiado o fortalecimento da Rede Eclesial Pan-Amazônia (REPAM), em Regiões da Amazônia legal brasileira?
- Como se dão as relações ou enfrentamentos com setores de mineração, madeireiros, latifundiários, pecuaristas, grileiros, principalmente em regiões com a Amazônia, o Pantanal e o Cerrado?
- Qual é o tempo e a dedicação voltados ao atendimento das

necessidades dos Movimentos Populares e Sociais, povos Originários e Comunidades Quilombolas?

Agravamento da situação de fome e miséria

- Como a VRC tem se engajado na superação dessas realidades: de que práticas concretas e de articulações para enfrentamento tem participado? Como tem mobilizado a solidariedade com quem se trabalha e serve em função desses apelos?
- Como tem compartilhado os esforços físicos, pessoas e recursos para criar processos de mobilização e de superação dessa situação?
- Como se dá o contato das religiosas/os com os mais pobres e excluídos/as: pessoas e famílias em situação de rua, homens e mulheres prostituídos, comunidades tradicionais e povos originários, migrantes e refugiados/as, ciganos, desempregados/as, famílias moradoras de favelas, alagados e das periferias geográficas das cidades, entre tantas identidades/ Conhece os princípios da Economia de Clara e Francisco?
- Quais serão os projetos que serão apoiados pela VRC nas

próximas Eleições Gerais de 2022? Como Têm se dado o engajamento no Projeto Encantar a Política, de valorização das eleições para os parlamentos?

Sociedade líquida e ditadura da imagem, do superficial...

- Como se tem procurado enfrentar o chamado atual ao personalismo, à fama, ao sucesso individual na VRC?
- São procurados momentos e processos que deem profundidade e fôlego teológico e teológico às práticas do cotidiano ou há rendição à correria de tempo do dia-a-dia?
- A prática dos retiros e o cultivo da vida fraterna se constituem em momentos de revitalização da Congregação/ Instituto ou Sociedade de Vida Apostólica?
- Como a VRC tem construído sua presença e respostas nas redes sociais online, como novos areópagos de evangelização e diálogo?
- Como e quanto tem investido na formação permanente e continuada de seus membros/as?

Visão e relação com o laicato

- Qual é a visão do laicato cultivada nas interações cotidianas? Há um diálogo profundo e sincero, ou são rotinas da convivência que são mantidas?
- Quais são os espaços de atuação sinodal entre religiosas/os e cristãos leigos e leigas que se dá no âmbito decisório de sua comunidade religiosa?
- Há ainda muito apelo e zelo às estruturas que fazem parte do patrimônio da Congregação, Instituto ou Sociedade de Vida Apostólica ou se dá um equilíbrio em função da vivência do carisma e das necessidades da missão?
- Há experiências de comunidades intercongregacionais ou mistas (homens, mulheres, religiosos/as) das quais se participa? Em que campos há essa colaboração e vivência?
- Como os cristãos leigos/as, casais, podem vivenciar a fidelidade ao carisma? Quanto se investe na formação e acompanhamento do laicato com o qual se atua nos territórios?
- Quais são as reflexões sobre a capacidade das novas comunidades atraírem tantas

vocações? Será que o medo e a assunção de grandes responsabilidades com as estruturas da VRC não assustam?

Novas Configurações

- Como está a acolhida à diversidade de configurações familiares nos âmbitos da VRC?
- Há espaço para o diálogo e reflexão sobre os desafios enfrentados pelos membros da Comunidade LGBTQIAP+ ou isso é ainda um tabu?
- Como enfrentamos práticas que reproduzem valores da formação histórica política e social do país, tais como: colonialismo, racismo, machismo e autoritarismo, consumismo, aporofobia, xenofobia, homofobia, clientelismo, entre tantas?
- Que consequências na mudança de práticas das religiosas/os a *Amoris Laetitia* e a *Christus Vivit* trouxeram?
- Quantas religiosas/os dedicam à assessoria das pastorais da juventude: PJ, PJMP, PJE e PJR?
- E a nova configuração das famílias da VRC como está sendo refletida e construída?

Enfrentamento às práticas fascistas externas e internas

- Muitos filhos/as de colégios católicos são de famílias da elite e tem expressado preconceitos com agressão e violência, principalmente nas redes sociais online. O que mudamos na prática educativa dos colégios católicos?
- Como estão sendo promovidos os valores da *Fratelli Tutti* nos espaços educativos formais, profissionais e populares? E o Pacto Educativo Global?
- Há religiosos/as dedicados/as à acolhida, ao acompanhamento e ao fortalecimento dos Movimentos Populares e Sociais da região ou cidade onde estão inseridos/as?
- Como a VRC lida com autoritarismos internos e na relação com o clero nas comunidades paroquiais, dioceses e instituições? Como atua nos casos de assédios morais e sexuais, violência contra as mulheres religiosas? Há espaço para a colhida e escuta por parte das coordenações das comunidades religiosas e provinciais?



CENTRALIDADE EM JESUS CRISTO

PE. JOÃO MENDONÇA, SDB E
IRMÃ SUELI BELLATO, CSA

Estamos a caminho da realização da 26ª AGE, com o tema, Resignificar a VRC em uma Igreja sinodal e, com o lema, Permanecei em meu amor (Jo 15,9). Com esse tema, a VRC é chamada a revisitar a história, a vivência dos que nos precederam e a própria vida.

Ao longo dos séculos, homens e mulheres foram capazes de deixar tudo, sem olhar para trás, e responder ao chamado de um grande amor, contestar modelos de vida que visavam a riqueza e o poder e viver uma vida profética. Para o pesquisador e historiador Fábio Pereira Santos, “cada tempo produz um desafio específico, que exige deste seguimento diferentes respostas. O tempo presente, assim como os

seus antecedentes, também exige dos religiosos respostas cada vez mais concretas às mais diversas questões suscitadas pelas variadas conjunturas.”

O tema da resignificação chama-nos a fazer o itinerário de repensar a VRC, no mundo atual, na mudança de época (DAP, 44), porque “nosso tempo é de provas: é mais difícil viver como pessoa consagrada no mundo atual, qualquer razão vale para abandonar o caminho começado. Trata-se de uma hemorragia que debilita a VRC e a própria Igreja” (Congregação para os Institutos de Vida Consagra, o dom da fidelidade, a alegria da perseverança, 2020, n. 1.20. É urgente reencontrar a centralidade de Jesus, o fogo do Espírito em nós,

É urgente reencontrar a centralidade de Jesus, o fogo do Espírito em nós, que move a nossa interioridade e não nos deixa cair na indiferença e no perigoso mundanismo espiritual. Também, precisamos rever nossas estruturas e instituições, porque “elas atravessam crises com o risco de sublinhar mais as sombras que as luzes”.

que move a nossa interioridade e não nos deixa cair na indiferença e no perigoso mundanismo espiritual. Também, precisamos rever nossas estruturas e instituições, porque “elas atravessam crises com o risco de sublinhar mais as sombras que as luzes” (Congregação para os Institutos de vida consagrada, o dom da fidelidade, alegria e perseverança, 2020, n. 9).

É á luz do Reino de Deus que queremos testemunhar, tornando-nos cada dia mais fiéis ao Evangelho de Jesus Cristo, para nos renovar e atualizarmos a resposta a Ele, “respondendo missionariamente à mudança de época com o recomeçar a partir

de Jesus Cristo (DAP, n.26), indo sempre para águas mais profundas (Lc 5,4).

No capítulo dezessete, versículo primeiro do Evangelho de Mateus, encontramos a expressão: “tomou consigo Pedro, Tiago e João e levou-os ao monte”. É ele que toma a iniciativa de nos fazer caminhar, de provocar em nós o caminho da interioridade e da ressignificação da VRC. A iniciativa parte d’Ele e chegará a Ele, sabendo “contemplar as estrelas”, ou seja, caminhar com os olhos e não com os pés, como pediu o Senhor a Abrão (Gn 15,5). Com o olhar de pessoas consagradas sempre em caminho, êxodo, com a visão profética dos tempos e além de nós mesmos, “do individualismo, espiritualismo, confinamento em mundos pequenos, dependência, instalação, repetição de esquemas preestabelecidos, dogmatismo, nostalgia, pessimismo, refúgio de normas. A pessoa consagrada não é um burocrata nem um funcionário, mas uma pessoa apaixonada que não sabe viver na mediocridade tranquila e anestesiadora (Congregação para os Institutos de Vida Vonsagra, 2020, n. 10).

Para nós, VRC, parece até redundante dizer que a pessoa de JC é central em nossa vida, porém, nem tudo que é óbvio, é correto; no caso, há sempre

É ele que toma a iniciativa de nos fazer caminhar, de provocar em nós o caminho da interioridade e da ressignificação da VRC. A iniciativa parte d'Ele e chegará a Ele, sabendo "contemplar as estrelas", ou seja, caminhar com os olhos e não com os pés, como pediu o Senhor a Abrão (Gn 15,5).

a tentação de dormir, como os três discípulos, cansados do caminhar, esgotados pela espera, inclusive com as lâmpadas apagadas (Mt 25, 1-13). Jesus, no entanto, confiou as "chaves do Reino a Pedro" (Mt 16,19), aquele que representa a comunidade, porém, conseqüentemente, a chave foi entregue a todos nós. A chave é poder, autoridade, liberdade para dormir ou despertar, mesmo que confusos e medrosos(as), com a prudência de levar consigo o azeite para abastecer a lâmpada. Cabe a nós, a responsabilidade de ressignificar o valor da chave para abrir possibilidades, criar oportunidades, pois, "para seguir Jesus, é preciso abandonar as planícies da mediocridade e as descidas

A chave é poder, autoridade, liberdade para dormir ou despertar, mesmo que confusos e medrosos(as), com a prudência de levar consigo o azeite para abastecer a lâmpada.

ditadas pela comodidade; é preciso deixar as próprias rotinas pacatas para cumprir um movimento de êxodo" (Francisco, homilia na ocasião do Ano Inaciano 12/03/2022), no qual tudo está comodamente disposto e nada se arrisca, onde não há risco, falta a capacidade de recriar.

Essa reflexão apresenta algumas considerações que favorecem o repensar a centralidade em JC, a partir da ressignificação da VRC: 1. Deixar-se plasmar por JC; 2. "Nascer de novo", ser criatura nova; 3. Ser morada – shekinak – de Deus (Ex 26.1).

Deixar-se plasmar por Jesus Cristo

São João Paulo II afirmava, "a fé exige a livre adesão da pessoa, mas deve ser proposta" (Encíclica Redemptoris Missio, 8). Na VRC, esse princípio teológico não pode ser dado

por descontento. A pessoa consagrada, que sobe ao monte chamado por Jesus Cristo, não pode ter medo de “entrar na nuvem e ouvir sua voz.” A partir da consciência batismal, a pessoa consagrada vive “uma consagração exclusiva a Deus e busca conformar-se ao seu mistério” (VC, 16), ser, de fato, transfigurado(a) nEle (VC, 15), vivendo, assim, como “sinal profético” para o mundo (VC, 15). Trata-se, como dizia São João Paulo II, de uma “tensão cristocêntrica”, que constitui a totalidade do modo de ser cristão consagrado(a) por Deus para os outros.

Hoje, na liquidez cultural e religiosa, a vivência da consagração parece “cansada” e sem sentido para muitos(as). No entanto, a fidelidade criativa, comprometida daquelas(es) que estão com os mais pobres, migrantes, refugiados, povos originários, sem-terra, mulheres etc, corroboram o chamado ao seguimento de Jesus Cristo.

Essas convicções, à luz da cena da Transfiguração, quando Pedro, João e Tiago dormem diante do Senhor transfigurado, como também dormem no jardim das oliveiras, enquanto Jesus entrava em agonia (Mt 17, 1-9; Lc 9, 28-36; Mt 26,40), requebrem voltar “ao primeiro amor” e deixar-se seduzir por Ele e não

por estratégias de sobrevivência (VC, 64). Como bem disse Papa Francisco: “é Ele que toma consigo os discípulos, fazendo o mesmo conosco: amou-nos, escolheu-nos e chamou-nos. No princípio encontra-se o mistério duma graça, duma eleição. Não fomos nós os primeiros a tomar uma decisão, mas foi Ele que nos chamou, sem qualquer mérito da nossa parte. Antes de ser alguém que doou a vida, somos uma pessoa contemplada com um dom gratuito: o dom da gratuidade do amor de Deus. O nosso caminho, irmãos e irmãs, precisa dia a dia de recomeçar daqui, desta graça originária (Francisco, homilia na ocasião do Ano Inácio 12/03/2022).

Doar tudo, sem barulho, sem holofotes, como tantas mulheres religiosas ao longo da história: Santa Tereza D’Avila, Irmã Dulce, Madre Paulina e, na realidade atual, homens e mulheres que não perderam a capacidade de sonhar com os olhos abertos; Ir. Dorothy Stang, ND; Pe. Rodolfo Lunkenbien, SDB; Irmão Vicente Canãs, SJ; Irmã Alberta, PIMC; Ir. Cleusa Carolina Rody Coelho, MAR, mártir; Ir. Serafina, ASC, chamada “o Anjo da transamazônica”, em curso o processo de beatificação, que fizeram da vida uma oferta total e enriqueceram a Igreja com seus dons.

“Nascer de novo”, criatura nova

Jesus convida os discípulos a descer para a planície, não para mergulhar nela, mas ser mensageiros da redescoberta da luz vivida no Tabor. Portanto, à pergunta feita por Nicodemos, o fariseu legalista, “como pode alguém nascer de novo, se já é velho?” (Jo 3,4), JC responde com quatro expressões: nascer da água e do Espírito; testemunhar o que viu e ouviu; o vento – Rhûa – sopra onde quer; saber ouvir a voz do Espírito (Jo 3,5.8.11). Nascer de novo não é voltar à mesmice da planície, mas ser uma criatura nova, mergulhada em JC e segui-lo.

Chama-nos, também, a atenção, o diálogo de Jesus com a mulher samaritana (Jo 4,1-26), quando, “por volta do meio-dia” (Jo 4,6), a mulher vai ao poço e encontra um homem judeu desconhecido. A cena poderia passar indiferente se ele não tivesse pedido água. Ali, começa um diálogo entre duas pessoas sedentas. A expressão “dá-me de beber” interrompe o silêncio e coloca entre os dois o valor da água do “pai Jacó.” O poço é um pretexto para ambos, na compreensão de que há uma “água viva” e Jesus se apresenta como a fonte inesgotável e, ao beber da fonte, ela jamais terá

sede (Jo 4,14). Então, a água do poço torna-se secundária no encontro com aquele homem que a acolhe, inclusive sabendo que ela está numa sexta relação, e que não é com seu marido. A sede está aqui, na busca de algo que dê sentido, e, naquele encontro, a mulher samaritana encontra o Messias. Na VRC, estamos sempre na busca desta água de vida. Não foi por acaso que Santa Tereza de Calcutá, ao ver um mendigo morrendo, corroído pelos vermes, sente dentro de si o mesmo chamado, “Tenho sede.”

Assim, a religiosa(o) é uma criatura nova, a medida em que se deixa mover pelo sopro de Deus que brota da fonte de água viva, oferecida ao longo da vida no processo formativo, que é “processo vital, por meio do qual a pessoa se converte ao Verbo de Deus até as profundezas do seu ser e, ao mesmo tempo, aprende a arte de perceber os sinais de Deus nas realidades do mundo” (VC, 68). Trata-se, pois, de “saber ver a Deus com os olhos da fé, num mundo que ignora a sua presença” (VC, 68). Isso fortalece a busca salutar que mantém a pessoa consagrada num processo de constante ida ao poço.

A Centralidade em Jesus Cristo fortalece, na pessoa consagrada, a garantia da perseverança e a fidelidade, na gestão da própria vida, no contexto comunitário,

A sede está aqui, na busca de algo que dê sentido, e, naquele encontro, a mulher samaritana encontra o Messias. Na VRC, estamos sempre na busca desta água de vida. Não foi por acaso que Santa Tereza de Calcutá, ao ver um mendigo morrendo, corroído pelos vermes, sente dentro de si o mesmo chamado, “Tenho sede.”

como ato pessoal, para manter a “juventude do espírito, independentemente do tempo cronológico” (VC, 70), de tal forma que, a cada fase da vida, não ceda à tentação de acomodar-se nas tendas armadas pela mediocridade, na troca da eficácia pelos resultados, marcada por “uma fidelidade a fases alternadas, uma obediência seletiva, talvez sintomas de uma vida diluída e medíocre, sem sentido” (Congregação para os Institutos de VC, o dom da fidelidade, a alegria da perseverança, 2020, n. 5), mas manter o senso crítico, na dinâmica da fidelidade até o momento de unir-se à Paixão do Senhor (VC, 70).

Ser morada – shekinak – de Deus (Ex 26,1)

A Palavra, o Verbo feito carne (Jo 1,14), é uma presença real do Senhor na vida do cristão, mais ainda da pessoa consagrada por Ele. É a presença do Verbo em nós (Exortação Dei Verbum, 50). No rosto da pessoa consagrada são plasmadas as feições do Senhor, tornando-nos o que vimos, ouvimos, tocamos e contemplamos no Tabor de nosso SIM (1 Jo 1,1-4). Somos, verdadeiramente outro Cristo, e não meras representações ou pálidas figuras de sua presença no mundo.

Nesse sentido, o encontro de Jesus com Marta e Maria (Lc 10,38-42) convida-nos, também, a ser a casa do encontro com Ele. Ambas estão atentas a Jesus e aos discípulos. Marta “ocupada com os muitos afazeres” e Maria “sentada aos pés de Jesus.” Duas atitudes que não são antagônicas, mas complementares. Escutar e Agir brotam do estar juntas(os) na acolhida ao Mestre. A casa, mais que uma estrutura física, é o espaço da acolhida de quem chega, colocando-o no centro.

A pessoa consagrada é casa de Deus, casa da Palavra, e não hóspede de doutrinas rígidas e caducas, mas do saber saborear a Palavra (VD, 52), como alimento cotidiano, que faz arder

o coração, tira a cegueira e parte o Pão para a vida do mundo (Lc 24), deixando-se “interpelar pela Palavra” (DV, 59) e nunca comunicar algo que não a tocou profundamente, “a palavra anestesada, mas desinstaladora, que chama à conversão, que torna acessível o encontro com ele, através do qual floresce uma humanidade nova” (DV, 93).

À guisa de conclusão

Ressignificar, a partir da centralidade em Jesus Cristo, requer, de fato, encontrar na própria consagração a força para a fidelidade criativa na adesão espiritual ao Senhor (VC, 63), porque o falimento vocacional e a mesmice estão no cansaço de quem, ao subir ao monte, prefere a comodidade dos prestígios e aplausos, ao empenho espiritual da mística profética-sapiencial.

A chave para a vivência desta centralidade em Jesus está na forma como ressignificamos a nossa consagração. Saber abrir possibilidades para uma mudança institucional, pessoal e de animação da VRC, uma ação de mutirão, que passa pelo caminhar juntos(as), rompendo o gelo das anacrônicas normas e estruturas, enfrentando a tarefa de “nascer de novo,” plasmados pelo próprio JC.

Ressignificar, a partir da centralidade em Jesus Cristo, requer, de fato, encontrar na própria consagração a força para a fidelidade criativa na adesão espiritual ao Senhor (VC, 63), porque o falimento vocacional e a mesmice estão no cansaço de quem, ao subir ao monte, prefere a comodidade dos prestígios e aplausos, ao empenho espiritual da mística profética-sapiencial.

Para refletir

1. Os carismas congregacionais nasceram em contextos desafiadores, no olhar atento de homens e mulheres que caminharam com os olhos na realidade. Hoje, como caminhamos: cegos(as), tristes, frustrados(as) ou sentindo ainda o coração arder?
2. Ser morada de Deus, num mundo cada vez mais indiferente a Ele, chama-nos a ressignificar o empenho missionário. Como congregação, comunidade religiosa, pessoa consagrada, como estamos vivendo o ardor apostólico, o método evangelizador e a espiritualidade de comunhão eclesial?

MISSIONARIEDADE¹

IRMÃO EDGAR GENUINO NICODEM, FSC
IRMÃ SUSANA ROCCA, MCR

Em algum momento da nossa vida, provavelmente, já tivemos alguma experiência ou experiências que nos encheram de alegria. Foi um encontro, um fato ou uma realização que tocou profundamente o nosso coração. A alegria foi tanta que sentimos a necessidade de partilhá-la com alguém ou mesmo por meio de das redes sociais. São experiências, muitas vezes, simples corriqueiras ou decorrentes de importantes decisões ou sonhos. Será que com a nossa experiência de fé ou de Deus também passa algo semelhante?

1 Neste artigo usaremos as seguintes siglas: DA – Deus é Amor. EG – Evangelii Gaudium. DAp – Documento de Aparecida. RM – Redemptoris Missio. LS – Laudato Si. GE – Gaudete et Exsultate. AM – Amoris Laetitia. PC – Partir de Cristo.

Na Encíclica Deus é Amor, Bento XVI dizia que no “início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo” (DA 3). Quem viveu esta experiência personalizada, também, quer partilhá-la, comunicá-la. Por isso, quem vivenciou a alegria de Cristo não hesita em assumir “a doce e reconfortante alegria de evangelizar” (EG 9).

A história da Igreja e da Vida Religiosa Consagrada (VRC) está repleta de testemunhos de homens e mulheres que assumiram, plenamente, essa doce e reconfortante alegria de evangelizar. Entre a mais belas páginas

da VRC, podemos encontrar inúmeras religiosas e religiosos que, brilhando como estrelas, consumiram, de forma sagrada, a sua vida pelos outros, como velas que não se apagam ao lento. São religiosas e religiosos que souberam mediante suas vidas, “primeirar, envolver-se, frutificar e festejar (EG 24), em meio a tantas intempéries, comprometidos com o Reino de Deus. Quem não lembra, entre tantos outros, da Irmã Dulce dos Pobres, da Irmã Dorothy Stang e do Pe. Ezequiel Ramin?

Uma Igreja toda Missionária

Segundo Agenor Brighenti, uma das novidades de Aparecida “é que a ‘missão’ não é tarefa apenas de alguns, do clero, de alguma congregação religiosa, nem tampouco algo esporádico, uma campanha ou uma atividade ocasional. A Igreja inteira é missionária, tanto em cada um de seus integrantes como em suas ações e estruturas”². Transparece, claramente, nesta análise de Brighenti, que estamos diante de uma Igreja, toda ela ministerial, que requer uma reconfiguração efetiva de suas

ações e estruturas. O modo de ser, de agir e de organizar-se estão profundamente interconectados e são decisivos para a efetividade da missão e dos processos de missionariedade.

O Papa Francisco, por sua vez, propõe uma “transformação missionária da Igreja” (EG 23), porque ninguém pode ficar excluído da alegria do Evangelho. “Como gostaria, afirma o Pontífice, encontrar palavras para encorajar uma ação evangelizadora mais ardorosa, alegre, generosa, ousada, cheia de amor até o fim e feita de vida contagiante” (EG 261). Para que isso aconteça, será necessário renovar, sacudir e impelir a Igreja e a VRC numa decidida saída missionária. Por isso,

São religiosas e religiosos que souberam mediante suas vidas, “primeirar, envolver-se, frutificar e festejar (EG 24), em meio a tantas intempéries, comprometidos com o Reino de Deus. Quem não lembra, entre tantos outros, da Irmã Dulce dos Pobres, da Irmã Dorothy Stang e do Pe. Ezequiel Ramin?

² Brighenti, Agenor. Para compreender o Documento de Aparecida – o pré-texto, o con-texto e o texto, Paulus, São Paulo 2008, p. 83.

a “Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia a sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais” (DAp 11). Por que não pensar que uma das prioridades da VRC, estabelecidas pela Assembleia Geral da CRB, poderia ser contribuir efetivamente com a transformação missionária da Igreja? Quem sabe, a partir das nossas fragilidades, pobreza e mesmo contradições, inspirados em Jesus de Nazaré, podemos contribuir, e muito, com esse novo dinamismo missionário tão almejado pelo Papa Francisco?

Desde Aparecida, estamos falando em discípulos-missionários, um substantivo composto. No início, ainda, falava-se de discípulos e missionários, mas, aos poucos essa expressão cedeu lugar ao substantivo composto discípulos-missionários. Temos recebido dons, afirma o documento de Aparecida, “que nos ajudam a olhar a realidade como discípulos-missionários de Jesus Cristo (DAp 21). Ser discípulo é ser missionário e ser missionário é ser discípulo. Trata-se de uma vocação ao discipulado missionário (DAp 156). A missionariedade é intrínseca ao nosso ser cristão.

Podemos observar que alguns anúncios comerciais,

particularmente dos grandes grupos econômicos, presentes, praticamente em todos os recantos. Parecem que sempre chegam antes. Contudo, também, podemos ver este cenário por uma outra perspectiva. Justino, mártir, um dos grandes apologistas do século II, segundo Bento XVI, afirma que as sementes do Verbo estão presentes em todas as culturas, o grande desafio é reconhecê-las, valorizá-las, acolhê-las e estabelecer um autêntico diálogo com o Evangelho. “Aprendemos que Cristo é o primogênito de Deus e que é o Lógos, do qual participa todo o gênero humano (Justino, I Apologia, 46). Como reconhecemos as sementes do Verbo nas diferentes culturas em nossa ação missionária?

A Igreja “em saída” é uma Igreja de portas abertas (EG 46). Uma Igreja que se dirige, decididamente, às periferias, aberta aos novos areópagos, capaz de olhar nos olhos, de escutar e acompanhar quem ficou à beira do caminho. Os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho (EG 48). Ser discípulo missionário é sair para promover a vida, reconhecer no descartado, debaixo dos farrapos, o rosto de Cristo.

Os religiosos e as religiosas são convocados (as) a participar, ativamente, dos caminhos da missão

indicados pela *Redemptoris Missio* (RM 41-60), com o seu testemunho, anúncio, formação, encarnação do Evangelho nas culturas, diálogo ecumênico e inter-religioso e compromisso com as transformações sociais e culturais. Ao mesmo tempo, afirma João Paulo II, “agradeço aos missionários que, com a sua presença amorosa e o seu serviço humilde, trabalham para o desenvolvimento integral da pessoa e da sociedade, levantando escolas, centros sanitários, leprosarias, casas de assistência para diminuídos físicos e anciãos, iniciativas para a promoção da mulher. Agradeço em particular, às religiosas, aos irmãos e aos leigos missionários, pela sua dedicação” (RM 60).

Missionariedade e Querigma

Aquela experiência crucial, em nossa vida, determinante para nossas escolhas, ao ponto de discernimos uma vocação de serviço aos valores do Reino e às pessoas, aconteceu porque fomos “encontrados pela pessoa de Jesus”. Essa experiência, em si, é o primeiro grande testemunho da alegria de descobrir-se discípulo-missionário (a), pessoa amada por Deus e chamada ao Seu seguimento.

Este conteúdo testemunhal é, por assim dizer, também, um conteúdo salvador no sentido que pede adesão e comprometimento, conversão de vida e serviço. Esse conteúdo, nas palavras do Papa Francisco, “o mais essencial, o mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário” (EG 35), chama-se querigma: “É a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado.” (EG 36).

Em sintonia com essa acentuação missionária, do Papa Francisco, e, em vista de uma clareza maior da missão ad gentes, isto é, a que nos leva a sair de si em direção às pessoas, a VRC deve levar o testemunho desta experiência de fé, que é central e que dá sentido à nossa própria vida³.

Missionariedade e Estruturas Eclesiais

O documento de Aparecida, ao tratar da missão dos discípulos missionários a serviço da vida plena, destaca que é “esta firme decisão missionária que deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais... Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as

3 Cf. EG 161, ChV Cap IV, QA 62-65.

forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé” (DAp 365). A transformação das estruturas constitui-se em um imperativo nos processos de evangelização e de missionariedade. Acreditar que essa renovação acontecerá de forma automática ou espontânea seria muita ingenuidade. Sabemos que muitas estruturas eclesiais são seculares e outras milenares. Contudo, sem transformá-las, será difícil, para não dizer impossível, avançar. Não podemos continuar colocando vinho novo em odres velhos (Mt 9,17). É indispensável avançar com estruturas cada vez mais sinodais que favoreçam a participação e o envolvimento em uma Igreja toda ela ministerial.

Um dos perigos da missão, segundo Casaldáliga, e, aqui, podemos referi-lo, também à missionariedade, é transformá-la em profissão ou encargo. O Reino de Deus não admite funcionários, ele requer discípulos missionários. A missionariedade está orientada para horizontes, sonhos e a utopia do Reino. São homens e mulheres que sabem romper barreiras, superar obstáculos e abrir novas perspectivas para que o rosto sempre jovem do Evangelho resplandeça. Quando

A transformação das estruturas constitui-se em um imperativo nos processos de evangelização e de missionariedade. Acreditar que essa renovação acontecerá de forma automática ou espontânea seria muita ingenuidade.

reduzimos a missionariedade a projetos, mesmo estratégicos, perdemos a dinâmica própria do Evangelho que segue a lógica do amor, da misericórdia, do perdão e da reconciliação.

Reiteradamente, o Papa Francisco tem insistido que o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio é a sinodalidade. A novidade do Evangelho precisa vir acompanhada de formas que, efetivamente, expressem a dinâmica do Evangelho. O que caracteriza a Igreja sinodal é a escuta, o caminhar juntos, o diálogo, a comunhão, uma salutar descentralização. Uma centralização excessiva complica e entorpece a ação missionária. Contudo, para avançar, é necessária uma conversão sinodal. Os missionários e as missionárias, em uma Igreja em saída, além do anúncio e do testemunho,

precisam promover estruturas que sejam, efetivamente, caracterizadas pela sinodalidade, na qual o protagonismo da mulher também possa se manifestar.

Missionariedade e Mãe Terra

Nada deste mundo, afirma Francisco na *Laudato Si*, nos é indiferente (LS 3). O Pontífice ainda afirma o desafio de proteger a nossa casa comum, que inclui a preocupação em unir toda a família humana na busca de um desenvolvimento sustentável e integral, pois sabemos que as coisas podem mudar. Francisco não nega nem diminui a gravidade da situação atual, pois o seu olhar é de esperança. Ele acredita que as mudanças podem ocorrer. É indispensável que, na agenda de qualquer missionário ou missionária, as preocupações com a mãe terra estejam presentes. Qual é a herança que vamos deixar para as próximas gerações?

Missionariedade e Espiritualidade

A transformação missionária proposta pelo Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium* requer, “evangelizadores com espírito”

Os missionários e as missionárias, em uma Igreja em saída, além do anúncio e do testemunho, precisam promover estruturas que sejam, efetivamente, caracterizadas pela sinodalidade, na qual o protagonismo da mulher também possa se manifestar.

(EG 262). Em palavras muito simples da Exortação, isso quer dizer que evangelizadores que rezam, trabalham. Não servem propostas de místicas desprovidas de compromisso social e nem ações pastorais ou sociais desconectadas de uma espiritualidade que transforma o coração. Não podemos mutilar o Evangelho. Se, por um lado, não serve uma espiritualidade intimista, por outro, o pulmão da oração não pode ser negligenciado. Integrar “ora et labora”, como dizia São Bento, continua sendo fundamental para os discípulos missionários. Somente assim, poderá evitar-se tantas ações estéreis e práticas espirituais que não configuram sentido e nem alimentam o compromisso missionário.

Um critério para discernir se o nosso caminho espiritual é

autêntico, segundo a *Gaudete et Exsultate*, é “ver em que medida a nossa vida se vai transformando à luz da misericórdia” (GE 105). A “misericórdia é a plenitude da justiça e a manifestação mais luminosa da verdade de Deus” (AL 311). Ser missionário/missionária é testemunhar, no seio da Igreja e no mundo, a misericórdia e a verdade de Deus.

A espiritualidade missionária, segundo a *Redemptoris Missio*, caracteriza-se pela caridade evangélica. O missionário, inspirado na caridade de Cristo, demonstra atenção, ternura, compaixão, acolhimento, disponibilidade e dedicação aos preferidos do Reino de Deus (RM 89). Como Jesus, o missionário ou missionária ama, profundamente, cada pessoa e assume a postura do bom samaritano, de uma Igreja acidentada, ferida e enlameada.

Missionariedade e Opção Preferencial pelos Pobres

Se a opção preferencial pelos pobres e excluídos “está implícita em nossa fé cristológica, os cristãos, como discípulos missionários, são chamados a contemplar, nos rostos dos sofredores de nossos irmãos, o rosto de Cristo que nos chama

a servi-lo neles” (DAP 393). Segundo *Aparecida*, tudo o que tem relação com Cristo, tem relação com os pobres, e tudo o que está relacionado com os pobres clama por Jesus Cristo.

A necessidade de estar em sintonia com o sonho de que um outro mundo é possível, é um imperativo para a missionariedade. Atendendo a esse sonho, os cristãos, religiosos e religiosas unem-se a todos os homens e mulheres que estão comprometidos com as transformações sociais e culturais, para que resplandeça a dignidade da pessoa e tenhamos um futuro sustentável em harmonia com a “mãe terra”. Trata-se de instaurar outra lógica, não aquela de Caim, como diz o Papa Francisco, mas aquela do amor, da misericórdia e do perdão. Aqui, podemos recordar os quatro sonhos da Exortação Apostólica *Querida Amazônia*: o sonho social, cultural, ecológico e eclesial.

A Assembleia Geral eletiva pode ser uma excelente oportunidade para a VRC impulsionar a missionariedade no seio da Igreja. Somos conhecedores das nossas fragilidades, mas não podemos deixar de dar a nossa contribuição na transformação missionária da Igreja. Como a viúva do Evangelho (Lc 21,1-4),

não podemos deixar de dar da nossa pobreza. Estamos num momento decisivo para dar um ou mais passos. As intempéries não podem nos assustar. O Senhor caminha conosco, com o seu carinho e amor.

Missionariedade e Vida Religiosa Consagrada

Todos os aspectos até, agora, abordados são da missionariedade de uma “Igreja sinodal em saída” e tocam de uma ou de outra forma a VRC. Contudo, consideramos importante destacar algumas temáticas que são preocupações constantes da CRB. Vamos tocar o tema do protagonismo das mulheres, da interculturalidade, da atualização dos carismas e do papel das novas gerações.

A eficácia da evangelização e da missionariedade passam, hoje, pelo protagonismo das mulheres. Tanto Aparecida quanto o Sínodo para Amazônia destacam a urgência de uma efetiva participação das mulheres em todos os âmbitos da Igreja, incluídos os ministérios (Dap 548b). A Igreja, afirma Francisco na *Evangelii Gaudium*, precisa ampliar os espaços para uma presença feminina mais incisiva

A eficácia da evangelização e da missionariedade passam, hoje, pelo protagonismo das mulheres. Tanto Aparecida quanto o Sínodo para Amazônia destacam a urgência de uma efetiva participação das mulheres em todos os âmbitos da Igreja, incluídos os ministérios (Dap 548b).

(EG 103). “Se a Igreja perde as mulheres, na sua dimensão global e real, ela corre o risco da esterilidade” (Francisco, Encontro com o Episcopado Brasileiro – 27/07/2013).

É inegável o esforço do atual Pontífice de colocar em pauta a temática das mulheres na Igreja. Contudo, podemos perguntar, quais foram os reais avanços? Há barreiras, sobretudo jurídico-canônicas, difíceis de serem superadas. Colocar em prática o terceiro dos desafios prioritários da Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe requer mudanças de caráter estrutural: “Impulsionar a participação ativa das mulheres nos ministérios, nas instâncias de governo, de discernimento e decisão eclesial”. Aqui,

são mencionados os ministérios, o governo, o discernimento e as decisões. Como avançar? Sem alguns avanços ou vislumbrar algumas perspectivas mais concretas, o discurso pode cansar e gerar frustrações.

Na VRC, as religiosas são a grande maioria, contudo, essa é uma realidade, em geral, pouca reconhecida e valorizada, o clericalismo é um grande entrave. Entre as múltiplas tarefas para superá-lo, vamos mencionar algumas. Em primeiro lugar, trata-se de superar, na VRC, toda e qualquer forma de clericalismo, isso deverá ser visível, particularmente em estruturas mais participativas desde a reflexão, o discernimento e a tomada de decisões. Ter a sinodalidade como elemento inspirador e norteador será fundamental. A segunda é contribuir, de forma decisiva, na configuração de uma Igreja sinodal em saída missionária. uma terceira tarefa poderia ser específica para os religiosos irmãos e presbíteros: avaliar o quanto o clericalismo está presente nas congregações e ordens religiosas masculinas e dificulta a efetiva participação na vida da Igreja e da VRC.

Hoje, com facilidade, podemos perceber que as comunidades ou os grupos de formação são

multiculturais, evidenciam-se, rapidamente, em reuniões de novas gerações a presença de religiosos e religiosas de diversos países, raças e culturas. É uma nova realidade. Diante desse novo cenário, algumas questões emergem com força. Como a diversidade cultural e étnica pode ser um fator de enriquecimento na VRC? Os itinerários formativos estão considerando essa diversidade cultural? Como são acolhidas as religiosas ou religiosos que chegam? Conseguimos respeitá-los (as) em sua identidade cultural? Valorizamos as suas contribuições? Francisco nos convida a “criar novas sínteses culturais” (EG 210).

Outro aspecto da interculturalidade ligado à missionariedade são os discípulos missionários que chegam e os que partem de nosso país. Aqui o tema central é a formação e o acompanhamento, tanto para quem chega quanto para quem parte. Convém destacar o trabalho realizado pelo Centro Cultural Missionário, ligado à CNBB, e pelas Pontifícias Obras Missionárias. Uma, entre tantas questões, é perguntar como estão sendo preparados e acompanhados os discípulos missionários que chegam ao nosso país e os que partem. Temos uma efetiva “política” missionária como VRC?

Diante de novos desafios, novas respostas, será isso verdade, também, para os carismas? Acreditamos que sim. A missionariedade é um importante fator de renovação e de atualização para os carismas. O trabalho em Redes, em parcerias e a intercongregacionalidade configuram um novo rosto na missionariedade da VRC. “Os carismas dos fundadores e das fundadoras, tendo sido suscitados pelo Espírito para o bem de todos, devem ser recolocados no próprio centro da Igreja, abertos à comunhão e à participação de todos os membros do Povo de Deus (PC 31). A presença de leigos e outras congregações religiosas são importantes para favorecer o surgimento de novas iniciativas missionárias e a configuração de novos sentidos dos carismas. A fidelidade criativa é fundamental para manter vivo os dinamismos e a força evangélica dos carismas. O laicato é um enorme potencial adormecido e domesticado⁴. Como o laicato poderia ser integrado nas dinâmicas internas das congregações religiosas e como a VRC pode contribuir para despertá-lo no conjunto da vida da Igreja?

As novas gerações têm um papel fundamental na missionariedade e na atualização dos

4 Brighenti, op.cit. 18-20.

A presença de leigos e outras congregações religiosas são importantes para favorecer o surgimento de novas iniciativas missionárias e a configuração de novos sentidos dos carismas.

carismas. Se cada geração traz algo de inédito, aqueles que são jovens, hoje, trazem para a missionariedade da VRC novas sensibilidades, perguntas e potencialidades seja enquanto interlocutores (destinatários), seja como protagonistas da Evangelização. Como nativos digitais poderão contribuir para que a VRC marque presença em novos areópagos. A missionariedade do presente e do futuro passará pelas redes, parcerias e intercongregacionalidade sem desconsiderar o contato direto com aqueles que são os “prediletos” de Deus. As novas gerações têm, sobretudo, a importante tarefa de romper barreiras, desconstruir estruturas ultrapassadas, configurar novos horizontes, fomentar a cultura do encontro e testemunhar o dinamismo sempre novo e renovador do Evangelho, em uma Igreja sinodal missionária em saída, a serviço do Reino.

Quem sabe, um exemplo da própria CRB ajude a vislumbrar a missionariedade com a qual estamos nos comprometendo. Estamos falando da Missão do Haiti, uma presença de mais de dez anos, iniciativa conjunta da CRB-CNBB, que passou a ser coordenada, desde a última Assembleia Geral da CRB, pela REMIS (Rede Missionária Intercongregacional Solidária). São cinco congregações religiosas que, com o apoio da CRB, levam adiante esta importante iniciativa no Haiti. Oxalá que esta experiência, tão significativa, ilumine e anime outras congregações religiosas, leigos (as), sacerdotes a assumir a missionariedade em parcerias, redes e de forma intercongregacional com os “prediletos” de Deus.

Maria primeira Discípula Missionária

Segundo o Evangelho de Lucas, após a anunciação, *“Maria levantou-se e foi apressadamente à região montanhosa, a uma cidade de Judá”* (Lc 1,39). Ela saiu às pressas para visitar sua prima Isabel. É um encontro profundamente afetivo, marcado pela alegria. Por meio de Maria, Deus visita o seu povo. Ela leva no seu ventre aquele que é esperança, vida, amor, salvação

Por meio de Maria, Deus visita o seu povo. Ela leva no seu ventre aquele que é esperança, vida, amor, salvação e abre, definitivamente, um novo horizonte para a humanidade.

e abre, definitivamente, um novo horizonte para a humanidade. Como Maria, também nós somos convocados a ser discípulos missionários do Reino de Deus, num mundo sedento da vida nova em Cristo, assumindo *“a doce e reconfortante alegria de evangelizar, acreditando que outro mundo é possível, sendo missionários(as) da ternura de Deus.*

Podemos concluir, com o Diário de Etty Hillesum⁵: *“parti meu corpo como o pão e o reparti entre as pessoas”*. E, ao escrever para sua amiga Henny Tiedemann, Etty Hillesum revela o sentido de sua doação: *“Tu que me deste tanto meu Deus, permita também dar-te de mãos*

5 Etty Hillesum é uma jovem judaica, nascida na Holanda e vítima dos nazistas no campo de concentração de Auschwitz. Ele ficou particularmente conhecida depois da publicação do seu Diário (Etty Hillesum. Diário 1941-1942, Adelphi Edizioni, Milano: 2012, 922p.) e das suas Cartas (Etty Hillesum. Lettere, Adelphi Edizioni, Milano:2013, 269p.

cheias. Minha vida transformou-se em diálogo ininterrupto contigo, em uma longa conversa. Quando estou em alguma parte do acampamento, com os pés na terra e os olhos apontados para o céu, sinto o meu rosto cheio de lágrimas, única forma de expressar a intensa emoção e gratidão que sinto. Às vezes, à noite, estendida em minha cama e em paz contigo, também tenho

o rosto cheio de lágrimas de gratidão que constituem a minha oração”. Irmãos e Irmãs, que a nossa missionariedade seja como pão repartido, principalmente com as pessoas em situação de vulnerabilidade, em sintonia com a mãe terra, de mãos dadas com Deus, consagrando nossas vidas a Ele, que nos deu tanto, para que possamos dar de mãos cheias.

Questões para refletir, meditar, rezar e partilhar:

Partilhar alguma (s) experiência (s) de missionariedade.

1. Quais realidades missionárias nos encantam e quais realidades missionárias nos preocupam?
2. Como abordamos tema da interculturalidade em nossa missionariedade?
3. Como podemos ser portadores da alegria do Evangelho na Igreja e na sociedade atual?

SINODALIDADE, MISSÃO E VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

RAFAEL LOPEZ VILLASENOR, SX
JOACHIM ANDRADE, SVD

Introdução

A Igreja tem duas histórias paralelas. A primeira é a história da Igreja ao redor da hierarquia e a segunda, é a história da Vida Religiosa à margem da hierarquia. Não aparece evidenciada nessa história do passado, a unidade e a estrutura da Igreja como fruto da colaboração de todos os seus membros. Esse fato tem repercussões concretas, uma delas é em nível teológico, eclesiológico e prático.

A história da Igreja caminhou, ao longo dos séculos, com a imagem principal do “Pastor”, “aquele que cuida de suas ovelhas”, porém o cuidado era a

partir do poder do Magistério com a complexa estrutura hierárquica. Enquanto a história da Vida Religiosa Consagrada trilhou seu caminho com diversas imagens, “o renunciante”, “aquele que está a caminho”, “o peregrino”, mas tendo em base os três elementos estruturais: uma experiência fundante de Deus, a vida comunitária e a missão. A vida consagrada não era baseada, fortemente, nos votos, mas os votos eram entendidos em relação desses três elementos.

Os tempos mudaram e, com eles, a histórias também, apontando os tempos para as transformações tanto na história da

Igreja quanto na história da Vida Religiosa Consagrada. Uma das novidades da história atual é a sinodalidade. Portanto, neste artigo, iremos apresentar três abordagens distintas e complementares. Em primeiro lugar, apresentaremos o caminho da sinodalidade na Igreja; logo em seguida, abordaremos a sinodalidade na visão do Papa Francisco e, finalmente, o lugar da VRC no contexto da sinodal.

Trilhando o caminho da Sinodalidade na história da Igreja

A origem da palavra sinodalidade provém da palavra sínodo, que significa caminhar juntos. Ainda, os primeiros seguidores de Jesus eram identificados pela característica de caminhar juntos (At 9,2; 22,4). Apesar das perseguições, que não eram poucas, os discípulos caminhavam unidos, sabendo que a condição humana estava destinada à vida, e não à morte. Portanto, sínodo é uma palavra muito antiga e venerada na tradição da Igreja, seu significado exprime um conteúdo muito profundo da Revelação. O termo é constituído pela preposição e pelo substantivo “caminho,” que indica o caminho feito pelo Povo de Deus que está intimamente unido ao Senhor Jesus, o qual

apresenta a si mesmo como “o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6), inclusive, os cristãos, no seguimento de Jesus, são, na sua origem, chamados os discípulos do Caminho (cf. At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22) (cf. CONRADO, 2020).

Também, nos primeiros séculos do cristianismo, com a palavra “sínodo,” são designadas as assembleias eclesiais convocadas nos diferentes níveis como diocesano, provincial ou regional, patriarcal, universal para discernir, à luz da Palavra de Deus e na escuta do Espírito Santo, as questões doutrinárias, litúrgicas, canônicas e pastorais que, de quando em quando, se apresentam. Logo, a “sinodalidade designa, antes de tudo, o estilo peculiar que qualifica a vida e a missão da igreja, exprimindo a sua natureza como o caminhar juntos e o reunir-se em assembleia do povo de Deus convocado pelo Senhor Jesus na força do Espírito Santo no anúncio da Boa Nova (COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL - CTI, 2018).

Historicamente, fora dos textos bíblicos, consideramos que o primeiro sínodo, propriamente, tenha sido convocado no ano de 155, na cidade de Roma, realizado pelo Papa Anacleto, para tratar da questão da data da Páscoa. Porém, existem, também, opiniões de que o primeiro sínodo

teria sido convocado pelo Papa Vítor, no ano 190. A realização de sínodos, na Igreja, tornou-se uma prática nos primórdios do cristianismo com o objetivo de resolviam questões doutrinárias e disciplinares, dentro de um contexto de reconhecimento recíproco das várias Igrejas particulares (FERREIRA, 2018, p 393).

No início do século II, Inácio de Antioquia descreve a consciência sinodal nas diversas Igrejas locais, que solidamente se reconhecem expressão da única Igreja. (CTI, 2018, n 25). Os Sínodos foram celebrados periodicamente a partir do século III, tanto a nível diocesano, como provincial para serem tratadas questões de disciplina, culto e doutrina surgidas no âmbito local. Neles resolviam-se questões doutrinárias e disciplinares num contexto de reconhecimento recíproco das várias Igrejas particulares. Neste sentido, Santo Irineu afirmou que enquanto os fundadores de seitas iniciavam cacofonias, os bispos testemunhavam “uma mesma fé e um mesmo modo de organização”. Existia a convicção de que as decisões tomadas eram expressão da comunhão com todas as Igrejas. Cada Igreja local é expressão da Igreja una e católica, manifesta-se através da comunicação das cartas sinodais, as coleções dos cânones transmitidas às outras Igrejas (CTI, 2018, n 28). Os Sínodos do

Primeiro Milênio, por um lado, refazem à Tradição apostólica, por outro resultam marcados, nos seus procedimentos concretos, pelo contexto cultural em que ocorrem. Para São João Crisóstomo (347-407), “Igreja e Sínodo são sinônimos”, porque a sinodalidade não é outra coisa que caminhar juntos.

No Segundo Milênio, a prática sinodal, durante o Medievo, começou a ser relativizada. A relativização criou graves problemas no interno da Igreja, como, por exemplo, o caso da simultânea presença de dois papas, logo de até três pretendentes ao título papal, durante o cisma de Avinhão ou cisma papal (1378-1417). A solução da complicada questão é dada pelo Concílio de Constança com a finalidade

Os Sínodos do Primeiro Milênio, por um lado, refazem à Tradição apostólica, por outro resultam marcados, nos seus procedimentos concretos, pelo contexto cultural em que ocorrem. Para São João Crisóstomo (347-407), “Igreja e Sínodo são sinônimos”, porque a sinodalidade não é outra coisa que caminhar juntos.

resolver o cisma (1414-1418). Um século depois, a Igreja Católica, como resposta à crise da reforma protestante, celebra o Concílio de Trento, que foi muito menos sinodal dos anteriores. Os Bispos participam em Trento junto com os Superiores das Ordens Religiosas e das Congregações monásticas, assim como os delegados dos Príncipes, mesmo participando das sessões, não tiveram direito de voto, apenas os bispos.

O Concílio Vaticano I (1869-1870), o menos sinodal da história, foi conduzido por Pio IX, que estabeleceu a doutrina do primado e da infalibilidade do Papa (18 de julho de 1870). A partir deste dogma, não existiria mais a necessidade de sínodos ou concílios na Igreja, porque o próprio papa poderia resolver tudo de forma unilateral e infalível. Entretanto, o papa João XIII convocou a realização do Concílio Vaticano II, o integrando na perspectiva de completo “aggiornamento”, assumindo os ganhos amadurecidos nos decênios precedentes e compondo-os por meio de uma rica síntese à luz da Tradição.

Os princípios da sinodalidade foram retomados nos documentos do Concílio Vaticano II, embora o tema, em quanto tal, não recebeu uma atenção especial, mas se converte uma categoria

chave na eclesiologia, em especial no documento *Lumen Gentium* (LG 54-57), como caminho de renovação, de modo que a mensagem da salvação não seja aprisionada (cf. 2Tm 2, 9), mas toque o coração da humanidade hoje. (CONRADO, 2020). O Papa Pulo VI revitalizou a prática sinodal eclesial, instituindo oficialmente o Sínodo dos Bispos, em 15 de setembro de 1965, durante o Concílio Vaticano II, com o *Motu Proprio Apostolica Sollicitudo*. Após o Concílio Vaticano II, o próprio Paulo VI convocou o primeiro Sínodo dos Bispos, que ocorreu entre os dias 29 de setembro a 29 de outubro de 1967, a partir daí, até hoje, foram realizados vários sínodos, em diferentes setores da Igreja, de maneira periódica. A compreensão de que a missão permanente é a razão de ser da Igreja, a sinodalidade demonstra ser necessária sempre para rever a ação pastoral missionária, seus métodos e instrumentos, no processo de conversão pastoral como sustento da missão.

Os fundamentos da sinodalidade nascem a partir da eclesiologia do Concílio Vaticano II. Explicitamente na Constituição dogmática *Lumen Gentium*, (11-12) em que são considerados todos os batizados como constituintes do povo de Deus; a unção espiritual dos fiéis e a infalibilidade *in credendo*; o *consensus fi*

delium; a participação do povo de Deus na função profética de Cristo. Nesse contexto, o papa expressa o propriamente sinodal do *sensus fi dei*: ele se caracteriza como um “olfato” para discernir as novas estradas que o Senhor abre para a Igreja”. Trata-se do discernimento pastoral (FERREIRA, 2018, p. 395).

Também existem diversos níveis na sinodalidade, o “primeiro nível de exercício da sinodalidade se realiza nas Igrejas particulares” É aqui que acontece a escuta recíproca entre membros da Igreja. Nesse campo, podem ser valorizados os vários organismos de colaboração e de participação, como o Conselho Presbiteral, o Conselho Pastoral, o Colégio dos Consultores, entre outros. O segundo nível é da colegialidade e inclui, os Concílios Particulares e as Conferências Episcopais. O último nível é o da Igreja universal, onde a sinodalidade se realiza em relação com a colegialidade episcopal na moldura da “solididade pelo Povo de Deus” (Cf. FERREIRA, 2018, 394).

A Sinodalidade no Pontificado de Francisco

A sinodalidade é de profunda atualidade, adquirindo especial importância a partir do Concílio Vaticano II. No Pontificado do Papa Francisco, existe a

consciência clara e abrangente da necessidade do caminho sinodal para dinamizar e reformar as estruturas eclesiais, apesar dos obstáculos e resistências que se encontram dentro da instituição. Francisco expressa, de muitas maneiras, o valor dos espaços de participação e escuta eclesial. O maior desafio no processo sinodal é a conjuntura marcada pela oposição de setores eclesiais, além da crise ética em estruturas governamentais, manifestando a necessidade de uma reforma eclesial.

Na homilia da Solenidade de São Pedro e São Paulo, em 2013, primeiro ano do seu pontificado, afirmou: “devemos caminhar pela estrada da sinodalidade”. Nos nove anos do pontificado, Francisco realizou vários sínodos: sobre a Família; sobre a juventude em; sobre a Amazônia; atualmente, faz-se a consulta para o Sínodo sobre a Sinodalidade com o tema: “Por uma Igreja Sinodal, comunhão, participação e missão”. O processo tem três fases: diocesana, continental e universal. Este caminho é feito por consultas e discernimentos, tendo como ponto alto o Sínodo em Roma, em outubro de 2023.

A sinodalidade é o caminho no Magistério do Papa Francisco, sugerido, sobretudo, no discurso da comemoração do 50º aniversário da instituição dos Sínodo

dos Bispos, em 17 de outubro de 2015, afirmando que “o caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”. Francisco apresentou sua marca num caminho sinodal que vem se desenvolvendo através da colegialidade. Para o Papa, “Igreja e Sínodo são sinônimos”, porque “a Igreja não é outra coisa que o caminhar juntos”, palavras do discurso pelo 50º aniversário da instituição do Sínodo dos Bispos por Paulo VI. Em outras palavras, para o Papa Francisco, na perspectiva eclesiológica do Concílio Vaticano II: Igreja sinodal é como uma “pirâmide invertida”, oferecendo nela um quadro interpretativo mais adequado para compreender o ministério hierárquico.

Assim sendo, a Igreja vem crescendo no processo da prática sinodal, assumindo um jeito cada vez mais participativo e missionário, enquanto mais vive e pratica um estilo sinodal de comunhão. Portanto, a Igreja não é apenas sinodal, mas também é missionária, porém só é missionária se for sinodal e só é sinodal se for missionária. Uma conversão missionária não é possível sem uma conversão sinodal, o que implica a escuta que tem a coragem de pedir e dar perdão (Cf. GRECH). Deste modo, existe uma consciência

clara e firme do Papa Francisco para a renovação das estruturas eclesiais, a partir da sinodalidade para dinamizar e descentralizar a Igreja, apesar dos obstáculos e as resistências que encontra no interior da Instituição.

Francisco deseja vincular os sujeitos eclesiais das diversas categorias do Povo de Deus, nas etapas dos processos sinodais que se tem gerado nestes anos. Francisco tem expressado, de várias formas, o valor dos espaços de participação que criam unidade e valorizam a teologia e eclesiologia à escuta horizontal e fraterna. A Igreja não pode deixar de reconhecer a necessidade de se reformar, renovando suas formas e ser mais coerente com os princípios do Evangelho.

Para o Papa Francisco, “uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta. É uma escuta recíproca em que cada um tem algo a aprender. É escutar a Deus, é também escutar com Ele o clamor do povo; e escuta o povo, a ponto de insuflar-lhe a vontade a que Deus nos chama”. O exercício da escuta é essencial em uma eclesiologia sinodal, pois parte do reconhecimento da identidade de cada sujeito eclesial como leigos, sacerdotes, religiosos, bispos, a partir de relações horizontais baseadas na radicalidade da dignidade batismal e na participação no comum sacerdócio

Para o Papa Francisco, “uma Igreja sinodal é uma Igreja que escuta. É uma escuta recíproca em que cada um tem algo a aprender. É escutar a Deus, é também escutar com Ele o clamor do povo; e escuta o povo, a ponto de insuflar-lhe a vontade a que Deus nos chama”.

de todos os fiéis (LG 10).

De acordo com Francisco: “escutar não é o mesmo que ouvir”. Podemos acrescentar que também não equivale a consultar. A razão é que, em uma Igreja sinodal, a escuta se faz ao discernir juntos, em um processo de discernimento comunitário e não individual, porque se trata de “saber o que o Espírito ‘diz às Igrejas’ (Ap 2,7)” e encontrar formas de proceder de acordo com cada época. Seguindo o documento *Ad Gentes*, é um discernimento que deve levar a “uma acomodação mais profunda em toda o âmbito da vida cristã” (AG22).

Enfim, uma forma mais completa de ser Igreja implicará, ao mesmo tempo, a conversão de mentalidades e mudanças

estruturais, porque “a sinodalidade dificilmente pode existir sem lugares ou procedimentos institucionais para sua implementação”. De fato, a Comissão Teológica Internacional nos lembra que “a dimensão sinodal da Igreja deve se expressar através da implementação e governança de processos de participação e discernimento capazes de manifestar o dinamismo de comunhão que inspira todas as decisões eclesiais” (CTI, 76).

A Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe

Em mais um evento que mostra a sinodalidade no pontificado do Papa Francisco foi realizada a primeira Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe. Historicamente, o primeiro encontro sinodal continental foi o Concílio Plenário Latino-Americano 1899 em Roma; após um longo período, aconteceram os Encontros das Conferências Episcopais do CELAM (Conferência Episcopal Latino-Americano) realizadas com intervalos de 11 a 15 anos: Rio de Janeiro, 1955; Medellín, 1968; Puebla, 1979; Santo Domingo, 1992; Aparecida, 2007; o Sínodo da Amazônia (6-27 de outubro de 2019, em Roma). Quando foi feito o pedido pelo CELAM para realizar a VI Conferência Latino-americana, o Papa Francisco

sugeriu que se fizesse algo novo e inédito, pensou que era necessário que se reunisse não somente os bispos, mas também representantes de todos os segmentos da Igreja e do continente, que compõem o “povo santo de Deus,” a partir da retomada do Documento de Aparecida, que “ainda é muito atual e temos muito que aprender”.

Seguindo as indicações do Papa Francisco, no lugar de uma Conferência Episcopal, após ter ouvido o Povo de Deus, a Assembleia Eclesial Latino-Americana e do Caribe aconteceu nos dias de 21 a 28 de novembro, de forma híbrida, um grupo reduzido, por causa da pandemia, encontrou-se na Basílica de Nossa Senhora de Guadalupe, na cidade do México e o restante, pela plataforma zoom, de forma virtual. O tema foi “Todos somos discípulos missionários em saída” retomando o espírito da V Conferência Geral, realizada em Aparecida em 2007, em sintonia com as Conferências anteriores, tendo no horizonte o Jubileu Guadalupense em 2031 e o Jubileu da Redenção em 2033. A assembleia aconteceu sob as novas tecnologias. A transmissão digital foi aberta, para qualquer pessoa interessada em acompanhar as atividades, através dos vários canais.

A Assembleia Eclesial foi realizada depois do Sínodo para

Amazônia e dentro do horizonte do caminho do Sínodo sobre a Sinodalidade, isto é, a XVI Assembleia Geral Ordinária, que será realizada em outubro de 2023, em Roma. O Papa Francisco considera que é necessária a fase de participação do papel ativo do Povo de Deus no caminho para esta Assembleia Geral Ordinária é fundamental, entretanto é uma parte importante e integrante do Sínodo, para o efeito expressa no seu princípio, que possa envolver a Igreja universal: “Para uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão”.

O processo de preparação começou com a escuta de abril a agosto de 2021, o Povo de Deus foi ouvido, em meio a Pandemia. Para facilitar o processo de escuta, foi criada uma plataforma com o preenchimento de um formulário com diversas questões. As respostas foram feitas em grupos, por fóruns ou de maneira pessoal. Apesar da indiferença da maioria das Igrejas locais, o processo teve a participações de cerca de 70.000 pessoas. De acordo com a organização, a fase de escuta teve a maioria de aportes das mulheres dos diferentes países e instâncias eclesiais, porém, na Assembleia, as mulheres representavam apenas uma terceira parte dos delegados.

A Assembleia Eclesial foi algo inédito na história da Igreja. Pela

primeira vez reuniu representantes dos diversos setores da Igreja. A participação aconteceu com 93 % on-line e apenas 7% presencial; sendo aproximadamente mil delegados conectados virtualmente e quase cem de forma presencial. A composição seguiu as orientações do Papa de que “todos somos parte do Povo de Deus”, desta maneira, para contemplar os diferentes setores, os participantes foram 20% de bispos, 20% de sacerdotes, 20% de religiosas e religiosos, 40% de laicos, 1,7% de diáconos, além de 0,7 % de outras religiões. A presença feminina representou 36% e a masculina 64 %. Neste dinamismo, o povo assumiu o pleno papel como batizados e batizadas, de acordo com a “*Lumen Gentium*,” abertos às vozes das pessoas de boa vontade.

A principal novidade foi o caráter eclesial e sinodal, que não se define por sua identidade eclesiástica, mas por sua capacidade de envolver e ouvir o mundo, e não apenas os fiéis na sinodalidade. Outra inovação é que foi uma Assembleia Eclesiástica e não Episcopal. Porém, não foi composta apenas por membros da Igreja Católica, participam, com igual direito de voz, as pessoas, os movimentos e as instituições sociais, religiosas que a Igreja deseja e deve ouvir para discernir as mudanças que ela mesma deve realizar. A Igreja

da América Latina escutou as diversas vozes do povo de Deus, amplamente coletadas, são vozes de homens e mulheres, crianças, jovens, comunidades, povos afrodescendentes, camponesas, universitários, comunidades LGBTQI+, pessoas com capacidades diferentes ou especiais, conferências episcopais, bispos, padres, religiosos, leigos, enfim, pessoas de vários contextos socioculturais, com o intuito de identificar os sinais dos tempos a partir das interpelações.

A Assembleia Eclesial se colocou no processo de escuta, com a convicção de ser o “*kairós*”, o tempo propício de Deus, sendo chamados a escutar a voz do Espírito Santo que emana do Povo de Deus. O encontro foi um processo de discernimento comum para responder aos signos dos tempos, para impulsionar a missão eclesial, delineando novos caminhos para o continente, seguindo os sonhos do Papa Francisco, apresentados na Exortação “*Querida Amazônia*”: social, ecológico, cultural e eclesial. O Sínodo da Amazônia expôs a necessidade de uma “*conversão integral*”, que se desdobre na conversão pastoral, cultural, ecológica e sinodal (Cf QA, 7).

O ambiente virtual foi o espaço para dialogar e partilhar as diferentes experiências do continente, como um lugar de discernimento, de escuta comunitário

e como vivência da sinodalidade do Povo de Deus. A grande variedade de pessoas, experiências, estados de vida, idiomas, sotaques, culturas enriqueceram a partilha na escuta do Espírito que inspira e guia no caminho sinodal dentro de um novo ardor missionário. Como assegura a mensagem final:

Com grande alegria vivemos essa Assembleia como uma verdadeira experiência de sinodalidade, em escuta mútua e no discernimento comunitário do que o Espírito Santo quer dizer à sua Igreja. Caminhamos juntos, reconhecendo nossa diversidade poliédrica, mas, acima de tudo, reconhecendo o que nos une, e nesse diálogo, nossos corações, como discípulos voltaram-se para as realidades que o continente está vivenciando, em suas dores e esperanças.

Viu-se a necessidade de dar maior reconhecimento do protagonismo das mulheres na sociedade e na Igreja, a superação do clericalismo, da autoreferencialidade eclesial, a valorização da juventude, a reafirmação da opção preferencial pelos pobres e pela justiça, a necessidade de retomar das CEBs como parte da experiência sinodal no continente, que não aparecem de forma clara nos desafios pastorais apresentados no final da Assembleia.

A Assembleia Eclesial foi uma experiência profunda sinodal,

que criou esperanças e marcou desafios. Ainda não sabemos, realmente, quais serão os verdadeiros frutos, por se tratar de um evento inédito na história eclesial. Esperamos que possa ser um “kairós” para Igreja na América Latina e no Caribe, um momento histórico para os caminhos pastorais e missionários para o continente. Entretanto, o evento suscitou esperança de uma Igreja sinodal, através do processo de escuta, comunhão e participação.

A sinodalidade foi entendida como um espaço de participação e abertura para a transformação das estruturas eclesiais e sociais que permitam renovar o impulso missionário e aproximação com os mais pobres e excluídos, valorizando mais os leigos, as mulheres e jovens, assim como a diversidade de identidades, povos e culturas. Igualmente, foi suscitada a Esperança de uma Igreja mais próxima do sofrimento do Povo, que valorize mais as CEBs, gere ações em defesa dos direitos humanos, da Casa Comum, escutando o clamor dos mais pobres e excluídos.

Um projeto missionário só pode emergir do processo sinodal de escuta-discernimento. Para realizar uma atuação sinodal, conversão pastoral e missionária, exige-se que alguns paradigmas, ainda muito presentes

na cultura eclesial, sejam superados o que parece um desafio que a maioria da Igreja não está disposta a enfrentar. Entre estes, a concentração da responsabilidade da missão apenas no ministério dos pastores ordenados como bispos e padres, assim como a insuficiente valorização da vida consagrada e dos dons carismáticos, inclusive a pouca apreciação da atual ação específica e qualificada dos leigos, em especial das mulheres. Portanto, o exercício de um estilo sinodal de comunhão e participação constituem a base para uma eficaz conversão missionária e pastoral do discípulo missionário.

Para ser uma Igreja missionária, existe o desafio de superação do clericalismo, que abusa do poder institucionalizado para manter os leigos à margem das decisões (Cf. EG, 102). Este obstaculiza o crescimento de uma Igreja Sinodal e missionária, o que coloca a Igreja na necessidade de uma constante conversão. O Papa Francisco convida repetidamente a passar de uma Igreja clerical para uma Igreja Sinodal. Portanto, é impossível imaginar uma conversão eclesial sem a participação ativa de todos os membros do Povo de Deus. Uma Igreja sinodal não é autorreferencial, mas missionária; é uma Igreja que escuta o grito dos pobres e da terra.

O desafio sinodal na Vida Religiosa Consagrada

A Vida Religiosa Consagrada tem o desafio de ser cada vez mais sinodal. É próprio caminhar juntos e viver em comunidade, são alma e essência do consagrado. O caminho sinodal é vivenciado, de maneira especial, através dos Capítulos Provinciais e Gerais como espaços de partilha, avaliação, planejamento e escuta. São espaços privilegiados para viver a sinodalidade, como caminho para a conversão de mentalidades, como para as reformas estruturais, sendo capazes de escutar e discernir os sinais dos tempos à luz do Evangelho.

A Sinodalidade designa um estilo peculiar que qualifica a vida e a missão da Vida Religiosa expressada na natureza de caminhar juntos. Este modo vivido e operado realiza-se através da escuta comunitária da Palavra, da celebração Eucarística, da comunhão fraterna, da corresponsabilidade e participação. O processo sinodal deve ser um processo que ajuda para renovar as estruturas, escutando o Espírito para saber a direção a seguir, tomando e discernindo as decisões e orientações para a missão.

O “Kairós da sinodalidade” nos oferece caminhos fecundos e reais para transitar com determinação o chamado à

ressignificação e reconfiguração da Vida Religiosa: por um lado, o Papa Francisco o expressa com clareza e convicção profética: “o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”. Por outro, o Documento sobre “Sinodalidade na vida e missão da Igreja” expressam novas compreensões da Vida Religiosa, que valorizam o princípio da co-essencial entre os dons hierárquicos e os dons carismáticos na Igreja sobre a base no ensinamento do Concílio Vaticano II. Isto implica, também, as comunidades de Vida Consagrada, os movimentos e as novas comunidades eclesiais (CTI, 74).

Um sinal de autêntica fidelidade criativa para cada uma de nossas instituições é abrir-se a profundidade e discernimento de nossos carismas nos novos contextos. O Espírito Santo, que inspirou o carisma fundacional dos fundadores e fundadoras, deve nos inspirar novos matizes e explicações não reveladas até este momento histórico e cultural.

O Concílio Vaticano II, no documento da *Lumen Gentium* não esqueceu esta incansável parcela cooperadora ativa na e da Igreja, qual seja a Vida Religiosa Consagrada. “Os religiosos, por seu estado dão brilhante e exímio testemunho de que não é possível transfigurar o

O Espírito Santo, que inspirou o carisma fundacional dos fundadores e fundadoras, deve nos inspirar novos matizes e explicações não reveladas até este momento histórico e cultural.

mundo e oferecê-lo a Deus sem o espírito das bem-aventuranças” (LG, 30). Nos anos pós-concílio, os institutos religiosos foram se adequando às mudanças contingentes e aos contextos históricos. Seguindo por esse caminho, muitas foram as escolhas corajosas feitas de maneira sinodal.

A Vida Religiosa Consagrada deve ter, como exemplo, o próprio Cristo que “consumou a obra da redenção na pobreza e na perseguição” (LG, 22). Pela profissão dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, a Vida Religiosa Consagrada é um sinal que resplandece o jeito de viver um estilo de vida que corresponde a uma escolha vocacional. Diante do mundo, o fundamental é dar testemunho de Deus no caminhar juntos. Um testemunho escatológico, que consiste em transcender as estruturas temporais, para trazer presente o próprio Deus: “...ora manifesta aqui já neste mundo a todos os fiéis a presença dos bens

celestes, ora dá testemunho da nova e eterna vida conquistada pela redenção de Cristo, ora denuncia a ressurreição futura e a glória do Reino celeste” (LG, 44).

Considerações Finais

A Vida Consagrada, em suas diversas formas, tanto apostólica, como contemplativa e monástica, é evangelizadora pela sua própria existência. Ela é sinodal e evangeliza a medida em que vive radicalmente a experiência cristã e testemunha a entrega total no seguimento de Cristo. Sua força pastoral vem, sobretudo, do fato de ser expressão do seguimento de Cristo no meio do Povo de Deus.

Compreendemos que a Vida Religiosa Consagrada nasce em e para a Igreja. Nasce de sua vitalidade intrínseca, como expressão máxima de si mesma, como sua radiografia ou seu substrato mais profundo. Nasceu na margem na história da Igreja, porém, não é algo marginal à Igreja, ela expressa-se em sua pureza total, naquilo que é e naquilo que tende a ser.

Na história atual, observamos que outros tipos de Vida Religiosa estão nascendo, deslocando a ênfase e configurando a nova experiência, especialmente no nível da Comunidade. A mentalidade pós-moderna, que demonstra uma sede ardente do

Compreendemos que a Vida Religiosa Consagrada nasce em e para a Igreja. Nasce de sua vitalidade intrínseca, como expressão máxima de si mesma, como sua radiografia ou seu substrato mais profundo. Nasceu na margem na história da Igreja, porém, não é algo marginal à Igreja, ela expressa-se em sua pureza total, naquilo que é e naquilo que tende a ser.

sagrado junto com uma secularização invasiva. O fascínio do transcendente juntamente com o desequilíbrio sexual, uma sede de amor e intimidade junto com certo transtorno descontrolado na vida afetiva que são desafios contemporâneos. Que a compreensão da sinodalidade traga mais comunhão na vivência e participação na missão.

Questões para conversar

1. Por que a sinodalidade desperta pouco interesse eclesial?

2. Qual é lugar da Vida Religiosa Consagrada na nossa ação missionária e comunitária no processo sinodal?
3. Por que as nossas decisões comunitárias devem ser cada vez mais sinodais?

Bibliografia

CELAM. Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. Brasília; São Paulo: CNBB; Paulinas; Paulus, 2007.

----- . Documento de trabalho: Escucha en la 1ª Asamblea Eclesial para América Latina y el Caribe. Voces del Pueblo. Disponível: <https://asambleaecclesial.lat/> Acesso 19 de novembro de 2021.

----- . Documento para el Discernimiento comunitario. En la Primera Asamblea Eclesial de América Latina y el Caribe “Todos somos discípulos misioneros en salida” Disponível: <https://asambleaecclesial.lat/> Acesso 19 de novembro de 2021.

----- . Los desafíos Pastorales de la Asamblea Eclesial de

América Latina y del Caribe. Documento em PDF.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A sinodalidade na vida e na missão da Igreja. Brasília: Edições CNBB, 2018. (Documentos da Igreja, 48).

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina. Petrópolis: Vozes, 2000.

----- . Constituição Pastoral Gaudium et Spes. Brasília: Ed. CNBB, 2018.

----- . Constituição Dogmática Lumen Gentium. Brasília: Ed. CNBB, 2018.

CONRADO, S. Sinodalidade e conversão pastoral. Revista Vida Pastoral. Ano: 61 Número: 331. Fevereiro de 2020. São Paulo: Paulus.

FERREIRA, A. A Sinodalidade Eclesial no Magistério do Papa Francisco. Revista A Teo, Rio de Janeiro, v. 22, n. 59, p. 390-404, maio/agosto 2018.

FRANCISCO. Discurso do santo padre Francisco: comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos, 17 out. 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/>. Acesso: 16/09/2021.

-----. Exortação Apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

-----. Exortação apostólica Querida Amazônia São Paulo: Paulus/Loyola, 2019.

-----. Mensagem para a abertura da Assembleia América Latina e caribe.PDF.

GRECH, Card. Mário. Mensagem do Secretário-Geral do Sínodo dos Bispos, para a Assembleia Eclesial da América Latina e do Caribe. Documento PDF.



Foto: Arquivo CRB Nacional - 26ª AGE.



CRB NACIONAL
Conferência dos Religiosos do Brasil

26ª Assembleia Geral Eletiva

RESSIGNIFICAR A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA EM UMA IGREJA SINODAL

Permaneçei no meu amor (Jo 15,9)

PROCESSO DE PREPARAÇÃO

Reunião Geral: Coordenações Regionais

09 de março de 2022

Apêndice





CRB NACIONAL
Conferência dos Religiosos do Brasil

26ª Assembleia Geral Eletiva

TEMA:

Ressignificar Vida Religiosa
Consagrada em uma Igreja Sinodal

Eixos:

- Centralidade de Jesus Cristo
- Missionariedade
- Sinodalidade

LEMA:

Permaneçei em meu Amor - Jo 15,9

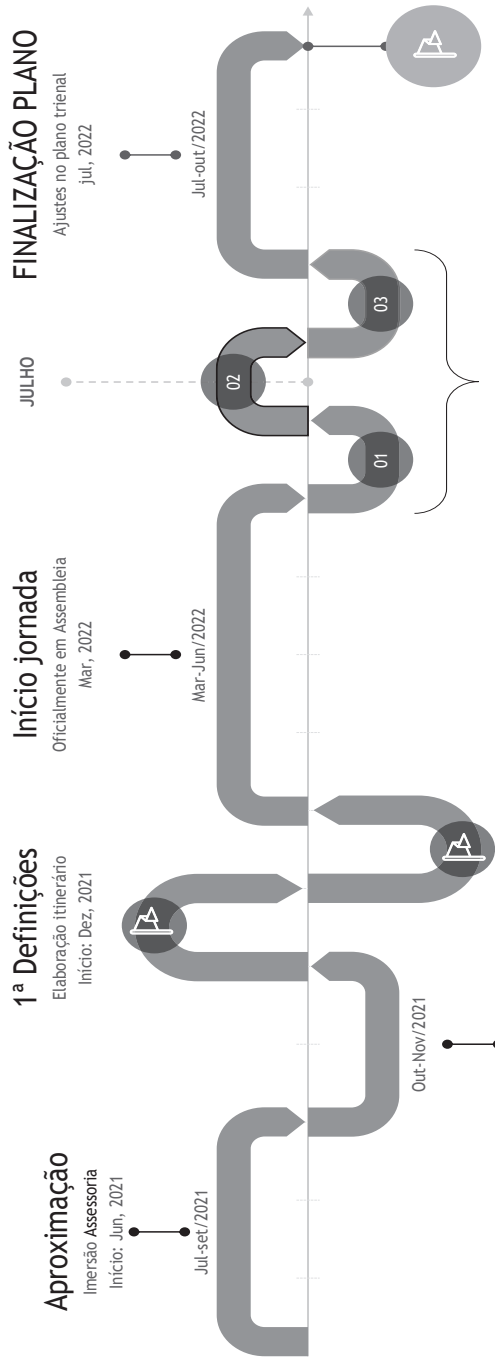


CRB NACIONAL
Conferência dos Religiosos do Brasil

26ª Assembleia Geral Eletiva

*Ressignificar a Vida Religiosa
Consagrada*

Permanecer em Igreja, Igreja, Igreja! (pgs. 15, 9)

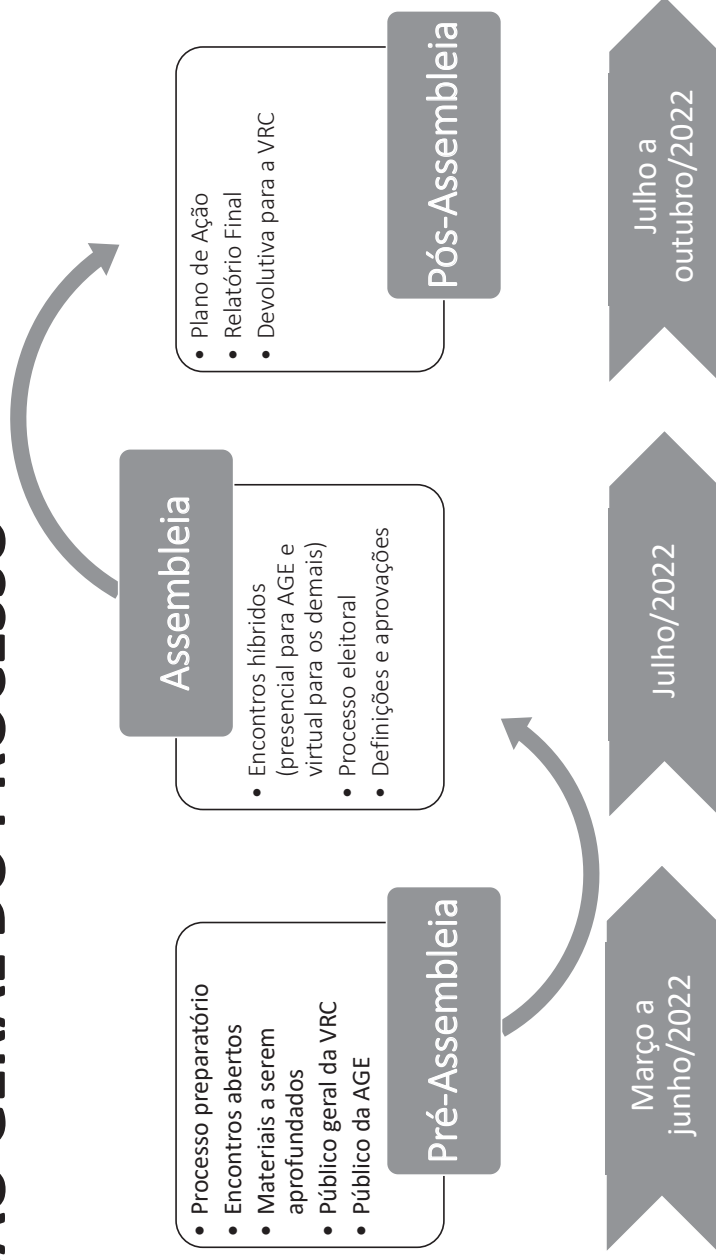


Sensibilização 1ª Deliberações
Diretoria e Assessoria Executiva
Início: Out 2021

Definições do Processo
Início: Fev, 2022

Linha do tempo

VISÃO GERAL DO PROCESSO



Olhares importantes...

- Assembleia concebida em **três momentos**: pré, evento e pós
- **Estamos em Assembleia!** Cuidados com as agendas durante o período da AGE
- Estudo de viabilização da **participação ampliada** (híbrida)
- Organização de **espaço virtual** para o processo de assembleia (**hotsite**)
- **Processo preparatório** com estudos dos temas da AGE e participações ampliadas
- Participação dos **regionais**:
 - No processo eletivo
 - Na AGE (de direito + convidados)
 - Mobilização das bases

Contribuímos e olhares regionais...

- Como regionais podem colaborar para que a AG chegue nas bases?
- Como podemos potencializar o processo preparatório das regionais?



**26^a Assembleia
Geral Eletiva**



113

CONVERGÊNCIA • ANO LVII • Nº 539 • NOVEMBRO • DEZEMBRO DE 2022

Programação



19 a 22 de julho de 2022
Colégio Maristão
SGAS 615 L2 Sul - Brasília, DF

Programação



Dia 19.07 - Terça-feira VER

10h às 13h30	Credenciamento	Hall de entrada
13h15	Coletiva de imprensa	Sala de imprensa (Transmissão ao vivo)
13h30	Animação	Auditório
14h	Acolhida do Colégio Marista	Auditório
14h05	Oração de Abertura	Auditório/ área externa
14h50	Abertura e Instalação da 26ª Assembleia Geral Eletiva <ol style="list-style-type: none"> 1. Saudação da Presidente da CRB Nacional 2. Eleição do Presidente da AGE 3. Aprovação do Regulamento da AGE 4. Eleição dos/as Moderadores/as 5. Eleição dos/as Escrutinadores/as 6. Eleição das Secretárias 7. Confirmação das/os integrantes das Comissões 8. Mesa de abertura 9. Apresentação da pauta de trabalho e apreciação da Assembleia 10. Encaminhamento dos trabalhos 	Auditório (Transmissão ao vivo)
16h	Intervalo	Pátio
16h30	Cenários contemporâneos e a ressignificação da Vida Religiosa Consagrada Assessores: Frei Luiz Carlos Susin, Ir. Laura Vicuña e Daniel Seidel	Auditório (Transmissão ao vivo)
17h30	Ressonâncias da Plenária (Fila do povo)	Auditório (Transmissão ao vivo)

18h	Eucaristia Presidência: Dom Giambattista Diquattro	Auditório (Transmissão ao vivo)
19h	Saída	

Dia 20.07 - Quarta-feira **VER E ILUMINAR**

08h	Eucaristia Presidência: Pe. Daniel Luz Rocchetti, sac	Auditório (Transmissão ao vivo)
09h	Memória da tarde anterior	Auditório
09h10	Conferência: Tema e Lema da 26ª AGE Ressignificar a Vida Religiosa Consagrada em uma Igreja Sinodal - “Permaneeci no meu amor” (Jo 15,9) Assessora: Ir. Glória Liliana Franco (CLAR)	Auditório (Transmissão ao vivo)
10h15	Intervalo	Pátio
10h45	Trabalhos de grupos sobre o “Tema e Lema da 26ª AGE” A partir do tema e do lema da 26ª AGE, quais reflexões, ressonâncias e provocações podem ser partilhadas para a Vida Religiosa Consagrada no Brasil?	Salas indicadas
11h45	Ressonâncias da Plenária	Auditório (Transmissão ao vivo)
12h20	Ressonâncias finais da Assessora	Auditório (Transmissão ao vivo)
13h15	Coletiva de imprensa	Sala de imprensa (Transmissão ao vivo)
12h30	Almoço	Pátio
13h30	Coletiva de imprensa Lançamento documento Santarém	Auditório (Transmissão ao vivo)

14h	Oração da tarde	Em cada auditório dos eixos temáticos
14h10	<p>Eixos temáticos:</p> <p>Sala 1 – Centralidade Assessoria: Ir. Afonso Murad Experiência concreta: Ir. Maria Carmelita de Lima Conceição</p> <p>Sala 2 – Sinodalidade Assessoria: Ir. Maria Helena Morra Experiência concreta: Ir. Guaracema Siqueira Tupinambá</p> <p>Auditório – Missionariedade Assessoria: Pe. Daniel Luz Rocchetti Experiência concreta: Ir. Sandra Regina Amado e Ir. Joaquina Honório Madeira</p>	<p>Auditório + 2 mini auditórios</p> <p>Transmissão ao vivo (apenas do grupo que estará no auditório principal)</p>
15h10	<p>Trabalho em grupo Pergunta geradora: À luz da temática tratada no eixo, quais são os elementos para construção de horizontes e prioridades da CRB Nacional para o próximo triênio?</p>	Salas indicadas
16h	Intervalo	Pátio
16h20	Apresentação do Relatório Financeiro e de Atividades.	Auditório (Transmissão ao vivo)
18h	Apreciação do Relatório Financeiro e de Atividades	Auditório (Transmissão ao vivo)
18h15	Momento orante: Motivação para o discernimento dos processos eletivos da 26ª AGE - Ir. Teresinha DelAcqua	Auditório (Transmissão ao vivo)
19h	Saída	

07h30	Animação	Auditório
08h	Eucaristia Presidência: Pe. Antônio Ramos de M. Neto, osj	Auditório (Transmissão ao vivo)
09h	Memória do dia anterior	Auditório (Transmissão ao vivo)
09h10	Horizonte e Prioridades da CRB Nacional Assessores temáticos: Ir. Afonso Murad, Ir. Maria Helena Morra e Pe. Daniel Luz Rocchetti Motivação e orientação para o trabalho em grupos, em vista do HORIZONTE e das PRIORIDADES para o Triênio 2022/2025	Auditório (Transmissão ao vivo)
10h15	Intervalo	Pátio
10h45	Trabalho em grupos - Horizonte e Prioridades Pergunta geradora: A partir dos caminhos percorridos durante a 26ª AGE, quais os indicativos para o HORIZONTE e as PRIORIDADES do próximo triênio da CRB Nacional?	Salas indicadas
12h30	Almoço	Pátio
13h30	Coletiva de imprensa	Sala de imprensa (Transmissão ao vivo)
14h30	Momento orante: Motivação para o discernimento do Horizonte e das prioridades - Ir. Teresinha Del Acqua	Auditório
14h40	Apresentação do Horizonte e das Prioridades para o Triênio 2022/2025	Auditório

15h às 16h	Trabalho em grupos - Prioridades e ações	Auditório
16h	Intervalo	Pátio
16h30	Eleição de Presidente da CRB Nacional	Auditório
17h	Votação do Horizonte e das Prioridades para o Triênio 2022/2025	Auditório
18h	Mensagem Final da 26ª AGE (proposta inicial)	Auditório
18h30	Noite Cultural e Jantar	Área externa (Transmissão ao vivo)
20h	Saída	

Dia 22.07 - Sexta-feira

AGIR

08h	Oração da manhã	Auditório (Transmissão ao vivo)
08h45	Eleição da Diretoria da CRB Nacional	Auditório
10h	Intervalo	Pátio
10h30	Eleição do Conselho Fiscal a CRB Nacional	Auditório
10h30	Apresentação da Mensagem final da 26ª AGE	Auditório (Transmissão ao vivo)
11h30	Agradecimentos Palavras de encerramento da 26ª AGE	Auditório (Transmissão ao vivo)
12h	Eucaristia e envio: Presidência: Dom Walmor Oliveira de Azevedo - Presidente da CNBB	Auditório (Transmissão ao vivo)
13h30	Almoço e saída	




**CRB NACIONAL
REGIONAIS**



CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
CONFERENZA DE LOS RELIGIOSOS DEL BRASIL
BRAZILIAN RELIGIOUS CONFERENCE
CONFERENZA RELIGIOSA BRASILIANA



ASSINATURA DA REVISTA CONVERGÊNCIA 2022

Para assinaturas novas ou renovação, preencher o cupom e enviar para: convergencia@crbnacional.org
Pode também acessar o site e imprimir o boleto: www.crbnacional.org.br

Nome completo:
Congregação:
Endereço:
CEP (código postal): Cidade: UF: País:
Nova assinatura () Renovação ()
Telefone: () E-mail:
Forma de pagamento:
Efetivo () Depósito Bancário () Agência: C/C:

Valor da Assinatura:

Brasil: R\$ 145,00 América Latina e Caribe: U\$ 80 Europa: E 70 Outros países: U\$ 100

1. Brasil: O pagamento pode ser efetuado na sede da CRB Nacional ou nas regionais. Pode também efetuar o pagamento na conta da CRB: Banco do Brasil: Ag: 452-9 - C/C: 306934-6 (enviar o comprovante por e-mail ou entrar em contato (61) 3226-5540).
2. América Latina e Caribe: O pagamento pode ser feito em cheque, em dólar no Banco do Brasil em nome da Conferência dos Religiosos do Brasil. Enviar o comprovante por e-mail (convergencia@crbnacional.org.br)
3. Outros países: pode ser feito em cheque, em dólar (para tanto se for em euro deve fazer a devida conversão para dólar). Enviar o comprovante para a CRB Nacional (convergencia@crbnacional.org.br).